

EXCLUSIVO OS DETALHES DA INVESTIGAÇÃO DE UM MINISTRO DO STJ ACUSADO DE ASSÉDIO SEXUAL



Editora ABRIL
edição 3006 - ano 59 - nº 30
31 de julho de 2026

veja

www.veja.com



UM MONUMENTO À DEMOCRACIA

As urnas eletrônicas fizeram do Brasil referência mundial em eleições livres, íntegras e auditáveis – atacá-las é desserviço às instituições



MENOS RUÍDO. MAIS CONTEXTO.



Conteúdo Abril em todas as
plataformas, para sua escolha.



Assine agora





ASSINATURAS

www.assineabril.com.br

VENDAS CORPORATIVAS E VENDAS EM LOTE:

assinaturacorporativa@abril.com.br

ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES:

minha.abril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200

TELEFONES: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Todo acervo publicado de Veja está
no App Veja. Baixe aqui



LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de
reprodução de textos e
imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA

Para inserir as marcas do
Grupo Abril em produtos e
negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL, IMPRESSO E TV

e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO

https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Marcelo Marthe, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editores:** Alessandro Giannini, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Anna Carolina Satie Suguihara Silva, Bruno Caniato Tavares, Bruno Enrique Silva Andrade, Camila Mazzotto de Carvalho, Carolina Neves Ferraz do Amaral, Elisabete Alexandre da Silva Leite, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Soderini Erlich, Gustavo Machado da Costa, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, João Marcos Nogueira Santos, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall’Agnol, Laura Pazin Kaiser, Ligia Greco Leal de Moraes, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro Henrique Almeida Godoy, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Thiago Gelli Carrascoza, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro **Estagiário:** Lorenzo Souza Daniel **Sucursais: Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Daniel Sá Fortes Gullino de Faria, Gabriel de Souza Sabóia Ribeiro, Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, Paula de Barros Lima Freitas, Rayssa Ferreira da Motta **Estagiários:** Beatriz Haddad Ferreira, Gustavo Coutinho Villela, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Luiza Torrico Zubelli, Natalia Tiemi Hanada **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyrr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/@veja



@vejamaais



linkedin.com/company/veja-com



@VEJA



facebook.com/veja



tiktok.com/@revista_veja

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **DIRETOR DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL** Marcelo Moreira,
GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 3 006 (ISSN 0100-7122), ano 59, nº 30. **VEJA** é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

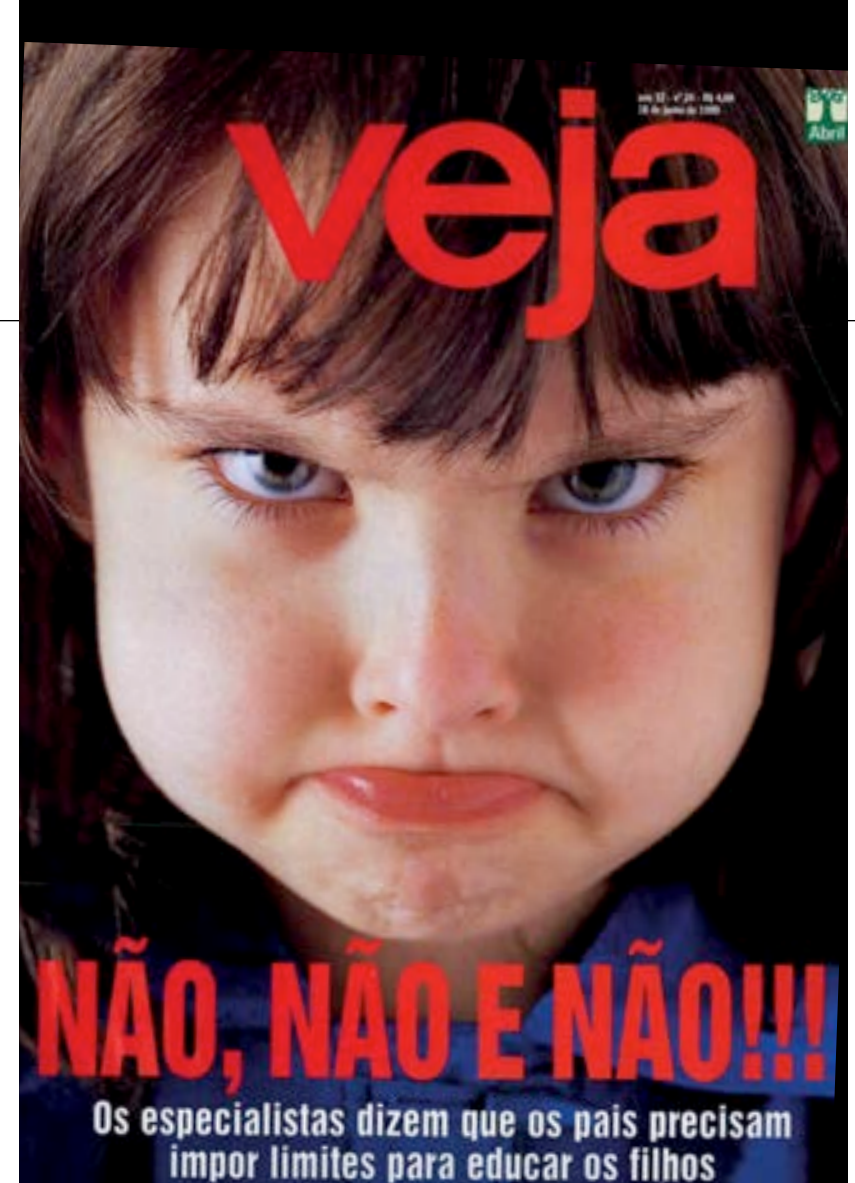
IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001



www.grupoabril.com.br

NIGEL DOBINSON/GETTY IMAGES



INACEITÁVEL As palmadas celebradas no passado:
recurso autoritário sem nenhum efeito

A EDUCAÇÃO PELO BOM SENSO

HÁ MÁXIMAS que soam como chavões e só ganham o status de lugar-comum por resumirem à perfeição ideias fundamentais. Na canção *Beautiful Boy*, do álbum *Double Fantasy*, de 1980, John Lennon bebeu de um celebrado jornalista e caricaturista americano, Allen Saunders, para criar um verso imortal: “A vida é o que acontece enquanto você

está ocupado fazendo outros planos”. Com uma leve piscadela para o humor e a ironia, é assim também com o jornalismo profissional, no avesso da emergência efêmera das redes sociais. Há guerras, a radicalização ideológica embaça as discussões partidárias, as dificuldades financeiras doem no bolso e a falta de segurança assusta — contudo, o cotidiano dentro de casa e a existência em sociedade devem seguir, como ilhas ao redor do mundo em turbulência que precisam ser iluminadas.

Ao longo de seus quase sessenta anos de história, VEJA sempre manteve olhar atento às mudanças de comportamento, especialmente em torno da passagem da infância e adolescência para a idade adulta, e ao modo pelo qual os pais educam filhos. É uma maneira interessante, e talvez até mais forte, de registrar a sucessão do tempo, a revolução de humores. A intimidade pode ser mais reveladora do que a ágora pública. Até meados dos anos 1950, a criança era encarada como um selvagem a ser civilizado por meio de castigos, de palmadas, se fosse o caso, e sem nenhum afeto. Nos anos 1960 e 1970, tudo mudou — e então ficamos sabendo que o amor, e só o amor, era a fórmula para o crescimento saudável. As surras de palmatória deram lugar à liberdade quase absoluta, e nesse tom andou a humanidade, porque carinho é fundamental.

Uma reportagem desta semana de VEJA, conduzida pelo editor Ricardo Ferraz e pela repórter Duda Monteiro de Barros, volta a abordar o tema, ao mostrar como a polariza-

ção política invadiu também a educação infantil, na acalorada contenda entre os defensores do modelo baseado em autoridade e limites claros e os adeptos do diálogo e do acolhimento. Na França, brotou ainda mais fervura, com o sucesso de livros como *Já para o Quarto!* e *As Crianças Precisam de Limites*, da psicóloga Caroline Goldman, que prega a prática de um antigo e terrível recurso, o castigo em forma de isolamento. Para ela, as famílias cuidadosas têm criado uma “geração mimada”. Como sempre, a verdade está no meio — é o que se conclui dos depoimentos de especialistas, mães e pais ouvidos por VEJA. Trata-se de abandonar as certezas absolutas em nome de mais responsabilidade, saudável presença e bom senso. ■

JHSF
SURPREENDENTE

BOA VISTA
VILLAGE

GOLF • SURF • TÊNIS • EQUESTRE • TOWN CENTER

É BOA VISTA, É IGUAL E É DIFERENTE.

SAIBA MAIS



FOTO REAL DA PRAIA PRIVATIVA DO BOA VISTA VILLAGE

CLAUDIO GATTI



“NEM PT NEM BOLSONARO”

O líder do PSD e candidato a vice-presidente da República conta que rejeitou convites de Lula e do bolsonarismo para alianças e diz que ambos cometem erros políticos e têm limitações eleitorais

LAÍSA DALL'AGNOL

CONHECIDO PELO trabalho nos bastidores, Gilberto Kassab criou, em 2011, o Partido Social Democrático (PSD), agremiação que não seria “nem de direita nem de esquerda nem de centro”, como definiu. Quinze anos depois, a sigla que comanda tem o maior número de prefeitos (887) e de governadores (seis) e uma bancada robusta no Congresso, com 49 deputados e treze senadores. Neste ano, Kassab decidiu enfrentar as urnas pela primeira vez desde 2014, quando tentou, sem sucesso, o Senado por São Paulo, e é candidato a vice-presidente da República na chapa do colega de legenda Ronaldo Caiado (*leia a reportagem “Desafio à direita”*). Para ele, tanto o presidente Lula (PT) quanto o senador Flávio Bolsonaro (PL) cometem erros políticos e têm limitações eleitorais, e por isso há espaço para conquistar o cidadão que não quer nenhum lado da polarização. “Recebemos os legítimos convites do PT e do bolsonarismo para caminhar junto com eles, mas entendemos que esse não era o melhor caminho para o Brasil”, diz.

A direita está muito fragmentada neste ano, com mais de uma candidatura presidencial e muitos partidos sem apoiar nenhum nome. Acha possível um redesenho desse campo político depois da eleição? Depois de muitos anos, pela primeira vez, a esquerda corre com um único candidato, que é o Lula. Ele conseguiu reunir toda a esquerda, mas isso mostra que terá dificuldade no segundo turno, porque não terá mais o que somar. A di-

reita segue hoje por vários caminhos, mas vai se unir e crescer ainda mais. Acho muito difícil que uma pessoa que vota, por exemplo, no Flávio Bolsonaro não escolha Ronaldo Caiado caso ele vá para o segundo turno. Então, o nome da centro-direita vai crescer mais do que Lula, e acho que Caiado pode inclusive ultrapassá-lo. O Flávio, acho que não.

O senhor sempre foi considerado um hábil articulador político, mas o PSD está sozinho na eleição. Acha que cometeu algum erro? A gente sempre comete erros, mas até o momento acho que os acertos foram maiores. Defi-

“Lula conseguiu reunir toda a esquerda, mas terá dificuldade no segundo turno, porque não terá mais o que somar. A direita segue por vários caminhos, mas vai se unir e crescer mais”

nimos que teríamos candidatura à Presidência, e o tempo mostrou que isso é adequado, porque 40% das pessoas não querem nem o PT de Lula nem o PL de Bolsonaro. Nós prestigiamos projetos locais. Projeto nacional é outra coisa. Lá na frente, quando tivermos o fim das coligações majoritárias, não vamos ter mais esse problema. Mas, enquanto tiver essa excrescência do sistema partidário, temos que conviver com isso. Aqui em São Paulo, por exemplo, nós estamos apoiando o Tarcísio de Freitas (*Republicanos*) para governador, que tem o Flávio como candidato. Já no Rio de Janeiro, apoiamos o Eduardo Paes (*PSD*) e ele tem uma relação com Lula. No Ceará, o Ciro Gomes é do PSDB, mas disse que Caiado pode ser a melhor opção para o Brasil.

O senhor já foi aliado do PT, foi ministro de Dilma Rousseff e o PSD integra o governo atual. Como é a relação com Lula? O forte do PSD é o diálogo. O PT sempre soube que nós não éramos um partido de esquerda e, em alguns momentos, tivemos uma aliança episódica. Mas vamos lembrar que em 2018 apoiamos Geraldo Alckmin (*então no PSDB*) para presidente da República, perdemos a eleição e não participamos do governo Bolsonaro. Ficamos independentes.

A independência funciona? Em 2022, nos esforçamos muito para que o candidato fosse Rodrigo Pacheco e, de-

pois, Eduardo Leite. Não tivemos a oportunidade de contar com eles. O tempo foi passando, acabamos ficando sem candidato e o partido ficou liberado: cada um apoiaria quem quisesse. Quem apoiou Lula legitimamente está com ele até hoje. A eleição é para isso, para ver quem vai governar. O partido estava liberado. Seria uma incoerência muito grande falar “agora chega, vem para a oposição”. Mas todos os que estão no governo ou o apoiam têm tido o comportamento muito adequado de entender que temos um projeto nacional e que a gente não está misturando isso com projetos locais. Então essa relação com Lula é específica de quem esteve com ele.

Lula tentou atrair o PSD para sua chapa à reeleição? No nosso último encontro, há alguns meses, ele me consultou se teria oportunidade de o PSD apoiá-lo. Falei que não, de uma maneira muito respeitosa. Disse que iríamos caminhar com uma candidatura própria ou uma aliança com Tarcísio de Freitas. E foi o que aconteceu.

Por muitos anos, o PSDB atraiu o voto do eleitor à direita. De 2018 para cá, Jair Bolsonaro acabou se tornando a grande referência desse eleitorado. O PSD se propõe a ser o novo nome desse campo político? Não. O PSDB nasceu na esquerda. Com o crescimento do PT, foi jogado para a centro-direita. O PSD também está nesse espaço, que ocupa com dimensão muito grande. Já na esquerda o

PT vai continuar existindo. Ele já superou muitas adversidades, momentos difíceis, como a Lava-Jato, o mensalão, e sobreviveu. É um partido independente de Lula. É lógico que Lula é a sua figura maior, mas outras surgirão.

O ex-presidente Jair Bolsonaro cumpre prisão domiciliar após condenação por tentativa de golpe de Estado. Como avalia o futuro do bolsonarismo? Bolsonaro reconstruiu a direita no Brasil. Tinha a direita do Paulo Maluf. Agora tem a direita do Bolsonaro, dentro do PL. Ele organizou esse campo e é o seu líder. Isso veio para ficar. É evidente que, na medida em que ele esteja distante, acaba ficando um pouco mais fragilizado. Mas sua corrente não vai desaparecer.

Como avalia a pré-campanha de Caiado até agora? Estou muito confiante, muito otimista. Acredito que ele tenha grandes chances de crescer, de ir para o segundo turno e ganhar as eleições. Até porque tem ficado claro que, para derrotar o PT, Caiado é, sem dúvida, o melhor nome. As pessoas que não querem mais o PT estão percebendo que, se Flávio Bolsonaro for para o segundo turno, Lula vencerá de novo.

Por que Flávio Bolsonaro, embora lidere o campo da direita, tem dificuldade para atrair siglas à direita, como União Brasil, PP e Republicanos? Isso tem importância

relativa. Até alguns anos atrás, o apoio dos partidos era muito mais relevante. Eles traziam o tempo de televisão e de rádio, e numa campanha isso era de fundamental importância. Não existiam as redes sociais, não existia a TV paga. Eram só os canais abertos. Então, eram eles que traziam cada segundo a mais. Hoje, esse tempo que agregam não é tão relevante. O mais importante em relação a Flávio é que a rejeição dele é muito alta. Por isso Caiado é mais competitivo no segundo turno.

O senhor defendeu a candidatura presidencial do governador Tarcísio de Freitas (*Republicanos*) e ele depois construiu ampla aliança em São Paulo. Isso mostra que

**“Sou contra
esse modelo de emendas e
defendo que seja revisto.
É um absurdo
o volume de recursos que não está
integrado com o plano de governo
nem com as políticas nacionais”**

ele seria um nome melhor que Flávio? Existia um movimento muito grande de lideranças importantes do Brasil entendendo que o Tarcísio seria um nome bastante viável. Mas esse assunto está encerrado. O Tarcísio tem feito um grande governo, tem o apoio do PSD por isso. Aliás, somos o principal aliado dele.

Mas o PSD acabou não tendo nenhum nome na chapa de Tarcísio. O senhor ficou chateado com isso? Não. Se a gente tivesse algum empecilho, não estaria apoiando. A relação com ele é muito boa, até porque acreditávamos que ele seria um bom governador. Venceu as eleições, parceiro de primeira hora, e continuamos com ele. Tenho certeza que ele vai vencer.

Presidentes de partidos foram intimados pelo ministro Flávio Dino, do STF, a explicar se tinham cotas em emendas parlamentares, como disse o cacique do PL, Valdemar Costa Neto. Ficou irritado com isso? Não. Recebemos uma intimação, respondi ao ministro o que tinha que responder (*ele negou que tivesse algum tipo de cota*), e acho que o Valdemar tem que responder a ele também.

As emendas deram mais poder ao Legislativo em relação ao Executivo. Acha que esse mecanismo deveria sofrer alguma mudança? Sou contra esse modelo. É um absurdo o volume de recursos que não está integrado com

o plano de governo nem com as políticas nacionais. Já defendi isso inclusive junto à nossa bancada. Um orçamento federal é feito para ser executado por um presidente eleito com um programa. Então, 60 bilhões de reais de emendas, muitas delas paroquiais, é dinheiro que daria, só na cidade de São Paulo, para construir duas linhas de metrô por ano. Sei que defender isso tem um certo desgaste com parlamentares, que entendem ser uma conquista deles, mas as emendas poderiam ser feitas de outra maneira.

O senhor vê a possibilidade, a curto ou médio prazo, de ajuste desse mecanismo? Com Caiado, sim. Com Flávio, insisto, acho difícil ele ganhar a eleição. Com Lula, não vejo, porque já está há quatro anos e não mudou.

Lula tem tido problemas para aprovar pautas consideradas vitrines da gestão, como o fim da escala 6x1. O que explica essa dificuldade? Quem vai ser contra dar um dia a mais de folga ao trabalhador? O que não pode é ser uma medida eleitoreira, que dispense discussões, envolvendo algo tão importante. Se não é eleitoreira, para que ter pressa? Acho inevitável que essa medida seja aprovada algum dia. Mas hoje muitos setores produtivos estão se manifestando contra, dizendo que vão quebrar e que isso vai gerar prejuízo ao trabalhador. O que a gente defende apenas é que a iniciativa seja avaliada com muita cautela, para que se faça a transição adequada.

Mas o governo tem tido dificuldades com outras ações que considera prioritárias, como a PEC da Segurança Pública. Por que isso ocorre? Nessa questão do combate ao crime é preciso ter coragem para fazer o que é certo. O que Lula precisa fazer, e não fez, é dialogar, construir uma integração com os estados, preservando a autonomia deles. Cada unidade da federação com a sua realidade, para que o poder público tenha uma velocidade maior nas respostas à sociedade.

O que acha da crise envolvendo Brasil e EUA sobre a imposição de tarifas maiores aos produtos brasileiros? Tanto o PT de Lula quanto o PL de Bolsonaro erraram. Quando houve a primeira medida envolvendo tarifas, o Eduardo Bolsonaro comemorou e disse que influenciou para que ela fosse adotada. O Flávio fez aquela infeliz viagem aos EUA para pedir que Donald Trump deixasse as medidas para depois da eleição. E Lula deixou claro a sua dificuldade em manter diálogo. ■

MUITA INFORMAÇÃO PRECISA DE



A BandNews TV está comemorando 25 anos com nova programação, estúdios mais tecnológicos e um time de analistas para levar até você tudo de política, **economia**, agro, mundo, esporte e negócios.

ANÁLISE PARA FORMAR OPINIÃO.



**BAND
NEWS**
TV

25
ANOS

NA VELOCIDADE DA NOTÍCIA

FORA DE CONTROLE



A CADA VERÃO, a paisagem europeia é tomada por labaredas insufladas pelo calorão, que piora à medida que o aquecimento global avança. A atual temporada adicionou ao cenário a combinação de recordes de temperatura com os

DAMIEN REMBERT/EPA/EFE

resquícios da severa seca do inverno que passou, o que transformou a vegetação em puro combustível.

Os países mais castigados até agora pela fúria das chamas são Espanha e França, onde fortes ventos contribuem para espalhar o fogo, que engole vastas áreas na bela região vinícola de Bordeaux e imediações, como na comuna de Arès, onde bombeiros correm para tentar

debelar os incêndios. “Estamos diante da mais difícil crise dessa natureza desde a Segunda Guerra Mundial”, disse o presidente francês Emmanuel Macron. A devastação se espalhou por uma área equivalente a 430 campos de futebol que, reduzida a cinzas, forçou 320 000 pessoas a deixar tudo o que restou para trás para escapar da gigantesca queimada que não dá sinais de arrefecer. Ao menos quinze pessoas morreram. Cientistas alertam agora para o risco de formação das chamadas nuvens de fogo, que levam a tempestades implacáveis, um fenômeno inédito nas porções afetadas que pode impossibilitar o trabalho de quem se infiltra na cortina de fumaça para salvar vidas. Em solo espanhol, os focos ameaçam atingir Madri, e o primeiro-ministro Pedro Sánchez anunciou um pacote milionário para tornar as cidades mais resistentes às irrefreáveis mudanças climáticas. O infernal caldeirão desses últimos dias não deixa dúvidas: não há tempo a perder. ■

Amanda Péchy

“QUERO FICAR O RESTO DA VIDA NO SBT”

Aos 22 anos, filho do meio de Fausto Silva celebra a vice-liderança nas noites de sábado com o *Programa do João* na emissora da família Abravanel – e reconhece o legado familiar



HERANÇA

O apresentador: “Dentro de casa, o trabalho sempre foi valorizado”



Em agosto, o *Programa do João* completa um ano. Qual seu balanço? Estamos evoluindo, renovando, temos que cansar do conteúdo antes do público. Vivo um momento mágico, não imaginava que a audiência seria tão boa, tanto no digital quanto na TV. No dia 23 de maio, tivemos a maior audiência da história do programa, com 3,2 pontos de média — e fizemos 2,2 pontos de média no primeiro semestre deste ano. Não é pouca coisa.

Como vê a briga por audiência entre SBT e Record pela vice-liderança? Acho que cada canal é único. Não tem segredo ou receita. Estar no segundo lugar é algo muito bacana, fico emocionado de ter alcançado um feito desse pela minha idade e pelo pouco tempo de carreira. Temos uma equipe forte e um grande suporte do SBT. Sou só uma peça nesse quebra-cabeça.

Contudo, é uma peça que carrega o legado de ser filho do Fausto Silva. O que aponta como essencial para que sua carreira desabroche longe da sombra dele? Dentro da minha casa, sempre foi valorizado o trabalho. Comecei a trabalhar cedo no rádio e sempre foi uma coisa divertida, não uma carga pesada. O deslumbre com esse mundo da TV nunca foi um ponto central na minha vida — é uma característica da minha personalidade e também da minha criação.

Sua família é discreta sobre o estado de saúde do Faustão. Mas, de vez em quando, você e seus irmãos, Lara, 28, e Rodrigo, 18, celebram nas redes sociais bons momentos junto

dele. Como é essa dinâmica familiar? Quando éramos crianças, estávamos sempre juntos, mas quanto mais velho a gente fica, mais a agenda fica cheia. Então, poder juntar todo mundo é uma coisa de que fazemos questão. Essa união é muito especial e necessária. Porque o tempo vai passando, mas temos essa mentalidade de que é importante manter a proximidade, seja um jantar ou apenas assistir a um jogo em família.

Um caminho provável para você, aos 22 anos, seria seguir jovens produtores de conteúdo que investem em influência digital. Por que preferiu a TV? A televisão é onde consigo atingir o meu público — de certa forma, herdei uma boa parte do meu pai, que é muito querido por tanta gente. E ela é democrática, é presente no Brasil inteiro.

O que pode adiantar sobre as reformulações que planeja para o programa em um futuro próximo? Tenho vontade de colocar plateia no programa; é algo que as pessoas pedem desde a estreia e acho que é bom começar menor para ir aumentando, seja em tempo de duração ou em estrutura.

Como é sua relação com a família Abravanel? Sou muito grato e feliz por essa parceria na emissora. É como estar no Olimpo do entretenimento. Se eu puder, quero ficar para o resto da vida no SBT. ■

Kelly Miyashiro

APRESENTADO POR **keeta**

AS REGRAS DE CONCORRÊNCIA NO DELIVERY

Com a chegada de novos players ao Brasil, setor vive discussão sobre práticas que impactam inovação e liberdade comercial de restaurantes, entregadores e consumidores

Impulsionado pela pandemia e já consolidado como parte da rotina de milhões de brasileiros, o mercado de delivery segue em ritmo acelerado no país. Segundo o Índice de Desempenho do Foodservice (IDF), o setor registrou crescimento nominal de 3,2% nas vendas em maio de 2020 – o delivery respondeu por 26,7% das vendas totais.

Dados da plataforma Statista projetam que o mercado brasileiro de delivery deve movimentar quase US\$ 28 bilhões em 2029, com crescimento médio anual de 7,05%.

Com novos players, cresceu o debate sobre práticas de concorrência, tema que vem sendo analisado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) desde 2021.

A discussão voltou a ganhar força com a chegada da Keeta ao Brasil. A plataforma anunciou investimento de R\$ 5,6 bilhões no país ao longo de cinco anos, mas vem encontrando entraves para ampliar sua operação.

DEBATE SOBRE AS CLÁUSULAS

No centro do debate estão as chamadas cláusulas de banimento, mecanismos contratuais que impedem

restaurantes parceiros de operar com plataformas específicas.

De acordo com Gesner Oliveira, economista e ex-presidente do CADE, as cláusulas de exclusividade, por exemplo, podem ter um racional econômico legítimo. “Ela prevê atuação exclusiva entre duas partes e pode fazer sentido em situações específicas. Há casos em que esse modelo viabiliza negócios e gera eficiência”, afirma.

A cláusula de banimento opera de forma diferente. “Trata-se simplesmente de uma restrição direcionada para impedir que um concorrente consiga acessar parceiros importantes, o que produz um efeito anticoncorrencial bastante relevante”.

O IMPACTO PARA CONSUMIDORES E RESTAURANTES

Segundo o economista, quando há concentração excessiva e barreiras à entrada de novos players, o setor tende a evoluir mais lentamente. “O consumidor sente os efeitos no curto prazo, em preço e quantidade. No médio e longo prazo, os efeitos são menos incentivo para investir em tecnologia, melhorar a experiência do aplicativo e inovar na plataforma. O resultado

tende a ser um mercado menos dinâmico, menos inovador e menos eficiente”, aponta.

Hoje, segundo dados citados pela Keeta, cerca de 50% das redes de restaurantes com cinco lojas ou mais no Brasil estariam sujeitas a acordos de exclusividade ou banimento.

O CADE deve julgar o processo da Keeta em relação às cláusulas de banimento, enquanto, no Poder Judiciário, o tema será analisado pelo TJSP. A justiça de São Paulo já reconheceu, em primeira instância, a ilicitude das cláusulas de banimento.

QUAL É A DIFERENÇA?

EXCLUSIVIDADE

Acordo para atuação exclusiva em uma plataforma



BANIMENTO

Proibição de atuar com concorrentes determinados

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

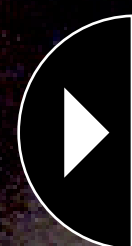
DESENVOLVIMENTO QUE SE VÊ NO **DIA A DIA**



O progresso de uma cidade se mede pela **rotina das pessoas**. Das ruas integradas pelo **transporte gratuito** às oportunidades geradas pela economia solidária e pela inovação, **Maricá** segue consolidando **políticas públicas** de excelência para transformar o presente e **construir o futuro**.

O SINGUE DA PANTERA COR-DE-ROSA

FRANS SCHELLEKENS/REDFERNS/GETTY IMAGES



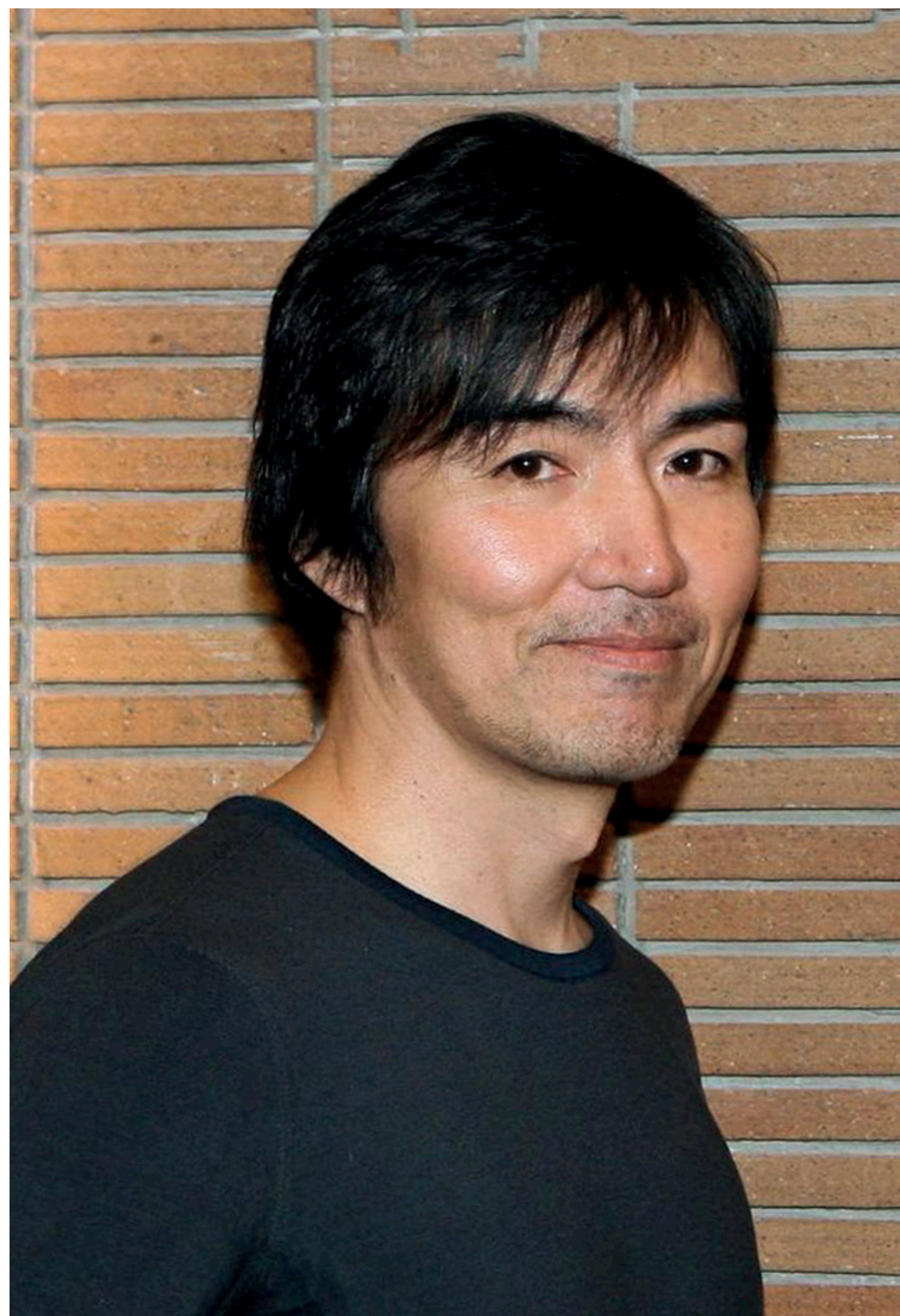


É, sem dúvida alguma, um dos mais conhecidos temas de abertura da história do cinema. E atire a primeira pedra quem não associar os créditos iniciais de *A Pantera Cor-de-Rosa*, de 1963, com o suingue irresistível do saxofone tenor de **Plas Johnson**. Requisitado músico americano, figurinha carimbada nas gravações de Frank Sinatra e Ella Fitzgerald, ele foi escolhido pelo compositor da trilha, Henry Mancini, que dizia tê-lo selecionado desde que começou a rabiscar as notas na pauta de papel. Mancini compôs a obra-prima depois de ver algumas cenas do bicho animado, a caminhar de modo malemolente pela tela. Como reproduzir os passos manhosos, com pausas dramáticas que parecem espiar o perigo? Como imprimir ironia aos descuidos atrapalhados do inspetor Clouseau do genial ator Peter Sellers, dirigido, na primeira versão da franquia, por Blake Edwards? Nasceu então um clássico que, para Mancini, apenas Johnson seria capaz de tocar com a necessária elegância. O “tã-ram, tã-ram, tã-ram, tã-ram, tã-ram, tã-ram...” é uma joia da civilização ocidental. Johnson morreu em 15 de julho, aos 94 anos, mas a notícia foi confirmada na semana passada.

RITMO O americano Plas Johnson: a malemolência animada pelo saxofone

UM MESTRE DO SUSPENSE

Ele escreveu 106 livros que venderam pelo menos 110 milhões de exemplares no Japão. Suas obras foram publicadas em 41 países, em traduções para o inglês, chinês, coreano, francês — e português. A *Devoção do Suspeito X* é o mais conhecido trabalho de **Keigo Higashino**, autor especializado em suspense, mistério e crimes. Há meia dúzia de filmes, por óbvio, inspirados no texto seco e inteligente ao redor de um personagem carismático como o Hercule Poirot de Agatha Christie: um certo detetive Galileo. Instado a definir seu estilo, Higashino foi claro: “Eu sempre tenho um advogado de defesa, um promotor e um juiz dentro de mim, e talvez até mesmo um réu”, disse em 2006. “Essa mentalidade me impede de escrever baseado unicamente na perspectiva de um único lado.” Ele morreu em 23 de julho, aos 68 anos, de câncer colorretal.



TSUYOSHI YOSHIOKA/THE YOMIURI SHIMBUN/AFP

BEST-SELLER Keigo Higashino: 106 livros e 110 milhões de exemplares vendidos apenas no Japão



ANATOMISTA Gunther von Hagens: escândalo com esqueletos que pareciam vivos

OS CORPOS FALAM

Foi escandaloso. Em 1995, uma exposição inaugurada no Japão e que depois percorreria o mundo, com mais de 58 milhões de visitantes, chamou a atenção para o médico anatomista alemão **Gunther von Hagens**. Seu trabalho: a exibição de cadáveres humanos preservados com um tipo de plástico, o que resultava em corpos embebidos de polímeros que, depois de endurecidos, pareciam vivos. Hagens foi acusado de sensacionalismo, mas seguiu em frente.

Quando chegou à Alemanha, o conjunto de peças foi execrado, vítima de intensa campanha de lideranças religiosas, mas o artista com conhecimento científico forense venceu a briga. Ele morreu em 24 de julho, aos 81 anos. A família informou que seus restos mortais serão preservados com o recurso que ele tornou famoso. ■

A portrait of Elon Musk, the CEO of Tesla and SpaceX, wearing a black tuxedo with a white shirt and a black bow tie. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is dark and out of focus.

“Antes do fim do ano, a Grok Imagine produzirá um longa-metragem de *A Odisseia* que será historicamente preciso e fiel a Homero.”

ELON MUSK, ao anunciar que o braço de inteligência artificial de suas empresas meterá o bedelho na bizarra polêmica em torno do filme de Christopher Nolan. Musk e outros nomes da direita conservadora acreditam existir uma versão mais fidedigna – menos “woke”, como dizem – do clássico poema da Grécia Antiga

“Vladimir Putin será visto pela história da Rússia da mesma forma que o general Franco na Espanha, Hitler na Alemanha e todos os outros ditadores.”

ANDREY KURKOV, escritor ucraniano que esteve na Festa Literária Internacional de Paraty, em entrevista a Caio Saad, de VEJA

“Daniel Ortega se transformou em ditador vitalício da Nicarágua.”

DORA MARÍA TÉLLEZ, ex-companheira de Ortega no movimento sandinista que derrubou Anastásio Somoza, em 1979. Na semana passada, o presidente nicaraguense desde 2007, simplesmente anunciou o fim de eleições no país com uma canetada

“Interrompi alguma coisa?”

PRÍNCIPE HARRY, ao fazer uma aparição surpresa, em vídeo, no reality show *MasterChef Australia*, do qual participava sua esposa, Meghan Markle

“Se atacarem minha família, vou embora. Se vocês acharem que sou uma porcaria, digam na minha cara.”

JÜRGEN KLOPP, novo treinador da seleção de futebol masculino da Alemanha

“É muita patrulha. Sou a favor da liberdade, de fazer o que quiser e não fazer o que não quiser. Gosto de falar de política, mas não de candidatos.”

PAULA TOLLER, vocalista do Kid Abelha, sem saber em quem votar nas eleições de outubro

“A curiosidade é como um jardim: você tem que plantar as sementes.”

MARCELO GLEISER, professor de física e astronomia no Dartmouth College, nos Estados Unidos

“Feliz mesmo eu sou no Brasil.”

ANITTA, ao lançar o álbum *Equilibrium II* e revelar cansaço com o cotidiano nos Estados Unidos, onde passa a maior parte do tempo

“Não fui consultada e não apoio.”

KATY PERRY, a respeito do uso de uma de suas canções, *Firework*, em um vídeo militar da Casa Branca

“É muito difícil fazer sucesso quando você está com medo. Aprender a enfrentar o medo foi uma das coisas mais importantes da minha vida.”

WILL SMITH, ator americano

“Uma miss não pode viver para agradar o algoritmo. Ela precisa viver de acordo com seus próprios valores.”

INGRID REZENDE, candidata de Roraima no concurso Miss Universe Brasil

“Será uma despedida dessa nave que me transporta para um espaço com coisas que já não me caem bem.”

XUXA, em turnê pelo Brasil com o espetáculo
O Último Voo da Nave



BLAD MENEGHEL/INSTAGRAM @XUXAMENEGHEL

SOBE

ZINÉDINE ZIDANE

Multicampeão como jogador e treinador e estrela do time que deu a primeira Copa à França, em 1998, ele assumiu, aos 54 anos, como técnico dos *bleus*.
O objetivo: o tri mundial em 2030.

WHATSAPP

O aplicativo ganhou inovações como a possibilidade de fazer chamadas de vídeo e áudio na versão web (para navegadores) e transferir ligações do celular para o computador, e vice-versa.

TOY STORY 5

A animação da Pixar ultrapassou 1 bilhão de dólares, bateu *Super Mario Galaxy* e *Michael* e virou a maior bilheteria global de 2026.

DESCE

NEYMAR

Depois da convocação controversa e atuação apagada na Copa, o maior artilheiro da seleção em jogos oficiais, com oitenta gols, admitiu ter chegado ao fim sua história com a canarinho.

MDB

Principal articulador da oposição política à ditadura, o partido, que está dividido nacionalmente, não apoiará candidato à Presidência pela primeira vez em vinte anos.

JARED LETO

Vencedor do Oscar em 2014, o ator é foco de um documentário da BBC (*Hollywood's Dark Secret*), com relatos de mulheres que o acusam de abuso sexual.

Com reportagem de Daniel Gullino, Gabriel Sabóia,
João Nogueira e Marcelo Ribeiro



MILAGRE Elmano e Lula: vídeo de petista
mostra presidente com todos os dedos

Um dilema judicial

O uso de inteligência artificial (IA) na pré-campanha tem provocado reações distintas no Judiciário. Em Brasília, um filme de Jair Bolsonaro pode render punições graves a Flávio Bolsonaro e ao próprio pai dele. No Ceará, o petista **Elmano de Freitas**, que disputará a reeleição ao governo estadual, surge em vídeo ao lado de **Lula**. Lá, a Justiça descartou punições alegando não ter identificado uso de IA. Detalhe: na produção, o Lula que apoia Elmano “recuperou” o dedo perdido em acidente de trabalho nos anos 1960.



O “Elmanolula”

A publicação de Lula com todos os dedos foi feita pelo ex-ministro Camilo Santana e pelo prefeito de Fortaleza, Evandro Leitão, ambos do PT. O vídeo mostra Elmano em várias situações, inclusive com o governador se “transformando” no próprio Lula. O PL pediu a retirada do conteúdo do ar.

Como não?

Para o desembargador Francisco Alves, no entanto, foram usadas apenas “técnicas convencionais de edição audiovisual”, sem “qualquer elemento técnico mínimo que ampare a alegação de manipulação sintética”. Alves rejeitou o pedido do partido.

A guerra petista

Prestes a confirmar sua candi-

datura na convenção, Lula lidada com uma guerra entre grupos do PT por espaços de poder e dinheiro na campanha. Os bombardeios são direcionados a Edinho Silva, voz ponderada da legenda, por alas que desejam influir na comunicação, na área jurídica e até nas agendas de Lula.

Vice decorativo

O presidente exaltou Geraldo Alckmin na convenção do PSB, na quarta, mas ainda não decidiu se o vice terá algum cargo relevante na campanha.

Fala, governador

Candidata ao Senado, Marina Silva critica o silêncio de Tarcísio de Freitas sobre o tarifaço dos EUA: “Vai tirar 4 bilhões de dólares de São Paulo e ele diz que não é problema dele”.

Sem descanso

Tarcísio, por sua vez, exalta a liderança nas pesquisas e diz que quer focar o trabalho em São Paulo: “Agora é hora de ouvir as pessoas e de nos comprometer com mais resultado, mais coragem e mais trabalho”.

Obrigado, *hermano!*

A campanha de Flávio Bolsonaro está em festa. Desde a convenção, não se fala de Master ou Daniel Vorcaro. As polêmicas com Javier Milei e sobre o vídeo de Bolsonaro, alvo do STF, ajudaram a dar um frescor ao Zero Um.

É filantropia

Alvo de penhora, o marqueteiro Eduardo Fischer alega na Justiça que não tem contratos nem valores a receber de Flávio Bolsonaro. Estava,

até esta quinta, fazendo trabalho “patriótico”.

O pecado de Cleitinho

O vídeo de Cleitinho, usando a imagem do irmão morto para justificar sua candidatura ao governo de Minas, mexeu com valores sagrados aos evangélicos, eleitores caros ao Republicanos, partido do senador mineiro.

Michelle vai ou não vai?

Candidato ao Senado em São Paulo, Ricardo Salles avalia que Michelle Bolsonaro pouco ajudará Flávio na eleição. “Essa briga não é boa para a direita, mas não acredito que ela vai embarcar de fato na campanha dele”, diz.

Um caso máster

Com o STF de volta do recesso, o ministro André Mendonça encontrará no

gabinete uma montanha de trabalho. Só no caso do Banco Master, são mais de 150 procedimentos na Corte.

Caça ao tesouro

A decisão de Mendonça de autorizar a busca de ativos no exterior não mira só Daniel Vorcaro. Também deve pegar políticos importantes com recursos ocultos fora do país.

Apostas na mesa

Relator de uma ação sobre apostas esportivas no STF, o ministro **Luiz Fux** deve apresentar na próxima semana um duro voto contra as bets. O sentimento crescente na Corte, aliás, é de que as apostas devem ser proibidas.

Debates internacionais

Ministro do TSE, Dias Toffoli palestrou, nesta semana,

ANTONIO AUGUSTO/STF



AS BETS Fux: ministro prepara voto em ação no STF sobre jogos de azar

num seminário na República Dominicana sobre democracia e IA nas eleições.

Me chama que eu vou

O presidente Lula confirmou, nesta semana, que estará na posse do novo presidente do STJ, ministro Luis Felipe Salomão, e do vice dele, Mauro Campbell, no dia 19 de agosto.

Apagão nuclear

A Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, complexo que abriga as usinas nucleares Angra 1, Angra 2 e Angra 3, não publica Relatórios de Monitoramento Radiológico Ambiental desde 2018. O MPF abriu um inquérito para investigar o apagão de dados.

Falta de transparência

O MPF também mira a Eletronuclear, por decretar sigilo sobre dados de “relatórios de eventos não usuais e das informações da escala INES”.

Ele não fala por nós

Desde que Javier Milei baixou no Brasil para atacar Lula e o STF, os celulares de Mauro Vieira foram tomados de mensagens com pedidos de desculpas de repre-

sentantes de diferentes setores da sociedade portenha.

Lua de mel

Governador interino do Rio de Janeiro, Ricardo Couto vive uma espécie de lua de mel com Lula. A aproximação coincide com o avanço das investigações que miram o bolsonarismo — e Flávio Bolsonaro — no STF.

Investimento futuro

A aproximação de Couto e Lula mira dividendos políticos para ambos no futuro, diz um interlocutor do fluminense. Se o petista for reeleito com a ajuda do Rio, o magistrado pode se habilitar a uma das vagas no STF. A ver.

O mapa do voto

O ex-presidente do PSB Carlos Siqueira lançou re-



NO PALCO D2: novo projeto sobre as matrizes culturais afro-brasileiras

centemente o livro *O Novo Perfil Eleitoral do Brasil — Como Pensa e Como Vota o Brasileiro*. Trata-se de um mapa para decifrar a crise do movimento progressista e o avanço do discurso conservador no país. “O objetivo não é oferecer respostas definitivas, mas contribuir para uma leitura mais ampla e humana do Brasil contemporâneo”, diz o livro.

Raízes afro-brasileiras

O rapper **Marcelo D2** é uma das estrelas do projeto ÀWA, um espetáculo cênico-musical dedicado à valorização da música brasileira e das matrizes culturais afro-brasileiras. A criação, que dialoga com samba, congado, tambores e cultura urbana, terá apresentações no Rio e em Vitória (ES). ■



ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

Em trinta anos, as urnas eletrônicas fizeram do Brasil referência em eleições limpas, rápidas e auditáveis, mas voltam a ser alvo de ataques que pretendem tumultuar a democracia

BRUNO CANIATO, ISABELLA ALONSO PANHO, JOSÉ BENEDITO DA SILVA E LAILA NERY

PROTEGIDA

Eleições justas e limpas: o sistema estreou em 1996 e nunca teve fraude comprovada



IMAGEM GERADA POR IA

No dia 17 de dezembro de 1994, na diplomação do presidente eleito Fernando Henrique Cardoso, o ministro Carlos Velloso, que assumira a chefia do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) havia onze dias, fez um discurso histórico. Crítico do formato de votação vigente, à base de papel, que permitia violações de todo tipo, ele afirmou estar convencido de que “as fraudes serão banidas do processo eleitoral no momento em que eliminarmos as cédulas, informatizando o voto”. Velloso fez andar a intenção. Sua gestão foi responsável pela implantação das urnas eletrônicas, testadas nas 57 maiores cidades do país já no pleito de 1996. O sucesso do modelo, que nunca teve uma única fraude comprovada, foi incapaz, porém, de afastar o assédio daqueles que militam pelo retrocesso.

Nos últimos dias, o que seria a comemoração de um prodígio da tecnologia a serviço da democracia, um totem brasileiro a ser celebrado, virou alvo de inaceitáveis ataques. O flerte com tempos obscuros vai na contramão da realidade, de mãos dadas com as chamadas fake news. O modelo informatizado passou incólume por quinze eleições em trinta anos e virou referência de votação para o mundo. Um olhar para o passado dá ideia do avanço. Em 1994, a título de exemplo dos riscos que andavam à sombra, as eleições no estado do Rio de Janeiro foram anuladas depois de um festival de irregularidades que incluiu, segundo o TRE, urnas de pano que já vinham com votos

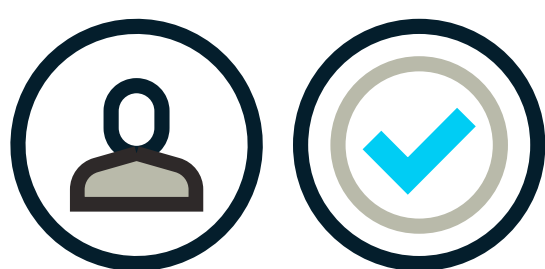
UM SUCESSO EM NÚMEROS

Equipamento eletrônico de votação estreou no Brasil na eleição de 1996



30 ANOS

É O PERÍODO EM QUE O SISTEMA ELETRÔNICO DE VOTAÇÃO ESTÁ EM OPERAÇÃO NO PAÍS



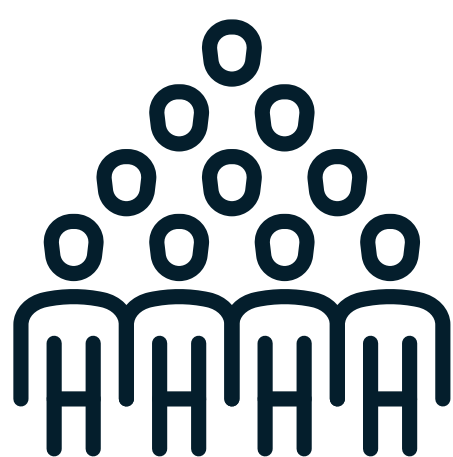
15 ELEIÇÕES

JÁ FORAM DISPUTADAS COM ESSE MODELO DE SUFRÁGIO



571 024 URNAS

FORAM UTILIZADAS NA ÚLTIMA VOTAÇÃO, EM 2024



155 MILHÕES

DE BRASILEIROS VOTARAM EM 2024, O MAIOR PLEITO INFORMATIZADO DO MUNDO



2h56min

FOI O TEMPO QUE O TSE LEVOU
PARA DECLARAR O PRESIDENTE
ELEITO HÁ QUATRO ANOS



O

FRAUDE FOI COMPROVADA
ATÉ HOJE COM O USO
DA MÁQUINA

Fonte: TSE

em seu interior, seções com comparecimento superior a 100% dos eleitores, gente detida com comprovantes de votação de pessoas ausentes e cédulas em favor dos mesmos políticos preenchidas com igual caligrafia — ilegalidades que, destaque-se, não eram exclusividade fluminense.

O atual movimento, no avesso da sensatez, era esperado. Em maio, ao assumir a presidência do TSE, o ministro Kassio Nunes Marques citou a necessidade de “preservar, aperfeiçoar e fortalecer continuamente a confiança pública em torno das urnas eletrônicas”. Foi direto ao ponto: “O sistema de votação brasileiro constitui patrimônio institucional da nossa democracia. No tocante à recepção, à apuração e à divulgação dos votos, é o mais avançado do mundo”. Marques Nunes, insista-se, deu o nome certo ao problema: “ameaça à democracia”. A pregação negacionista, que não



CUIDADOS Os equipamentos: testes rigorosos antes de chegar ao eleitor

se perca o fio da meada, foi o que deu fôlego à trama do final de 2022, que visava barrar a posse de Lula e cujo delírio embalou a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023.

Deu-se o alerta, agora, no último dia 21, quando Flávio Bolsonaro (PL), um dos líderes da corrida presidencial, reiniciou a cantilena. Diante de representantes de 42 países, afirmou que as urnas brasileiras são fabricadas pela venezuelana Smartmatic — não são — e que um relatório da CIA teria comprovado a participação da empresa numa sucessão de fraudes em 2012. Segundo o TSE, as mais de 1,4 milhão de urnas já usadas no Brasil foram montadas por quatro empresas brasileiras: Positivo Tecnologia, res-

ponsável pelos equipamentos mais recentes; Diebold; Unisys Brasil; e Procomp, que fez os modelos mais antigos. Todas contratadas por licitação.

O gesto de Flávio causou perplexidade, ao repetir o que havia feito seu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que em julho de 2022, em busca da reeleição, reuniu diplomatas no Palácio da Alvorada para pôr em dúvida a credibilidade das máquinas — o episódio rendeu a ele uma das duas inelegibilidades a que foi condenado no TSE.

Para piorar, o ex-deputado Eduardo Bolsonaro engrossou, dos Estados Unidos, o coro, valendo-se até de uma live com o marqueteiro argentino Fernando Cerimedo, que há quatro anos foi indiciado pela PF por desinformação, depois da postagem de um vídeo questionando o modelo brasileiro. Eduardo ainda divulgou gravação antiga do magnata Elon Musk dizendo não confiar em votação eletrônica porque tudo que é conectado à internet pode ser invadido. Detalhe: o sistema brasileiro é off-line (*veja no quadro “O caminho da segurança”, com o sistema detalhado*).

A peroração dos filhos do ex-presidente pode alavancar uma preocupante toada. Nas redes sociais, a desinformação eleitoral é crescente e os ataques miram cada vez mais o processo de votação. Entre 2016 e 2024, 73% das lorotas que viralizaram traziam falsidades sobre as urnas eletrônicas ou a Justiça Eleitoral, segundo a Agência Lupa. “A mentira se espalha rapidamente, enquanto a resposta exige investigação e sempre chega atrasada”, diz Maiquel Rosauo, da Lupa.

O sucesso brasileiro alimentou experiências globais. Dados do International IDEA, organização especializada em lisura de processos eleitorais, mostram que 34 dos 178 países analisados (19%) utilizam algum tipo de votação eletrônica. Outros 15% estudam ou testam a adoção dessas tecnologias. Desde 2016, o protótipo do Brasil passou a integrar o intercâmbio internacional de boas práticas. “O que o Brasil exporta não é o software da urna, mas a metodologia”, diz Ingrid Farias, que monitora eleições na América Latina e coordena a Coalizão Negra por Direitos. Segundo ela, países como México, Argentina, Paraguai e Equador já recorreram ao processo brasileiro para aperfeiçoar seus sistemas. Em 2024, representantes de nações africanas enviaram missões ao TSE para conhe-



O CAMINHO DA SEGURANÇA

Como funciona o rigoroso esquema que garante a inviolabilidade do voto



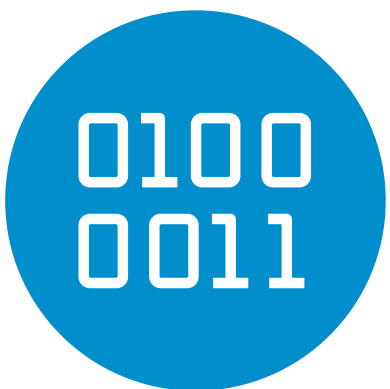
ARMAZENAMENTO

Fora do período de eleições, as máquinas ficam guardadas em galpões severamente protegidos. Cada equipamento tem uma identificação única



ATAQUE HACKER

Mesmo sem estarem conectadas à internet, elas são submetidas, um ano antes do pleito, a ataques simulados de especialistas, que tentam invadir os dispositivos com cabos, pen drives e cartões de memória. As eventuais falhas encontradas são então corrigidas



CÓDIGO-FONTE

Depois dos testes, a versão final do código-fonte (conjunto de instruções digitais para o aparelho) é assinada digitalmente e só pode ser alterada depois de tudo encerrado, com vistas à próxima votação



FISCAIS

Depois da prova com hackers, um percentual das máquinas é testado por fiscais independentes, que checarão se os votos estão sendo fielmente computados. As urnas são lacradas e distribuídas aos locais destinados ao voto, com apoio logístico das Forças Armadas



PAPEL X ELETRÔNICO

Na véspera da votação, ocorre o teste de integridade: a Justiça convida voluntários nos locais de votação para uma eleição fictícia em cédulas de papel, reproduzem os votos na máquina e comparam os resultados



ÚLTIMO PASSO

Horas antes do pleito, o mesário da seção liga a urna e imprime a “zerésima”, um documento que comprova não haver nenhum voto registrado no equipamento



VOTAÇÃO

Os votos são embaralhados digitalmente, de forma a impedir o cruzamento da lista de presença com o horário da votação. O sistema dentro da cabine é independente do usado pelo mesário, o que impede qualquer identificação da escolha do eleitor



COLETA

Após o término da votação, é emitido o boletim de urna, com todos os votos registrados para cada candidato e cargo naquele equipamento. Os documentos são disponibilizados imediatamente aos fiscais dos partidos



TRANSMISSÃO

Os dados são assinados digitalmente e criptografados, registrados em cartão digital e transmitidos para o TSE por rede própria e protegida, que usa exclusivamente funcionários e sistemas da Justiça Eleitoral. Todo o processo é público e realizado diante de observadores independentes



OFF-LINE

Em nenhum momento do processo, a urna eletrônica é conectada à internet

Fonte: *TSE*



ATENÇÃO Kassio Nunes Marques,
presidente do TSE: “patrimônio institucional”

cer o processo. As urnas eletrônicas de gravação direta, como as do Brasil — conhecidas como DREs (Direct Recording Electronic) —, são usadas por metade dos países que adotam votação eletrônica.

A urna é fruto de um rigoroso padrão de qualidade. O equipamento é fabricado por encomenda, dentro dos parâmetros fixados pela Justiça Eleitoral. Das mais de 500 000 máquinas que serão usadas neste ano, 445 000 foram desenvolvidas entre 2020 e 2022 e fabricadas pela Positivo. Entre os equipamentos mais antigos, uma parte é modernizada, enquanto os obsoletos são destruídos — em 2025, o TSE descartou mais de 120 000 exemplares da série de 2009.



RETROCESSO Ato por voto impresso:
tema usado para a exploração política

Dos galpões da Justiça Eleitoral à cabine de votação, as peças são submetidas a uma bateria intensa de provas de segurança. Os equipamentos passam por mais de dez etapas de fiscalização, garantindo que a engrenagem seja auditada antes, durante e depois das votações. Em um teste público, o TSE convida hackers a acessar o código-fonte em busca de vulnerabilidades. As falhas são corrigidas até que a versão final do código seja “trancada” por assinaturas digitais. As auditorias prosseguem até a última hora antes do pleito, quando ocorre o teste de autenticidade. O processo tem representantes do poder público, como PF e Ministério Público, e da sociedade civil, como universidades e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).



OFENSIVA Eduardo: apelo a fake news para desacreditar votação

Os ministros Nunes Marques e seu vice no TSE André Mendonça, ambos nomeados por Jair Bolsonaro, tiveram postura correta e republicana ao defender as atuais urnas. Ressalte-se, contudo, não ostentarem o estilo expansivo de Alexandre de Moraes, chefe do TSE na eleição de 2022, que promovia busca ativa de publicações de tom antide-mocrático nas redes. Com Moraes talvez não passasse incólume, sem a necessária condenação, o discurso de Flávio diante de diplomatas — agora, a representação movida pelo PT contra o senador não teve um despacho sequer de seu relator, Nunes Marques, apesar do pedido de urgência. Dois ministros da Corte disseram, sob anonimato, existir o temor de que a escalada dos ataques possa abrir caminho

para algum alucinado pedido de intervenção dos Estados Unidos, ideia no campo da imaginação, da ficção científica. “Pensávamos que este tema estava superado. Agora ele volta, talvez com ingerência externa”, diz um deles. “O movimento tem crescido muito rapidamente de umas semanas para cá”, afirma outro. Há poucos dias, o Brasil negou vistos a dois funcionários da gestão Donald Trump que viariam ao país para produzir um relatório sobre as urnas eletrônicas (*leia a reportagem “Ingerência externa”*). As campanhas também monitoram a questão. “Temos a obrigação de preservar as regras do jogo”, afirma o advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador da campanha de Lula em São Paulo.

A tentativa de lançar suspeitas sobre o resultado eleitoral não representa uma novidade histórica, mas ganhou uma função pragmática. Segundo Márcio Moretto, professor do Cebrap/USP e coordenador do grupo Monitor da Democracia, ao colocar sob suspeita o processo eleitoral antes mesmo da votação, lideranças conseguem preservar o discurso independentemente do que vier das urnas. Se vencem, mantêm a retórica de que enfrentaram as instituições. Se perdem, transformam a derrota em suposta comprovação de que o sistema estava manipulado desde o início. A pesquisadora Tainah Pereira, doutoranda em economia política internacional pela UFRJ e fellow do Centro de Democracia, Desenvolvimento e Estado de Direito da Universidade Stanford, identifica algo semelhante. “Não existe uma intenção real de convencimen-



PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

ALCANCE Urnas em barco no Pará: país utilizou meio milhão delas em 2024

to. O que se quer é manter uma polêmica permanente para que as pessoas nunca se sintam completamente seguras de que as regras do jogo estão sendo respeitadas”, afirma.

O papel dos Estados Unidos nesse processo é relevante. Paulo Velasco, professor de política internacional da UERJ, entende que as eleições americanas de 2020, quando Trump foi derrotado por Joe Biden, representam um ponto de inflexão na disseminação do torto discurso. Embora questionamentos sobre resultados já tenham ocorrido em outras disputas — como na controvertida apuração do



ADEMIR BARBOSA/FOLHAPRESS

ATRASSO Contagem de votos em São Paulo em 1982: apuração durava semanas

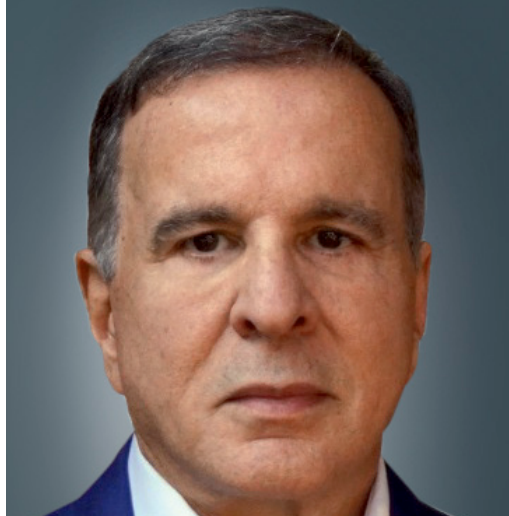
duelo entre George W. Bush e Al Gore, em 2000, cujo vencedor (Bush) demorou 37 dias para ser conhecido —, foi a ofensiva de Trump que transformou a contestação do modelo eleitoral em estratégia política permanente. Há poucos dias, o americano disse que o sistema de votação do país tem “vulnerabilidades chocantes” e voltou a dizer que venceu em 2020 — foi esse tipo de contestação que levou à invasão por trumpistas do Capitólio, o Congresso americano, em 2021, para impedir a posse de Joe Biden, movimento que seria replicado naquele janeiro de 2023 em Brasília.



CHARLES BENNETT/AP/IMAGEPLUS

DÚVIDA Notícias de Chicago em 2000: caos no duelo Al Gore x Bush

A história política do Brasil tem erros, é claro. O país acumula percalços, incluindo uma ditadura que durou mais de duas décadas. Mas se temos alguma contribuição a dar, e temos, ela está na urna eletrônica, usada por 155 milhões de eleitores em 2024, no maior pleito informatizado da história mundial. Os arautos do retrocesso, ao patrocinar absurdas tentativas de ressuscitar o voto impresso, não estão interessados em eleições justas, mas em desestabilizar as instituições, tumultuar a democracia e tirar proveito político. Estão apertando a tecla errada. ■



MURILLO DE ARAGÃO

O MOMENTO ELEITORAL

Disputa é uma corrida de erros, e Lula tropeça menos que Flávio

NO INÍCIO de agosto, temos um cenário basicamente semelhante ao do início de julho. Lula segue à frente nos cenários de primeiro e de segundo turno; Flávio Bolsonaro, apesar dos tropeços, continua firme no encalço do líder; e a terceira via faz barulho, mas não decola — apesar de Renan Santos aparecer com quase 8% na última pesquisa da AtlasIntel.

Já descrevi a disputa como uma corrida de erros, aqui mesmo nesta coluna, e o cenário prossegue igual. Mas, no momento, Lula erra menos do que Flávio Bolsonaro e ainda teve a ajuda luxuosa dos desentendimentos na família Bolsonaro e das medidas americanas contra o Brasil. Teve, ainda, a ajuda inesperada do espetáculo lamentável de Javier Milei na convenção do PL. Numa corrida assim, ganha mais quem erra menos — e, por ora, é o presidente quem administra melhor os próprios tropeços.

Porém, a liderança de Lula continua em xeque, já que o antipetismo é forte e beira os 50% do eleitorado. O que, considerando uma disputa de segundo turno em que a maioria dos



votos dos candidatos da terceira via possa migrar para Flávio, torna a disputa final uma incógnita. É o velho paradoxo das nossas eleições: lidera no primeiro turno, mas carrega um teto de rejeição que o deixa vulnerável no voto decisivo.

De fato, Lula só perde para ele mesmo. O que significa isso? Lula é o favorito tanto por ser o incumbente quanto por ter a caneta na mão e estar distribuindo sacos de bondade para o eleitorado. Conta, como disse, com a ajuda dos tropeços do seu principal adversário. Ganhou de presente a decisão do PP, do Republicanos e do União Brasil de não fechar, pelo menos até agora, com a candidatura de Flávio — um Centrão que prefere esperar para ver de que lado o vento sopra. E ainda assiste de camarote ao fato de que a terceira via não decola. Lula sabe que correria um risco enorme caso outro nome fosse para o segundo turno.

Pelo lado de Flávio Bolsonaro, reafirmo que sua resiliên-

**“Petista teve ajuda
luxuosa da família
Bolsonaro, das medidas
dos EUA e do espetáculo
lamentável de Milei”**

cia aos erros, conflitos e tropeços de sua campanha — e à falta de apoio do Centrão — é admirável. Desde que seu relacionamento com o Master apareceu, sua perda de intenção de voto foi relativamente pequena: cerca de seis pontos percentuais, em média. É pouco para um episódio dessa natureza — sinal de eleitorado fiel. Assim, apesar de tudo, Flávio está competitivo e não pode ser descartado.

O que muda o atual cenário? Aponto três fatos, para não ser exaustivo. Primeiro: o interesse da cidadania pelas eleições vai aumentar a partir de agosto, o que abre campo para reflexões mais aprofundadas sobre a escolha dos candidatos. Segundo: há a certeza de que novas revelações vão abalar a opinião pública — em ambos os lados da polarização atual. Terceiro: quem irá decidir a eleição são, de fato, os “nem-nem”, esse contingente que só se move na reta final. E não podemos deixar de considerar que, ainda que em proporções reduzidas, um nome da terceira via desponte no horizonte com mais de 10% ao longo de agosto.

Portanto, olhando para o futuro, a tendência é de que Lula se mantenha favorito na disputa, mas o cenário está em aberto — pelos três fatores apontados e pelo fato incontestado de que o futuro a Deus pertence. ■

INGERÊNCIA EXTERNA

Insultos do presidente da Argentina provocam um bizarro incidente e prenunciam um inédito cenário de internacionalização das eleições de outubro **LARYSSA BORGES**



PALANQUE Milei e Flávio: amostra de que a disputa pelo Palácio do Planalto vai envolver políticos de outros países



A CONFUSÃO provocada pelas declarações de Javier Milei, presidente da Argentina, na convenção que formalizou o senador Flávio Bolsonaro como o candidato do PL à Presidência da República antecipou um debate que será fonte de enormes desavenças durante a campanha eleitoral: a internacionalização da disputa. Convidado a participar do evento, Milei, autodeclarado “anarcocapitalista”, compareceu na condição de amigo da família Bolsonaro. Subiu no



ALERTA Trump e Rubio: governo teme que Estados Unidos atuem para beneficiar o candidato da oposição

palco como se fosse um militante e fez um longo e histriônico discurso, debaixo de aplausos.

De início, anunciou que era portador de palavras que ajudariam “a inclinar a balança (*da eleição*) a favor do bem”. Ladeado por personalidades como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, disse que Flávio era a única pessoa que poderia “parar Lula”, criticou a esquerda de “merda” da América Latina, classificou os socialistas como “delinquentes” e previu que a onda liberal que varre o continente está chegando ao Brasil. Sem limites, se referiu ao presidente brasileiro como “presidiário” e “ladrão”, criticou o Supremo Tribunal Federal por não ter autorizado a visita dele a Jair Bolsonaro, afirmou que a prisão do ex-presidente era um ato de vingança e, por fim, chamou o ministro Alexandre de Moraes de “lixo careca”.

Enquanto Milei discursava, Lula participava da convenção do PT que homologou a candidatura do ex-ministro Fernando Haddad ao Palácio dos Bandeirantes. A primeira e sensata reação do governo aos insultos brotou por meio de uma nota oficial. “Não há precedentes de um presidente estrangeiro que, em território nacional, enfeixe agressões e ofensas ao Chefe de Estado, às instituições democráticas, inclusive ao Poder Judiciário, e ao povo brasileiro”, afirmou o Itamaraty. Na sequência, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, convocou o embaixador da Argentina para prestar esclarecimentos e chamou de volta ao país o embaixador brasileiro em Buenos Aires. Na liturgia diplomática, a dupla convocação simboliza um ato de protesto. A encenação poderia ter sido en-



VISTO NEGADO Barnes e Samson:
americanos impedidos de entrar no Brasil

cerrada nesse ponto, mas não. Questionado sobre as declarações de Milei, Lula preferiu ironizar: “Quem é esse cara?”. Incomodado com os impropérios, terceirizou o contra-ataque. Coube ao ministro da Fazenda, Dario Durigan, chamar o argentino de “palhaço”. O ministro Guilherme Boulos, chefe da Secretaria-Geral, disse que Milei era “uma caricatura patética” e um “puxa-saco de Trump”. A troca de farpas juvenil continuou pelas redes sociais.

No terreno exclusivo da política, Lula ganhou um presente. Diante dos ataques de Milei, o petista voltou a explorar o tema da soberania como plataforma de campanha. Depois das declarações igualmente grosseiras de Durigan e Boulos, ele deu ordens para que seus auxiliares evitassem novos embates e deixassem o caso ser conduzido pelos canais diplomá-

ticos — uma decisão correta que não durou muito tempo. Na quarta-feira 29, o petista voltou ao assunto e chamou o argentino de “coisa”. “Milei é um pouco fora do normal e as declarações dele são um ponto fora da curva. Um presidente da República não pode se dirigir a nenhuma autoridade em nenhum outro país atacando o governo, o presidente, o povo ou a política”, diz o ex-embaixador do Brasil em Washington Rubens Barbosa. “A reação diplomática do governo brasileiro foi boa, porque não interessa escalar uma crise política com a Argentina por declarações sem importância”, completou.

Baixarias à parte, não é aceitável um presidente da República se imiscuir em assuntos que não lhe dizem respeito, criticar instituições e tentar influir no processo eleitoral de outro país, como fez Milei. Mantidas as proporções, Lula já fez algo muito parecido. Em julho do ano passado, o petista foi a Buenos Aires para uma reunião do Mercosul e aproveitou a viagem para visitar a ex-presidente Cristina Kirchner, que estava presa em regime domiciliar, acusada de corrupção. O presidente não fez discurso, não xingou ninguém, explicou que a visita era apenas uma demonstração de solidariedade, mas, ao final do encontro, posou para fotos empunhando um cartaz em que defendia a libertação da ex-presidente — uma intromissão que gerou protestos do governo Milei e a acusação, procedente, de que Lula estava se imiscuindo em questões internas da Argentina. Uma curiosidade: ao lado de Lula, na foto, aparece justamente o hoje indignado ministro Mauro Vieira. Apesar do mal-estar, o episódio acabou sendo abafado. A



INTROMISSÃO Lula ao lado de Vieira (à esq.),
em Buenos Aires: apoio a Cristina Kirchner em 2025

última vez que o Brasil convocou embaixadores por causa de uma crise foi em 2024, quando o governo de Israel declarou Lula persona non grata por ele ter comparado o conflito na Faixa de Gaza aos horrores do Holocausto. Aliás, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu também enviou uma mensagem de apoio a Flávio Bolsonaro na convenção do PL. O premiê ressaltou que o senador conduzirá o país “a patamares cada vez maiores”. Não há nada que impeça esse tipo de manifestação.

Tentativas de interferência externa nas eleições são um fenômeno recorrente. A diferença é que agora despontam explícitas. Em 1994, na primeira campanha de Fernando Henrique Cardoso à Presidência, por exemplo, o marqueteiro america-



DIPLOMACIA Vieira: incidente impulsionado por interesses eleitoreiros

no James Carville prestou consultoria ao tucano enquanto fazia parte da folha de pagamento do Partido Democrata e tinha acesso livre à Casa Branca. No primeiro mandato de Lula, VEJA revelou que a campanha do petista recebera uma montanha de dólares oriundos da ditadura cubana. Desde a condenação de Jair Bolsonaro à inelegibilidade e à cadeia por liderar uma tentativa de golpe de Estado, há sinais de que a disputa presidencial deste ano ocorrerá em meio a pressões e o dedo internacional. Mais do que Argentina ou Israel, o radar do Palácio do Planalto está voltado para os Estados Unidos. Na semana passada, o Itamaraty negou visto a dois prepostos do governo Trump sob a alegação de que ambos poderiam utilizar a visita para levantar suspeitas sobre a credibili-

dade das urnas eletrônicas (*leia na reportagem “Acima de qualquer suspeita”*). Funcionários do Departamento de Estado, comandado por Marco Rubio, um crítico ferrenho do PT, Riley Barnes e Samuel Samson chegaram a pedir uma audiência no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mas não informaram o assunto a ser tratado.

Como se sabe, Flávio Bolsonaro decidiu repetir o receituário do pai e no último dia 21 espalhou inverdades sobre o sistema brasileiro de votação durante uma reunião com embaixadores. Na terça-feira 28, o governo de Donald Trump, que já impôs dois tarifas aos produtos brasileiros (*leia a reportagem “A conta chegou”*), decidiu prorrogar por mais um ano o chamado estado de emergência nacional, instrumento que funciona como uma espécie de carta branca para que o republicano adote medidas excepcionais contra qualquer nação para proteger interesses americanos. O governo brasileiro vê esse dispositivo como um passaporte que pode ser utilizado para inúmeros fins, inclusive para justificar



TON MOLINA/FOTOARENA

GROSSERIA

Alexandre de Moraes: o ministro do Supremo não autorizou visita e foi chamado de “lixo careca”



CONTRA-ATAQUE Boulos: “caricatura patética” e “puxa-saco de Trump”

medidas que, indiretamente, podem refletir nas eleições de outubro. “Hoje, a principal forma de interferência externa em democracias é a combinação de pressão diplomática, medidas econômicas, campanhas de desinformação e apoio a determinadas narrativas”, diz Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM. “Isso pode incluir sanções individuais, restrições comerciais, pressão de organismos internacionais e influência sobre a opinião pública por meio das redes sociais”. Os insultos e fanfarronices são problemas gritantes de um ambiente complexo. ■

Com reportagem de Ricardo Chapola

O CANTO DA SEREIA

O esforço dos presidenciáveis para tentar seduzir o setor produtivo com promessas que, com raras exceções, quase nunca são integralmente cumpridas **NICHOLAS SHORES**



DESAUTORIZADO Sergio Gabrielli, coordenador da campanha petista: barulho com tolas ideias estatizantes

FOI UM DECISIVO ponto de virada. Em junho de 2002, Lula se preparava para disputar a Presidência pela quarta vez. Para evitar um novo fracasso, os estrategistas da campanha se convenceram ser preciso superar a histórica desconfiança do setor produtivo em relação ao petista, o que só seria possível se ele assumisse o compromisso público com a manutenção dos pilares da política econômica. Na época, o Brasil ainda experimentava as conquistas do Plano Real, a inflação estava controlada e foram criados mecanismos rígidos de controle de gastos. Lula divulgou então um documento — a “Carta ao Povo Brasileiro”, rabiscada por Antonio Palloci —, garantindo que não haveria ruptura. Em outras palavras, não faria nada daquilo que sempre pregou. Deu certo. Ele foi eleito, reeleito em 2006 e ainda fez a sucessora, Dilma Rousseff, que desviaria o governo da rota prometida pelo antecessor e acabou apeada do cargo. Para os partidos, seduzir empresários, industriais e banqueiros é essencial para viabilizar qualquer projeto de poder — e um passo em falso nesse terreno pode ser fatal.

Há duas semanas, Sergio Gabrielli, ex-presidente da Petrobras e coordenador do programa de governo do PT, defendeu, em conversas com interlocutores do mercado financeiro, o controle de capitais, o fortalecimento de bancos públicos e o aumento do salário mínimo como porta de saída do Bolsa Família, relativizando a relevância do ajuste fiscal. Provocou barulho e incômodo. Uma parte respeitável da engrenagem econômica prevê colapso, a partir de 2027, se não houver um controle de gastos das contas públicas.



WASHINGTON COSTA/MF

GOVERNO Dario Durigan: medidas saneadoras só depois das eleições

As propostas heterodoxas e estatizantes explanadas por Gabrielli correram como rastilho de pólvora. Antes que a bomba estourasse, o Palácio do Planalto pôs no circuito o ministro da Fazenda, Dario Durigan, que apressou-se a disparar telefonemas desautorizando o colega petista e se apresentando como o único porta-voz da pauta econômica do presidente. Ao contrário de Gabrielli, Durigan prometeu medidas de controle dos gastos imediatamente depois das eleições — se, é claro, Lula vencer.

Os empresários ficaram mais calmos com a garantia do ministro, mas não plenamente convencidos. Foi preciso chamar reforço. Ex-chefe de Durigan em Brasília, Fernando Haddad foi escalado por Lula para disputar o governo de São Pau-



OPOSIÇÃO Daniella: plano de reduzir
200 bilhões de reais em gastos do governo

lo. Em uma dura corrida ladeira acima contra a reeleição de Tarcísio de Freitas, o ex-ministro cumpre duas missões — no pleito estadual, peleja para ajudar Lula a obter a melhor votação possível no maior colégio eleitoral do país, enquanto, nos bastidores, lança mão do trânsito conquistado no período em que comandou o Ministério da Fazenda para tranquilizar um mercado atemorizado com o risco de crise fiscal. Haddad mantém encontros quinzenais com o presidente para traçar estratégias e ajustar o programa petista para a economia. Em conversas reservadas, o próprio Lula tem falado da necessidade de corrigir a gastança de seu governo, ponderando que ele é o único político capaz de impor as medidas impopulares que serão necessárias.

Responsável pela pauta econômica do programa de Flávio Bolsonaro, a ex-presidente da Caixa Econômica Daniella Marques aproveitou a má impressão deixada por Gabrielli em alguns setores para contrapor o PT com a plataforma do candidato do PL. Segundo um executivo que participou de uma dessas reuniões, ela prometeu, em caso de vitória, reduzir 200 bilhões de reais em gastos do governo e vender ativos “não estratégicos” da União para abater a dívida pública. Também garantiu que o presidenciável não fará o ajuste fiscal “nas costas dos mais pobres”, poupando os benefícios sociais. Quem perguntou sobre a viabilidade política da plataforma ouviu que o pacote de projetos que viabilizará os ajustes será negociado e aprovado pela bancada do partido, a maior do Congresso, ainda no período de transição de governo.

Ainda estacionado nas pesquisas, o ex-governador Ronaldo Caiado foi recentemente à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Tanto lá como em almoços com agentes do mercado financeiro, o candidato do PSD tem buscado se posicionar como uma alternativa experiente a Flávio Bolsonaro, enfraquecido por suspeitas sobre sua proximidade com o ex-banqueiro Daniel Vorcaro. Ele também fala em reduzir o tamanho do Estado e controlar os gastos. O histórico de participação da Fiesp no debate político do país, aliás, vem de longa data. Em 1989, quando Caiado e Lula disputavam sua primeira eleição presidencial, o então comandante da entidade declarou que, se o petista vencesse aquela disputa, 800 000 empresários brasileiros deixariam o país para investir em ou-



ECONOMIA PT: compromisso público para driblar a desconfiança em 2002

tros lugares. Deu Fernando Collor. Em 2015 e 2016, o edifício-sede da Fiesp foi um dos pontos de concentração das manifestações populares pedindo o impeachment de Dilma.

Em outra vertente, mas com o mesmo propósito, as campanhas de Romeu Zema (Novo) e Renan Santos (Missão) têm usado o histórico de descumprimento das promessas aos representantes do PIB brasileiro como método de sedução — o “canto da sereia”, na imagem inaugurada pela *Odisseia*, de Homero, de atração irresistível. Secretário especial de Produtividade, Emprego e Competitividade no governo Bolsonaro e agora responsável pela plataforma econômica do ex-governador mineiro, Carlos da Costa tem defendido privatizar a Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica no primeiro ano de governo e vender ao menos um quarto dos imóveis da União, além de enxugar as políticas sociais “sem eficácia”. Detentor da mesma função na campanha do Missão, o deputado Kim Kataguiri fala em desindexar benefícios sociais do salário

mínimo e desvincular as emendas parlamentares da receita, além de cortar privilégios tributários e supersalários.

Antes de 2015, candidatos a cargos eletivos, particularmente à Presidência da República, promoviam peregrinações entre as entidades que representavam empresários, banqueiros e industriais. O objetivo número 1 era arrecadar dinheiro para a campanha. Com a proibição das doações de empresas, as conversas a portas fechadas diminuíram, mas não deixaram de ser decisivas. Só que o objetivo principal agora é angariar apoio. “Estamos chegando às eleições com a maior taxa de juros real do mundo. Esquerda ou direita, os candidatos precisam transmitir credibilidade de como vai ser a condução da política econômica”, diz Renato Breia, sócio-fundador da Nord Investimentos. Os presidenciais sabem, por experiências recentes, que caminhar alinhado com quem produz facilita a governabilidade. E sabem, principalmente, do risco político de assumir compromissos e abandoná-los depois das eleições. ■



ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

TEMPLO Sede da Fiesp, em São Paulo, destino de peregrinação dos candidatos em busca de apoio



CRISTOVAM BUARQUE

O ENGANO PELAS PALAVRAS

O politicamente correto é
moralmente imperfeito

COM A INTENÇÃO de defender sua indústria, a Inglaterra usou o argumento humanista do combate ao trabalho escravo no Brasil, há pouco mais de duzentos anos. Agora, o governo de Donald Trump utiliza o mesmo argumento, com hipocrisia. É preciso condenar o oportunismo trumpista, mas sem perder de vista um drama social brasileiro real, que vem sendo camuflado por um vocabulário afeito a suavizar a tragédia. Para evitar caracterizar os brasileiros submetidos a trabalho análogo à escravidão como pobres desassistidos, o dicionário politicamente correto passou a chamá-los de “hipossuficientes”, termo técnico que esconde o drama e, de algum modo, absolve a responsabilidade dos políticos. Os sem-teto passam a ser “moradores em situação de vulnerabilidade”, expressão que não traduz o relento, nem a exclusão. Se, na África do Sul, o apartheid tivesse sido chamado de desigualdade racial, a bárbara desumanidade da separação entre negros e brancos teria sido diluída. É isso que se faz no Brasil ao chamar de desigualdade social a apartação que caracteriza a sociedade brasileira segregando condomínios de tugúrios.

O uso da expressão “vítima de insegurança alimentar”, em vez da palavra faminto, transforma a dor em um conceito técnico e não transmite o sofrimento de quem passa fome. Para evitar estigmas, o termo prostituição infantil foi substituído por “exploração sexual de menores”. Evita-se a marca infame de crianças submetidas à prostituição, mas atenua-se a violência moral e transforma-se a vergonha social em mais um tipo de exploração, como se a ação de um criminoso pervertido fosse comparável à exploração de um operário. De forma semelhante, trocar favela por “comunidade” pode atenuar o estigma de quem mora nela, mas mascara a carência de serviços urbanos e oculta o tamanho da desigualdade.

Por sentirem que o termo analfabeto carrega discriminação ofensiva, alguns defendem o uso do termo “iletrado”. Essa substituição disfarça a tortura diária de quem não sabe ler e isenta os governos da responsabilidade por essa tragédia.

**“O uso da expressão
‘insegurança alimentar’
transforma a dor de quem
não come em um
conceito técnico”**

Iletrado é quem aprendeu a ler, mas não lê com frequência, sem a dramaticidade da situação de uma pessoa que, por falta de cuidados do Estado e da sociedade, chegou à vida adulta incapaz de ler. A mudança de escravo para “escravizado” tem o mérito de lembrar que os africanos eram livres antes de capturados, mas ofusca o fato de que, salvo raras exceções de alforria ou fuga, o capturado tornava-se escravo por toda a vida. O sistema fazia com que, desde a captura, o estar escravizado se transformasse na condição permanente de ser escravo. A mulher negra grávida carregava um bebê ainda não escravizado, mas já escravo — condenado desde o ventre, como se o útero fosse um navio negreiro humano. A boa intenção de indicar uma condição temporária pode ocultar a perversidade de um sistema vitalício.

A prática de camuflar a tragédia, tratando-a como etapa de um processo, repete-se no uso da expressão “em vias de desenvolvimento”, em lugar de subdesenvolvido. Embora a palavra mais antiga transmita a ideia de condenação ao atraso, a nova expressão oculta o círculo vicioso que mantém as populações na pobreza, caso não ocorram rupturas políticas, econômicas e educacionais. Embora com boas intenções, o politicamente correto fica imperfeito moralmente. ■

DESAFIO À DIREITA

Terceiro colocado na corrida ao Planalto, mas ainda longe do segundo turno, Caiado direciona a sua artilharia para Flávio Bolsonaro para tentar ser o adversário de Lula na reta final **ANNA SATIE**



MUDANÇA O ex-governador de Goiás, na convenção do PSD: do palanque bolsonarista a rival na disputa presidencial

QUANDO Ronaldo Caiado subiu ao trio elétrico na Avenida Paulista em março, sua fala parecia tirada diretamente da cartilha bolsonarista. Em uma manifestação que contou com Flávio Bolsonaro e outras lideranças de direita, o então governador de Goiás disse que seu primeiro ato na Presidência seria conceder “anistia plena, geral e irrestrita” aos envolvidos no quebra-quebra golpista de 8 de janeiro de 2023. A estratégia à época era permanecer como alternativa capaz de herdar o espólio eleitoral do ex-presidente Jair Bolsonaro, inelegível, condenado e preso por tentativa de golpe de Estado. A realidade, no entanto, impôs uma mudança de tática.

Menos de cinco meses depois, e com a candidatura ao Planalto oficializada pelo PSD, Caiado passou a intensificar as críticas a Flávio — o escolhido por Bolsonaro para representá-lo — em uma tentativa de ganhar espaço dentro do eleitorado de direita que, segundo as pesquisas, hoje prefere o senador do PL como adversário do presidente Lula.

O tom vem subindo nas últimas semanas. Em 14 de julho, ele criticou a divulgação por Flávio de uma carta na qual o pai pedia a união da direita em torno do filho. “Liderança você não herda, liderança você cria”, cutucou. Depois, ironizou a reunião do senador com diplomatas para questionar o sistema eleitoral. “Quarenta e dois embaixadores numa sala: dava para vender soja. Dava para abrir mercado para a indústria. Dava para atrair investimento. Escolheram falar de urna eletrônica!”, disse (*leia mais na reportagem “Acima de qualquer suspeita”*). Também ironizou a relação de Flávio e seu irmão Eduardo com os EUA



TENTATIVA Na campanha de 1989: líder dos ruralistas, ele chegou em 10º lugar

por conta do tarifaço — chamou o filho Zero Três de “Pateta”. Na convenção que ratificou seu nome, no domingo 26, disse que o país não pode ter um candidato “Kinder Ovo, uma surpresinha todo dia”, em referência às investigações em torno do senador. “Quem mudou foi Flávio. Caiado foi obrigado, em função das revelações, a adotar outra postura”, diz Paulo Vasconcelos, marqueteiro da campanha. “Não houve mudança estratégica. O que existe é uma reação aos erros do adversário.”

A nova postura é uma questão de sobrevivência no jogo eleitoral. Caiado tem investido no discurso de que ele seria mais competitivo contra Lula no segundo turno. Na pesquisa

BTG/Nexus divulgada na segunda-feira 27, ele, Flávio e Romeu Zema (Novo) empatam tecnicamente com o presidente em embates diretos, mas Caiado é quem aparece numericamente mais próximo, com 2 pontos de distância (*veja o quadro “Caminhada difícil”*). O problema é chegar até lá: no primeiro turno, o goiano tem 6% das intenções de voto, atrás de Lula (42%) e Flávio (33%), o que ilustra o tamanho de seu desafio.

A candidatura de Caiado enfrentou dificuldades desde o início. Depois de mais de três décadas no partido que começou como PFL, virou DEM e se tornou, enfim, União Brasil, Caiado deixou a legenda, que optou por não lançar candidato à Presidência. Foi acolhido pelo PSD de Gilberto Kassab, mas precisou disputar a indicação interna com os governadores do Paraná, Ratinho Junior, e do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite. Os dois, aliás, foram os únicos dos seis governadores do partido que estiveram na convenção que oficializou sua candidatura.

A disputa de Caiado com Flávio simboliza um duelo que se intensifica entre a direita tradicional e o bolsonarismo. Caiado já representava essa corrente em 1989, quando liderava um setor ruralista que se alarmava com Lula e Leonel Brizola, presidenciáveis de esquerda — chegou em 10º, com 0,7% dos votos. Um enfraquecimento de Flávio pode abrir espaço para uma reacomodação do eleitor da direita. Para o CEO da AtlasIntel, Andrei Roman, se isso ocorrer, o principal beneficiário seria Caiado. “Como o maior objetivo desse eleitor é simplesmente derrotar o lulismo, eles poderiam se redirecio-

CAMINHADA DIFÍCIL

Caiado empata com Lula no segundo turno, mas está longe de superar Flávio no primeiro

CORRIDA AO PLANALTO – PRIMEIRO TURNO

LULA (PT)



FLÁVIO BOLSONARO (PL)



RONALDO CAIADO (PSD)



ROMEU ZEMA (NOVO)



RENAN SANTOS (MISSÃO)



AUGUSTO CURY (AVANTE)



CABO DACIOLO (MOBILIZA)



NENHUM/BRANCO/NULO



NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM



SEGUNDA OPÇÃO DE VOTO NO PRIMEIRO TURNO

(entre eleitores que escolheram
algum candidato)

RONALDO CAIADO (PSD)



ROMEU ZEMA (NOVO)



RENAN SANTOS (MISSÃO)



FLÁVIO BOLSONARO (PL)



AUGUSTO CURY (AVANTE)



CABO DACIOLO (MOBILIZA)



LULA (PT)



NENHUM/BRANCO/NULO



NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM



SEGUNDO TURNO – CENÁRIO 1



LULA (PT)



47%



FLÁVIO BOLSONARO (PL)



43%

NENHUM/BRANCO/NULO



9%

NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM



1%

CENÁRIO 2



LULA (PT)



45%



RONALDO CAIADO (PSD)



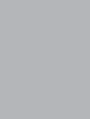
43%

NENHUM/BRANCO/NULO



10%

NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM



2%

CENÁRIO 3



LULA (PT)



ROMEU ZEMA (NOVO)



NENHUM/BRANCO/NULO



NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM



Fonte: *pesquisa BTG/Nexus feita entre 25 e 26 de julho.*
A margem de erro é de 2 pontos percentuais

nar em massa para uma opção vista com viabilidade maior no segundo turno”, diz. Até aqui, contudo, não há sinais de que o movimento tenha começado, já que Flávio mostra resiliência diante das crises. Caiado vai reunindo seus trunfos. É o melhor colocado como segunda opção de voto e é um dos quatro presidenciáveis que terão direito ao horário eleitoral na TV — os outros são Lula, Flávio e Augusto Cury (Avante). O goiano também acredita ser opção de força a candidatos a governador que querem fugir da polarização, como ACM Neto (União Brasil), na Bahia, e Ciro Gomes (PSDB), no Ceará. Só a campanha, que começa em 16 de agosto, dirá. ■

SUCESSÃO ENROLADA

Aprovado por 81% da população do Paraná, Ratinho Junior, que sonhava com o Palácio do Planalto, sofre para fazer deslanchar o seu herdeiro político na corrida ao governo **PEDRO JORDÃO**



ESFORÇO Sandro Alex e o governador: 63% dos eleitores não conhecem o candidato

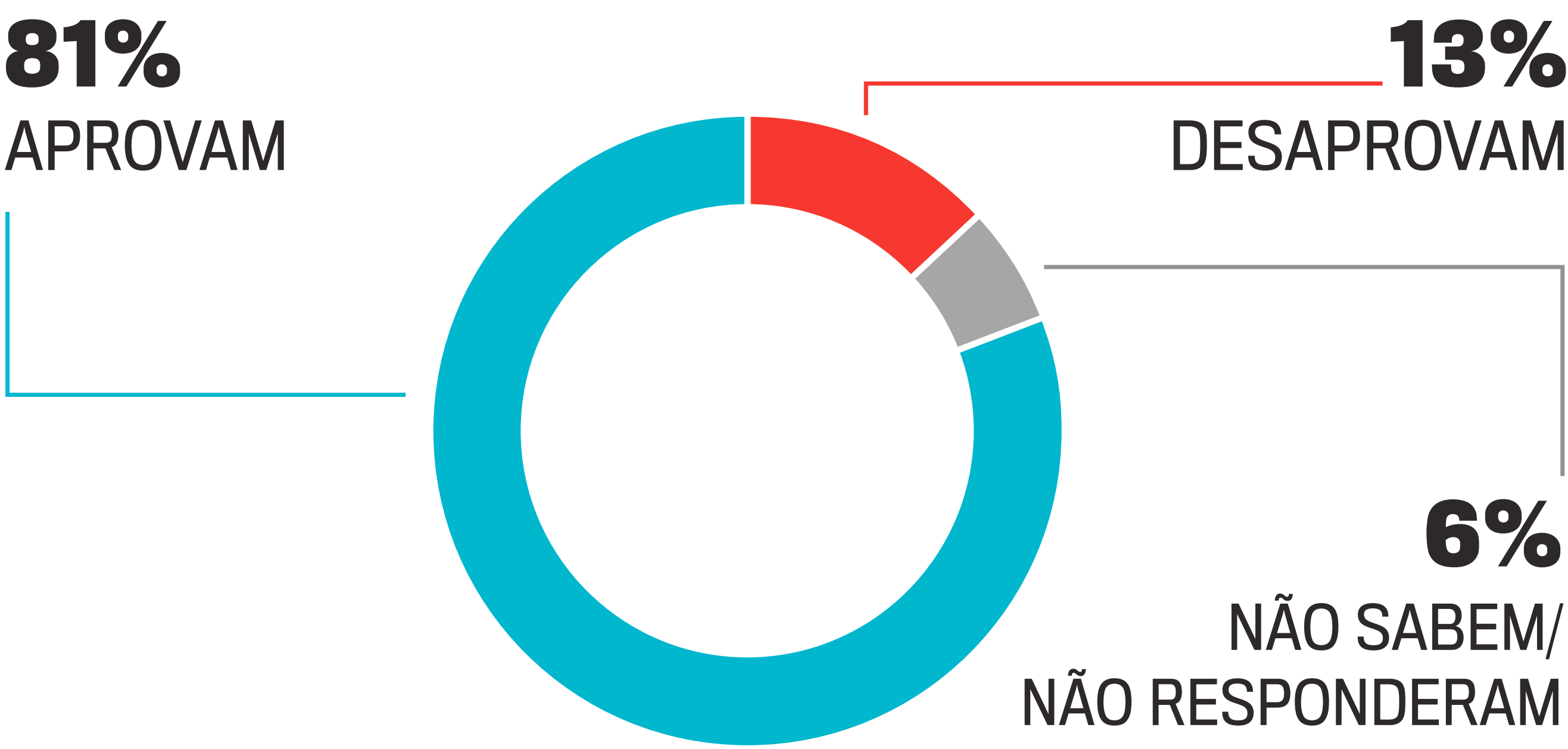
O GOVERNADOR do Paraná, Ratinho Junior (PSD), chegou a flertar com voos mais altos. Foi considerado uma alternativa real de candidato à Presidência e, nessa condição, circulou pelo Brasil como estrela em ascensão. Quando Tarcísio de Freitas (Republicanos) teve a candidatura presidencial inviabilizada pelo bolsonarismo, o paranaense despontou como o nome da oposição com mais chances de enfrentar o presidente Lula, um centrista de escol capaz de angariar a simpatia do empresariado, do agronegócio e do mercado financeiro e conquistar apoios partidários, algo que Flávio Bolsonaro (PL-RJ) ainda não conseguiu. A seu favor tinha a boa gestão, que lhe garantia uma aprovação em torno de 80% dos eleitores. O tempo, no entanto, mudou a perspectiva. Ratinho Junior perdeu espaço na corrida presidencial, desistiu, abriu mão de tentar o Senado (para o qual era favorito) e resolveu ficar até o fim do governo e eleger o sucessor. O objetivo, porém, está longe de ser conquistado.

Na largada, o processo de escolha do seu herdeiro político foi conturbado. Ele ficou indeciso por muito tempo entre vários nomes do seu entorno, chegou a ter três pré-candidatos e, no fim, não escolheu nenhum deles para optar pelo ex-secretário de Infraestrutura Sandro Alex (PSD), que teve o nome sacramentado em convenção no sábado 25. Desconhecido pela ampla maioria do eleitorado (68% não sabem quem ele é, segundo pesquisa Genial/Quaest), Alex patina com 7% a 8% das intenções de voto, bem longe dos candidatos que devem ir ao segundo turno (*veja no gráfico à dir.*).

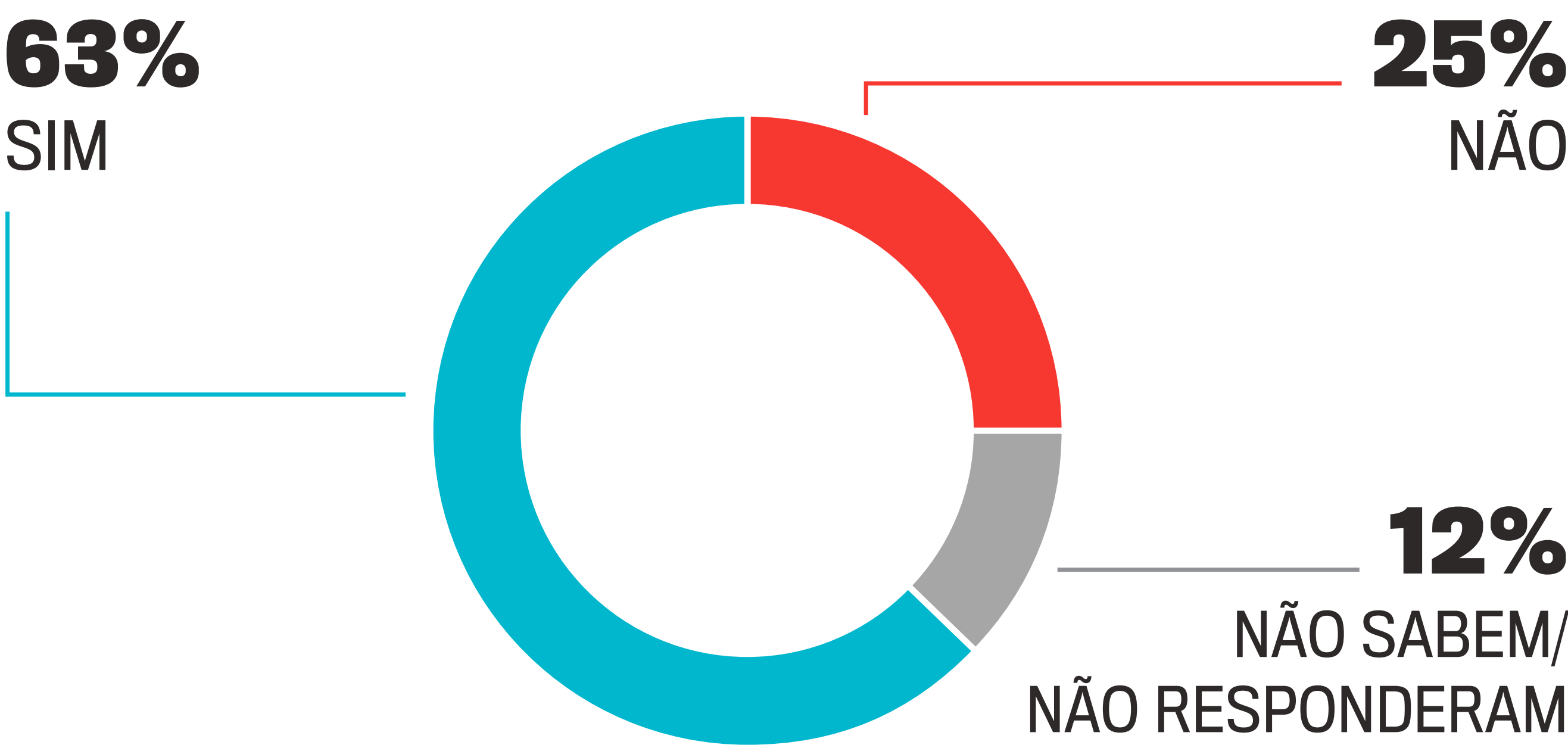
PARADOXO PARANAENSE

Ratinho Junior é aprovado por oito em cada dez eleitores, mas tem dificuldade para emplacar o sucessor

APROVAÇÃO DO GOVERNO RATINHO JUNIOR



RATINHO JUNIOR MERECE ELEGER UM SUCESSOR?



CORRIDA AO GOVERNO ESTADUAL



Fonte: pesquisa Genial/Quaest feita entre 21 e 25 de julho. A margem de erro é de 3 pontos percentuais





BEM NA FOTO Moro: aposta no bolsonarismo e no lavajatismo

Reverter o desconhecimento será um passo crucial, mas mais difícil ainda será superar a força dos adversários. O principal deles é o ex-juiz Sergio Moro (PL), que lidera com boa vantagem a corrida ao Palácio Iguaçu alavancado pela força do bolsonarismo, do lavajatismo e do antipetismo no Paraná. Ex-ministro da Justiça de Jair Bolsonaro, cargo que deixou atirando contra o governo, Moro fez um movimento de reconciliação com o bolsonarismo ao migrar do União Brasil para o PL e fechar apoio a Flávio. De lá para cá, tenta nacionalizar a eleição do Paraná, exaltando a reaproximação com o clã Bolsonaro e o adversário em comum.

Ratinho Junior, ao menos pelo que apontam as sondagens, terá imensa dificuldade para levar seu candidato ao segundo turno. Para isso, terá de superar o deputado estadual Requião Filho (PDT), que tem um duplo trunfo. Pri-



PELA ESQUERDA Requião Filho, com Gleisi Hoffmann:
apoio de Lula

meiro, é filho de Roberto Requião, que foi governador do estado por três mandatos, prefeito da capital e senador. Segundo, foi abraçado por Lula, que viu nele a chance de ter um palanque minimamente competitivo no estado. Por fim, Ratinho Junior terá de superar um ex-aliado, que rompeu após ter sido preterido pelo governador e que é competitivo: o ex-prefeito de Curitiba Rafael Greca (MDB).

A principal estratégia do grupo de Ratinho Junior será usar a boa imagem do governador — 63% do eleitorado diz que ele merece fazer um sucessor. Também será posta em marcha a poderosa máquina do governo, que o PSD controla há oito anos e é vital para atrair outros partidos. De cara, a candidatura já sai com alianças com as federações União-PP e PSDB-Cidadania, caminho para maior tempo de rádio e TV. A máquina também ajuda a atrair prefeitos pelo inte-

rior do estado. “As pessoas não sabem ainda que ele é o nosso candidato. À medida que vão sabendo, e é o que temos nas nossas pesquisas, isso vai se revertendo em intenção de voto”, diz Ratinho Junior, que promete entrar fortemente na campanha para mostrar o quanto Alex foi relevante em sua gestão. “Ele nos ajudou na parte estratégica, de planejamento, dos projetos das grandes obras. As obras dele são mais conhecidas do que ele.”

Uma questão seminal do xadrez é a eleição nacional. Ratinho Junior não apoia nem Lula nem Flávio, mas Ronaldo Caiado, que é do mesmo PSD, mas pontua abaixo de dois dígitos na corrida presidencial (*veja a reportagem “Desafio à direita”*). O avanço de Alex se daria mirando os eleitores de Rafael Greca, já que ambos representam um campo independente. “A maioria do eleitorado quer que o próximo governador tenha um perfil de independência e demonstra pouca disposição para transformar a eleição estadual em uma extensão automática da polarização nacional”, afirma Murilo Medeiros, cientista político da UnB.

A mesma pesquisa que mostra a complexa situação de Ratinho Junior mostra, porém, que muita água há ainda de rolar. Exatos 64% dos eleitores admitem mudar o voto. É terreno fértil para uma investida de última hora. O tempo curto para a eleição, contudo, dá um certo ar de drama ao desafio do governador, que sonhava com voos altos e perdeu espaço. Manter-se influente em seu ninho parece soar como prêmio de consolação. ■

PROVAS DE UM ESCÂNDALO

VEJA teve acesso à investigação sigilosa que envolve o ministro Marco Buzzi, do STJ, alvo de acusações de crimes de injúria e de assédio e importunação sexuais

ROBSON BONIN



DESTINO Buzzi: ele pode vir a ter decretada a aposentadoria compulsória, a pena máxima sugerida

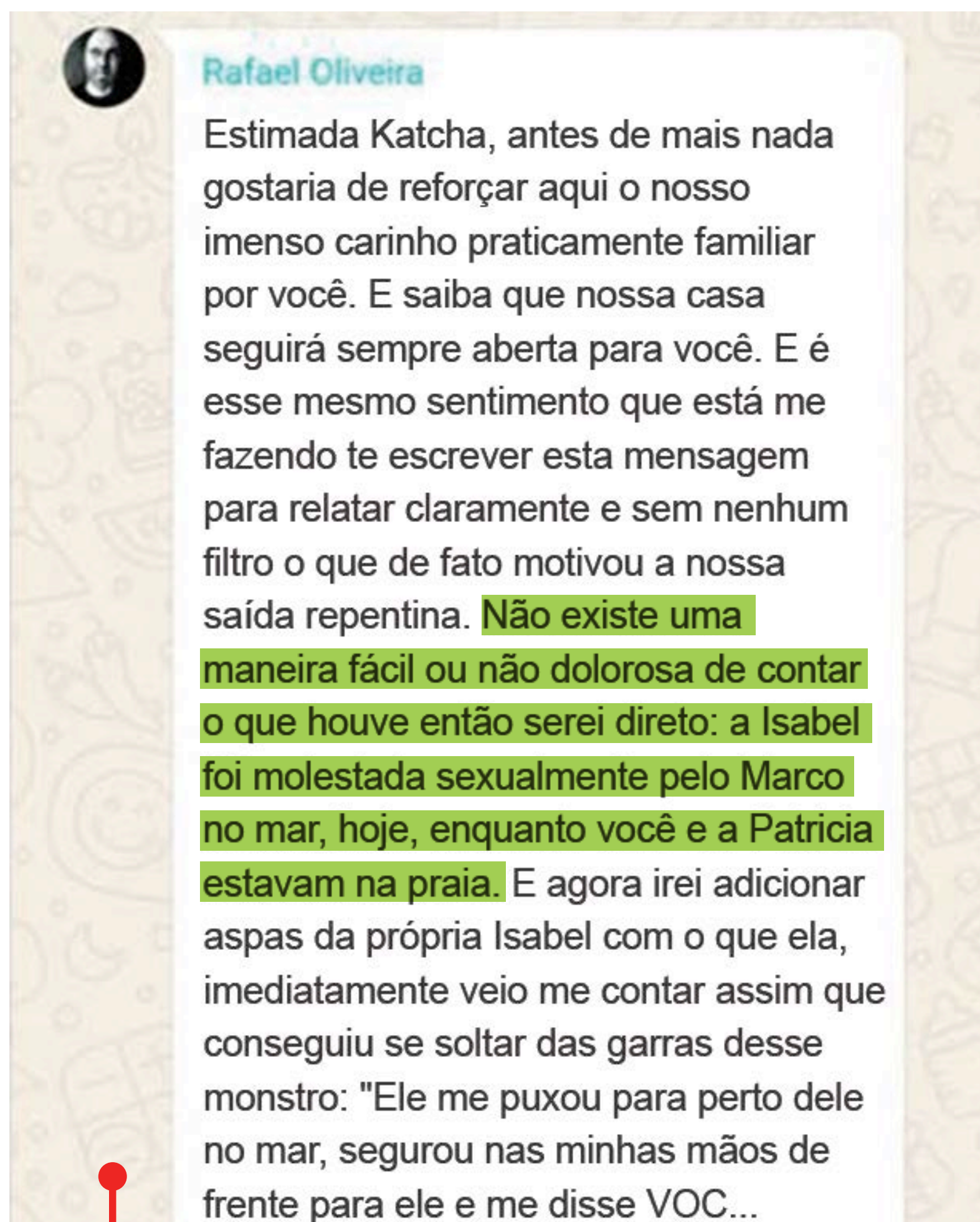
HÁ CONSTRANGIMENTO e incômodo entre os ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Na quinta-feira 6, eles se reunirão para um dos julgamentos mais difíceis da história da casa. Criado pela Constituição de 1988 para ser guardião das leis federais do Brasil, o STJ analisará o processo que pode resultar na aposentadoria compulsória do ministro Marco Aurélio Gastaldi Buzzi, de 68 anos, alvo de um processo administrativo por crimes de injúria, importunação sexual e assédio sexual.

O escândalo foi revelado por VEJA em fevereiro deste ano. Uma jovem de 18 anos que passava o fim de semana na casa de praia de Buzzi, em Santa Catarina, procurou a Polícia Civil de São Paulo para denunciar o magistrado. Filha de um casal de amigos de Buzzi, a jovem relatou ter sido assediada pelo ministro, a quem considerava como um “avô”, durante um passeio na praia. A forte repercussão do caso estimulou uma outra mulher a denunciar episódios de assédio praticado por Buzzi. Ainda em fevereiro, uma ex-assessora do juiz no STJ procurou o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) para relatar uma rotina de terror vivida durante anos de serviços prestados ao magistrado no tribunal, entre 2023 e 2025.

A gravidade das acusações levou os ministros do STJ a tomarem uma medida drástica. Em 12 de fevereiro, uma semana depois das revelações de VEJA, a Corte decidiu afastar Buzzi de suas funções. O togado sempre negou as acusações, em evidente direito de defesa, e adotou como

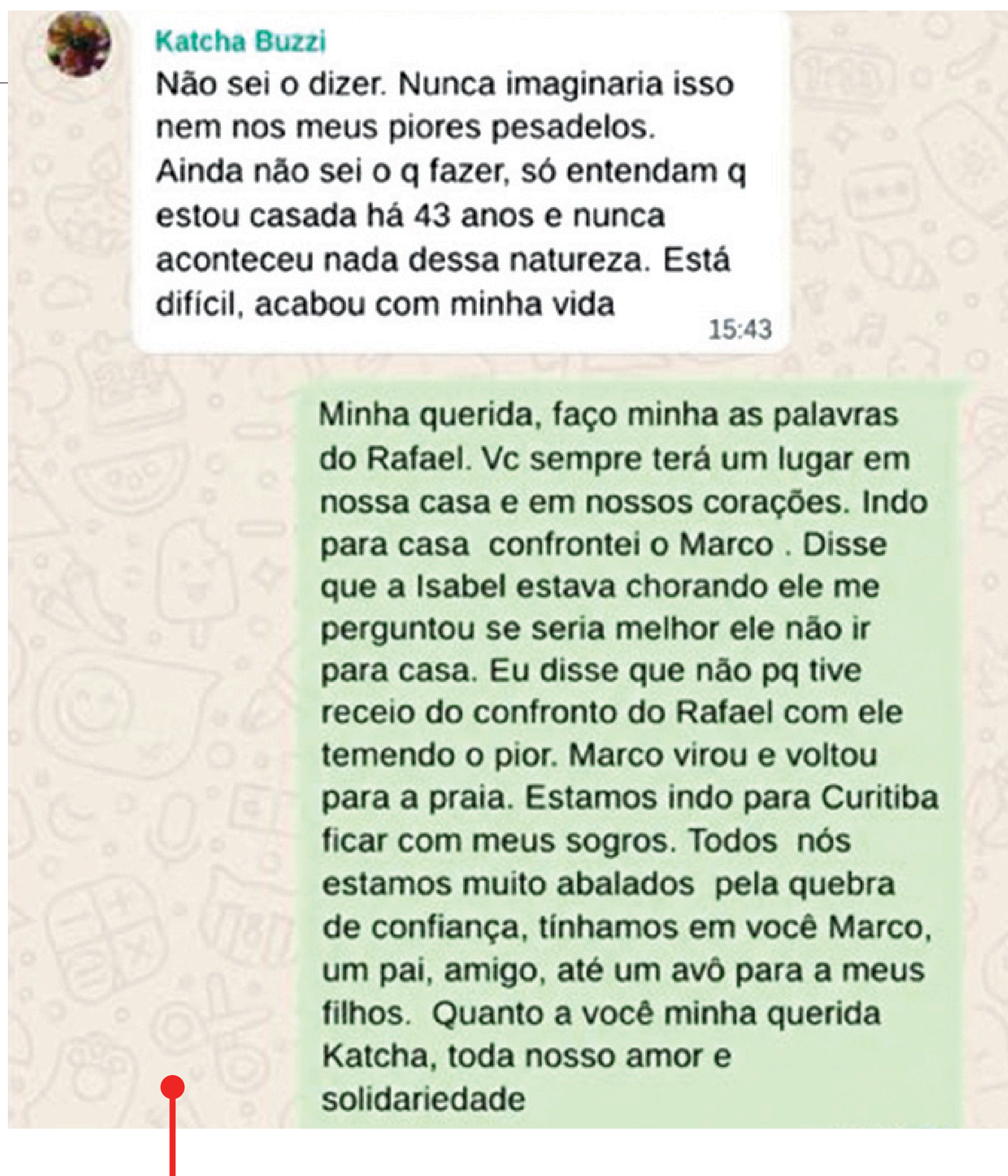
A PRIMEIRA DENÚNCIA

Em mensagem por WhatsApp, o pai da moça de 18 anos vai direto ao ponto, ao dizer que a filha foi molestada sexualmente (*primeira imagem*). A mulher de Buzzi demonstra espanto (*segunda*). O episódio teria ocorrido à beira-mar, com a água a cobrir os dois corpos (*terceira*).

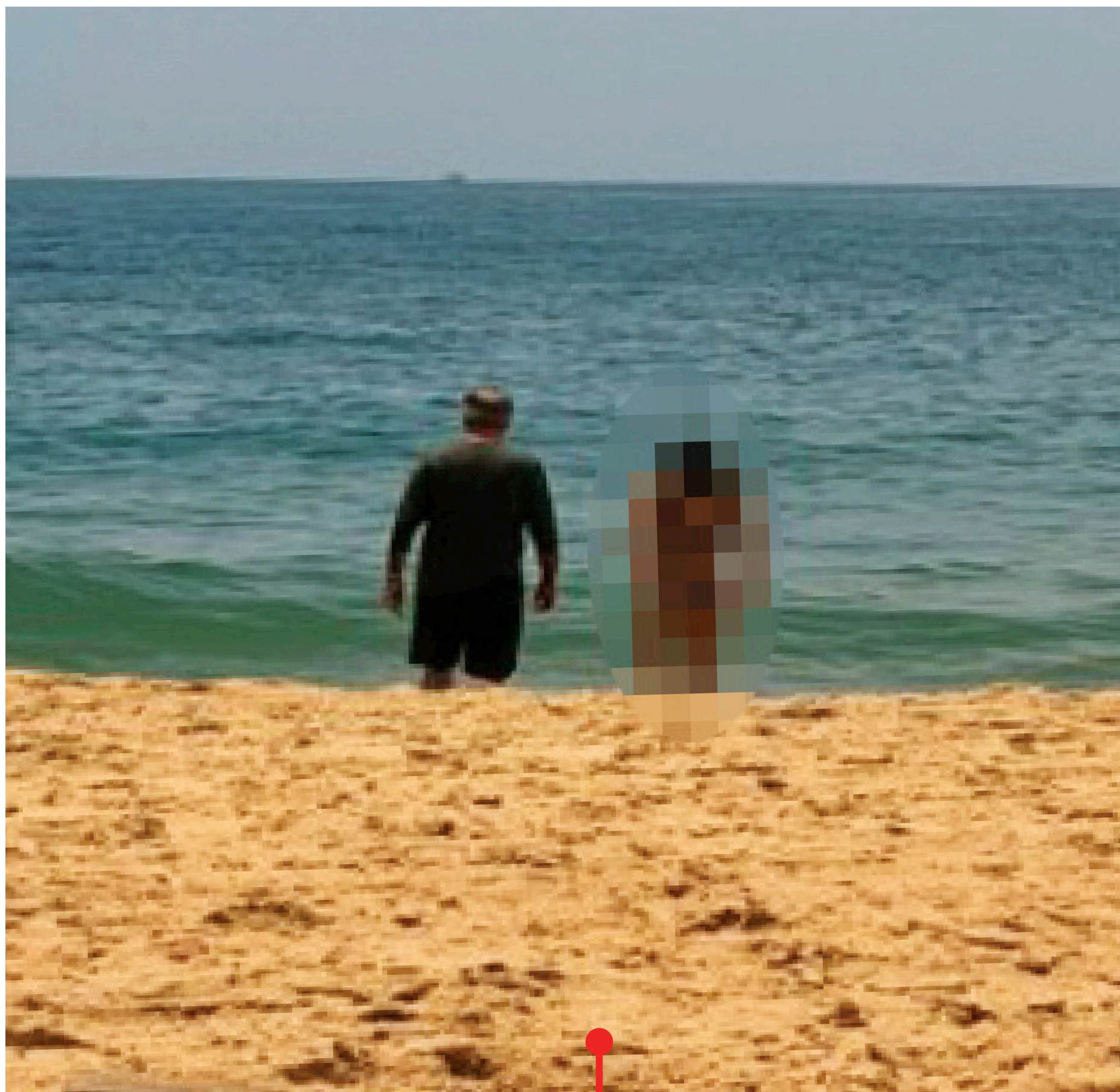


estratégia a desqualificação das mulheres que o denunciaram. Ouvido por uma comissão de ministros que investigou o caso, Buzzi alegou que a denúncia de assédio no mar seria obra de confusão mental da jovem de 18 anos e que os fatos relatados pela ex-assessora teriam motivação financeira. Como prova de sua inocência, apresentou falhas e incoerências nos depoimentos das acusadoras e de testemunhas, além da ausência de provas diretas dos crimes, o que levaria ao conhecido impasse da palavra da vítima contra a do acusado.

No último dia 3 de julho, com quase seis meses de investigações, a Procuradoria-Geral da República (PGR) apresentou ao STJ seu veredicto. Num detalhado parecer



de 57 páginas, a que VEJA teve acesso com exclusividade, concluiu que Buzzi cometeu os crimes de que é acusado e recomendou a aposentadoria compulsória, pena máxima destinada a integrantes da magistratura. Assinado pelo subprocurador-geral da República José Adonis Callou de Araújo Sá, o documento analisa um robusto conjunto de provas reunido pelas defesas das vítimas, com fotos, mensagens de WhatsApp, pareceres de especialistas, imagens de câmeras de segurança e depoimentos de testemunhas. Cruzando os elementos da acusação com as alegações do magistrado, o subprocurador não deixa dúvidas: “A escassez de provas materiais diretas são comuns nos casos de assédio sexual, especialmente quando não há o emprego



de violência física, porque o ofensor procura praticar suas condutas na clandestinidade, longe de testemunhas visuais e em contextos de intimidade forçada. Nessa perspectiva, a palavra da vítima assume especial relevância e eficácia probatória, devendo ser respaldada por elementos de convicção indiretos (...) o parecer do Ministério Público Federal é pela procedência das imputações formuladas no procedimento administrativo disciplinar”.

Os detalhes alinhavados pela PGR costuram o drama em detalhes e falam por si. O primeiro episódio envolve a filha de uma conhecida advogada, amiga da família de Buzzi. A denúncia da jovem de 18 anos começa com uma constatação de como ela via o ministro Buzzi: “Informa

que, desde criança, frequentava assiduamente o STJ e tinha o ministro Marco Buzzi como um avô e confidente”. Nessa posição, no início de janeiro, ela viajou com a família, a convite do ministro para passar um período de férias. No dia seguinte, apareceram os primeiros sinais de que algo estava diferente. Buzzi questionou, sempre segundo a documentação do processo, se a jovem era lésbica e se não sentia atração por homens, já que tinha uma namorada. Desconcertada, ela respondeu ao ministro que era bissexual. No dia 9 de janeiro, por volta de 11h30, quando estavam decidindo ir à praia, a mãe da jovem ficou para trás ajudando a esposa de Buzzi a “organizar algumas coisas na casa e o pai da garota se alongou numa reunião on-line”. A jovem foi para a faixa de areia acompanhada apenas pelo ministro do STJ. De biquíni, sentada na cadeira de praia, ela permaneceu alguns minutos lendo e-mails até que Buzzi surgiu na frente dela convidando para um banho de mar. Ela aceitou. O magistrado então deu a ideia de que os dois fossem para uma área afastada uns 400 metros da frente do condomínio em que usualmente se banhavam no mar.

As investidas, relatam as páginas montadas a partir dos depoimentos, começaram quando os dois atingiram uma profundidade que escondia os corpos. Buzzi comentou estar com frio, apontou para duas pessoas próximas que estavam abraçadas no mar, sugeriu que os dois fizessem o mesmo. “Marco puxou a declarante pelo braço e a



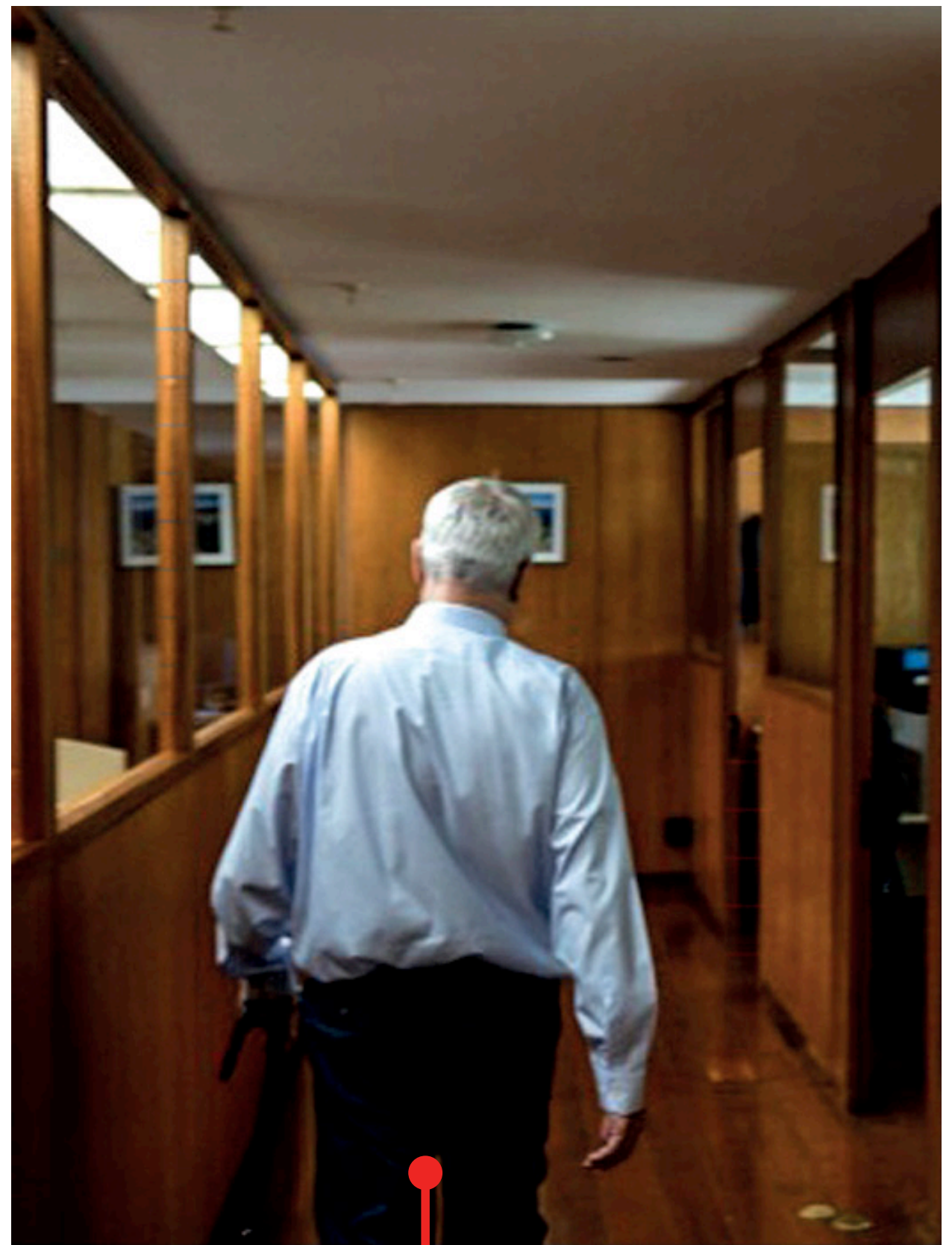
CONSTRANGIMENTO O plenário da Corte em Brasília: incômodo com o inevitável e necessário processo

virou de costas para si e pressionou o quadril e nádegas da declarante contra seu pênis e afirmou que a achava ‘muito bonita’”, relatou a jovem. A menina tentou fugir, mas foi puxada novamente pelo magistrado, “que passou a mão em suas nádegas”. Na volta para casa, a garota revelou o assédio aos pais. “Desde o ocorrido, não consegue dormir e sofre de pesadelos constantes com o episódio”, informa a documentação.

Em sua defesa, Buzzzi negou qualquer contato ou con-

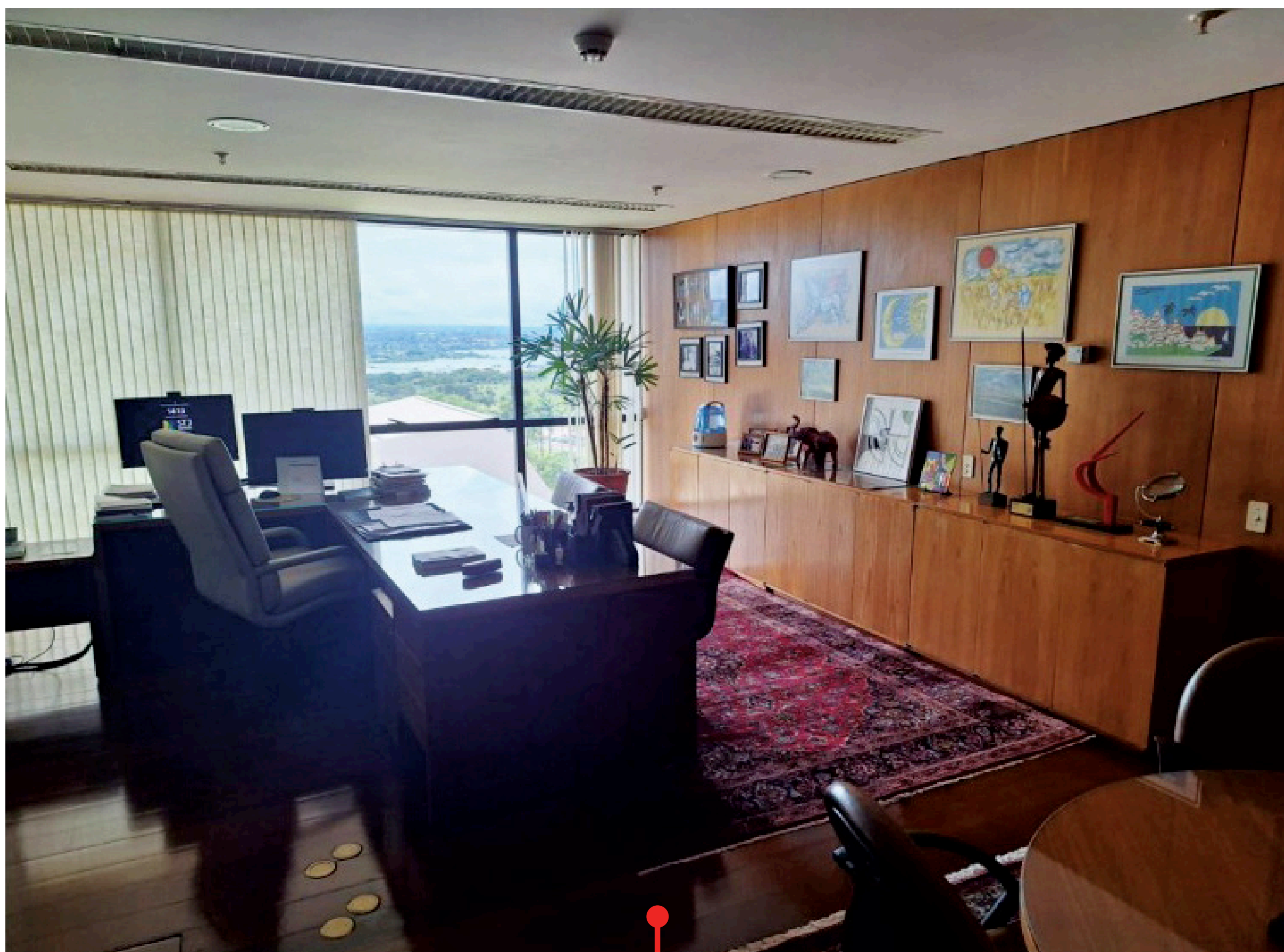
A SEGUNDA DENÚNCIA

A servidora terceirizada do STJ teria sido atacada nos exíguos corredores do gabinete do magistrado em Brasília *(ao lado, as fotos anexadas ao processo)*. Quando Buzzi chegava ao local, funcionárias trocavam mensagens, de modo a nunca deixá-lo a sós com mulheres: “No tribunal”, “Ministro chegou” *(nos prints de WhatsApp)*.



versa com a jovem, classificando a narrativa de “inverossímil” e “inconsistente”. Buzzi alegou possuir graves problemas de mobilidade — dependência de uso de bengala e encurtamento em uma das pernas —, o que tornaria impossível a prática do ato na praia com mar revolto. Ele também juntou um laudo para atestar que tem disfunção sexual moderada. A defesa do ministro ainda argumentou que o local do suposto assédio era visível para banhistas e que a jovem saiu do mar sem demonstrar constrangimento imediato.

Os pais da jovem, ouvidos pela Justiça, confirmaram que ela retornou da praia em estado de choque e chorando



compulsivamente. Mensagens de um grupo de WhatsApp mostram que o pai da vítima confrontou o ministro e a esposa dele, logo depois de deixarem a residência. “Não existe uma maneira fácil ou não dolorosa de contar o que houve. Então, serei direto: a minha filha foi molestada sexualmente pelo Marco no mar hoje”, disse o pai. Nas mensagens, a esposa do magistrado demonstrou desespero, afirmando que sua “vida acabou” e que não sabia o que dizer diante da gravidade do relato. Buzzi, apesar de ter lido as mensagens, silenciou. Em seu parecer, o subprocurador José Adonis ressaltou que a limitação física do ministro não o impedia de se movimentar no mar. Adonis



também criticou a tentativa da defesa de desqualificar a vítima por sua “aparente calma” após o ato, lembrando que o Judiciário deve afastar estereótipos da “vítima perfeita” e focar na conduta do agressor.

As provas juntadas pela segunda vítima, uma ex-assessora de Buzzi no STJ, são igualmente detalhadas. Ela prestou um longo relato, gravado em vídeo, aos investigadores. Servidora terceirizada no STJ, a mulher traçou uma rotina de abusos e terror enquanto trabalhou no gabinete do magistrado. “Tudo começou com elogios. Você está linda hoje”, relatou a mulher, sobre abordagens de Buzzi no gabinete. Designada para a função de secretá-

ria, ela era encarregada de cuidar dos detalhes de funcionamento do gabinete. Primeira a chegar ao escritório, a mulher relatou em depoimento ficar sozinha com Buzzi no espaço. Nos amplos gabinetes dos ministros do STJ, os espaços são bem demarcados. A Buzzi, além de uma sala privativa com escrivaninha e sofás, há um cubículo destinado ao depósito de objetos. Um corredor interno liga a área reservada do ministro a salas de assessoria e uma biblioteca.

A ex-assessora de Buzzi contou ter sido assediada em quatro desses ambientes. Um certo dia, o ministro chamou a secretária até sua sala, reclamando de um barulho que viria, segundo ele, do cubículo ligado a seu espaço privativo. A secretária caminhou então até esse espaço e, ao entrar na sala, percebeu que o ministro a seguia logo atrás. Na sequência, sentiu a mão do ministro escorrendo por suas nádegas. A condição humilde — ela relata que era a única provedora da família e precisava, portanto, do emprego — a fez permanecer trabalhando para o magistrado. Em outra ocasião, ao cruzar com Buzzi pelo corredor interno do gabinete, foi novamente molestada.

A situação mudou de figura em outro episódio, na sala pessoal de Buzzi, quando ele, depois de pedir ajuda dela para conectar um pen drive no monitor de seu computador, agarrou-a com força, com uma das mãos. Naquele momento, ela reagiu, pegou o braço do ministro e o afas-

tou. Buzzi então recuou: “Me desculpa, me desculpa...”. Fragilizada com as seguidas investidas, a secretária procurou a autoridade máxima no seu local de trabalho para relatar o que estava vivendo. A conversa com a chefe de gabinete de Buzzi serviu como um desabafo, mas não terminou como deveria. “Estou chocada”, disse a principal assessora de Buzzi ao ouvir o relato da secretária. “Vou te mudar de horário”, seguiu a chefe de gabinete, ao apresentar o que, segundo ela, seria a única solução disponível para enfrentar o assédio do ministro do STJ.

Ao tratar do caso, o ministro negou as tentativas de assédio, disse que a mulher o denunciou por querer dinheiro e alegou que sua condição física e a geografia do gabinete, em espaço exíguo, o impediriam de cometer atos de assédio. A defesa da ex-servidora juntou ao processo depoimentos de diferentes servidores do gabinete do magistrado que confirmaram a rotina de assédios. Mensagens de WhatsApp revelam que eles se organizavam para chegar mais cedo ao STJ, de modo a evitar que o ministro ficasse sozinho com a mulher. O subprocurador José Adonis rejeitou as teses da defesa de Buzzi, deixando claro que o design do gabinete e a limitação física do ministro não eram impeditivos para as condutas relatadas.

Além do risco de ser banido da magistratura, Buzzi responde a investigações criminais no STF. Todas as provas do caso foram encaminhadas ao ministro Nunes Marques, relator do caso no Supremo. ■

PODER DE REAÇÃO

Recém-liberado no Brasil, o spray de pimenta pode ajudar mulheres em casos pontuais de agressão, mas é preciso usá-lo com cautela **LUDMILLA DE LIMA E RAYSSA MOTTA**



NO ALVO O aerossol: treinamento é essencial para o objetivo de paralisar o agressor

EM MEIO aos ciclos eleitorais, as demandas da população costumam ficar mais claras à medida que os aspirantes ao poder precisam levar ao palanque o que está no topo da lista de preocupações. E no Brasil de hoje não há dúvida: a segurança pública é o temor número 1, à frente de tantos outros setores da vida em sociedade que afligem as pessoas, como a economia e a saúde. As mulheres se sentem particularmente vulneráveis — na última década, houve galopante avanço dos feminicídios, de 314%, segundo o novo Atlas da Violência. É sob essa moldura em que muitas delas saem à rua com medo de sentir na própria pele as más estatísticas que o governo federal acaba de sancionar uma lei permitindo ao pelotão feminino usar spray de pimenta, uma arma não letal, para paralisar agressores em casos de ataques de natureza física e sexual. A medida é pontual, e não uma política de Estado para debelar o crime. Mas é algo que pode, sim, ajudar em certas situações, desde que o artefato seja acionado de forma adequada. “As mulheres, que compõem a maior fatia do eleitorado, estão assustadas”, diz Carolina Ricardo, diretora-executiva do Instituto Sou da Paz.

Encampada no Congresso por políticos da direita, o spray já havia sido liberado em cinco estados — Rio de Janeiro, Paraná, Rondônia, Paraíba e Santa Catarina — por uma ala que defende linha dura contra a violência e o direito à defesa pessoal. O projeto foi a princípio recebido com desconfiança no Palácio do Planalto. O governo já havia posto as fichas em um pacote de proteção à mulher que endurece punições aos agressores e queria o foco aí. Mas, em um cálculo calibrado para não comprar mais

briga com deputados e senadores nem fornecer munição à oposição a poucos meses do pleito, Lula decidiu homologar a medida, mesmo desaconselhado a fazê-lo por entidades receosas de seus desdobramentos práticos. “Ele não ganharia nada se vetasse a lei”, avalia um aliado ativo na campanha do presidente justamente nas áreas de justiça e segurança. Um dos poucos ajustes no texto original foi a retirada do artigo que permitia a aquisição do produto a partir dos 16 anos — no fim, a idade ficou em 18.

A compra é simples: basta apresentar documento de identidade, comprovante de endereço e certificado de que não tem antecedentes criminais. Pela lei, o spray só poderá ser acionado de forma “moderada”, o que se traduz em cessar o jato tão logo o algoz esteja “neutralizado”. Os frascos não podem passar de 50 mililitros, considerada dose segura, e o projeto prevê a implementação de um programa de capacitação para transmitir informações sobre os limites legais da legítima defesa e as consequências do uso desproporcional do dispositivo — etapa que, embora crucial, ainda não foi regulamentada. À luz da experiência mundo afora, os especialistas ressaltam que, sem treinamento, os riscos se elevam. A primeira recomendação, enfatizam, é nunca sacar o aerossol em assaltos à mão armada. “Se tiver com dedo no gatilho, o bandido vai atirar, daí ser vital recorrer ao spray apenas nos cenários de agressão previstos pela legislação”, alerta o coronel reformado da PM de São Paulo José Vicente da Silva Filho, ex-secretário Nacional de Segurança.

Preparado à base de oleorresina de pimenta, cuja concentração ainda será determinada pela Anvisa, o líquido expelido do



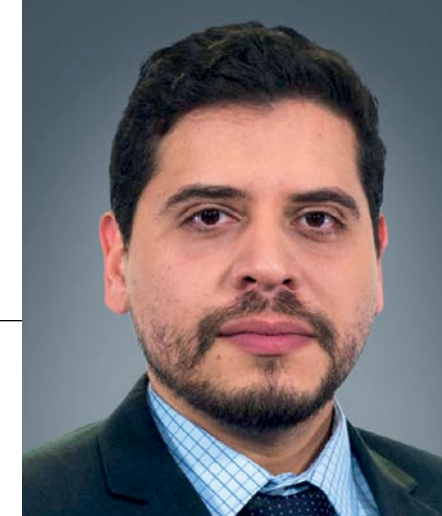
SEM BAIXAR A GUARDA

Presidente da OAB Mulher no Rio, **Flávia Ribeiro**, 40 anos, carrega o produto na bolsa, mas nunca se viu em situação de acioná-lo. “Me sinto mais segura sabendo que tenho esse recurso à mão”, diz.

frasco é capaz de temporariamente cegar o agressor e às vezes lhe causar alguma dificuldade respiratória. A ideia é infligir um dano leve, nunca mais do que isso, e possibilitar a fuga ou pedido de socorro da vítima. Uma pesquisa do Instituto GPP, realizada com 2 000 eleitores no estado do Rio, onde o spray se incorporou à paisagem há oito meses, mostra que a maior fatia da população feminina, 73%, aprova a novidade — entre as jovens, alvo mais frequente de assédio e importunação sexual, o número chega a 95%. Como outras que dão uma face ao fenômeno, a

advogada Flávia Ribeiro, 40 anos, presidente da seção fluminense da OAB Mulher, conta que carrega sempre um exemplar na bolsa, mas felizmente nunca precisou tirá-lo de lá. “Me sinto um pouco mais protegida sabendo que tenho esse recurso à mão se um dia for agredida e houver chance de escapar”, explica ela, que passou por treinamento promovido pela própria OAB e conta andar agora mais tranquila em calçadas escuras, sem nunca baixar a guarda.

Para que seja efetivo, porém, o uso deve obedecer a um conjunto de cuidados — entre eles atingir o rosto do agressor a uma distância mínima de 1,5 metro, para não dar margem ao contato físico no caso de reação por parte dele. Quando os marginais atuam em bando, então, nem pensar no spray. Conciliar tudo isso em meio a um episódio de alta tensão é o que suscita críticas. Outro motivo de apreensão é depositar excessiva confiança no dispositivo, minimizando o perigo logo ali, à espreita, e banalizar seu uso, desrespeitando as restrições definidas por lei. E que ninguém imagine estar contida ali a solução para um problema de envergadura bem maior. “É medida pequena para uma questão complexa, que envolve a escalada da misoginia”, diz Mario Sarrubbo, ex-secretário nacional de Segurança Pública do governo Lula. Liberado na maior parte dos estados americanos (na Califórnia virou febre) e em países da Europa, como Espanha, Itália e Alemanha, o spray de pimenta deve ser posto no escaninho das iniciativas que, embora longe de ser um elixir, pode fazer a diferença entre ingressar no rol de estatísticas da criminalidade ou sair ilesa. ■



Casamento bilionário

Duas das maiores assessorias de investimentos do Brasil estão prestes a se unir. A EQI negocia a compra da AVIN, grupo formado pela Acqua Vero e pela SWM. Com a compra, a empresa de **Juliano Custodio** se aproximará de 75 bilhões de reais sob gestão e assumirá a liderança do setor no país.

Pacote completo

A transação abrange toda a operação da AVIN. Além de ganhar escala, a EQI deverá incorporar uma carteira de *wealth management* — serviço de gestão patrimonial voltado a clientes de alta renda — com tíquete médio superior ao de sua própria base, além de ampliar a equipe de assessores.



DIVULGAÇÃO

EXPANSÃO Custodio, CEO da EQI Investimentos: 75 bilhões de reais sob gestão

Credores no comando

O apoio dos bancos brasileiros está longe de ser suficiente para destravar a recuperação extrajudicial da Braskem. Quatro gestoras americanas — Capital Group, AllianceBernstein, Elliott e Strategic Value



Partners (SVP) — concentram 4,7 bilhões de dólares em créditos contra a petroquímica. Juntas, elas reúnem votos suficientes para aprovar ou para barrar o plano.

Poder dividido

A divisão de funções entre a Petrobras, responsável pela gestão da Braskem, e a IG4, encarregada da área financeira, tem provocado atritos na petroquímica. Pelo modelo adotado, até decisões que normalmente caberiam a um único executivo dependem do aval e da assinatura de representantes dos dois blocos.

Rota caribenha

A EFB Regimes Especiais de Empresas, responsável pela liquidação do Banco Master, recorreu à Justiça

das Ilhas Cayman para investigar operações que somam mais de 700 milhões de dólares. Entre elas está uma remessa de 122 milhões de dólares feita pelo Master ao Global Navigator, um dos fundos incluídos no pacote de ativos oferecido por Daniel Vorcaro ao BRB na tentativa de venda do banco.

O mapa do tesouro

O BRB avaliou o fundo em 114,2 milhões de dólares, mas não conseguiu confirmar a composição de sua carteira. Mais tarde, foi informado de que os recursos haviam sido transferidos de Jersey, uma ilha britânica próxima à França, para as Bahamas. A investigação em Cayman poderá esclarecer o destino do dinheiro e o que realmente

havia no fundo oferecido ao banco brasiliense.

Garimpo particular

Benjamin Steinbruch escolheu a CSN Mineração como seu principal investimento. Nos últimos meses, o empresário vem comprando discretamente ações da mineradora. A aposta pessoal ocorre enquanto a CSN põe outros ativos à venda para reduzir sua dívida.

Queima de ativos

Pressionada por uma dívida de 1,3 bilhão de reais, a construtora Gafisa começou a se desfazer de ativos no Rio de Janeiro. O movimento aguçou o apetite de grupos paulistas voltados ao mercado de alto padrão, e dois deles passaram a avaliar a compra do Allard

Oscar Freire, empreendimento residencial nos Jardins, em São Paulo. O projeto é uma parceria com o empresário francês Alexandre Allard, idealizador do hotel Rosewood na capital paulista.

Dinheiro verde

A empresa chilena de celulose Arauco está ampliando sua base florestal no Brasil por meio da Falcão MS, sociedade criada com o banco BTG Pactual para comprar terras destinadas ao cultivo de eucalipto. A empresa já recebeu 939 milhões de reais em aportes, reúne treze imóveis com área total de 23 000 hectares e possui contratos que deverão gerar 2,1 bilhões de reais em receitas. É a maior aposta da Arauco no Brasil. ■

vejatv estreia o primeiro programa noturno diário do canal.

● REC

veja em foco

Notícias em tempo real, entrevistas ao vivo e análises profundas sobre tudo o que move o Brasil. Fique por dentro dos fatos com quem entende do assunto.



Samsung TV Plus
2059



LG Channels
126



TCL
10031



Roku
221



App
NXTV

DE SEGUNDA A SEXTA, DAS 19H ÀS 20H
com a apresentação da jornalista *Marcela Rahal*

A CONTA CHEGOU

Ao ampliar barreiras comerciais e prolongar a guerra com o Irã, Donald Trump desestabiliza e enfraquece a economia mundial

MÁRCIO JULIBONI E ERNESTO NEVES



ALTO CUSTO O presidente americano: as medidas causam prejuízos ao próprio país

Em 1996, Ivana Trump, primeira mulher de Donald Trump, fez uma participação de apenas vinte segundos no filme *O Clube das Desquitadas*. Ao se despedir das anfitriãs de uma festa, pronunciou uma frase que resumia com humor o ruidoso divórcio do casal: “Não fique com raiva, fique com tudo”. Ivana sabia do que falava. Na separação, ocorrida em 1990, obteve uma indenização de 14 milhões de dólares, várias propriedades e uma pensão anual de 650 000 dólares para os três filhos. Três décadas depois, Trump conduz outro rompimento turbulento — desta vez, entre os Estados Unidos e o restante do mundo —, com efeitos que abalam a economia mundial em diversas frentes. Na comercial, impôs novas barreiras a mais de sessenta países, entre eles o Brasil. Na geopolítica, prolongou a guerra com o Irã, que culminou no fechamento do Estreito de Ormuz e em um novo choque nos preços do petróleo. Juntas, as duas ofensivas espalham incertezas e prejuízos muito além das fronteiras americanas “Os Estados Unidos decidiram se divorciar do mundo”, diz José Pio Borges, presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Ao contrário de Ivana, porém, os parceiros dessa separação não receberão propriedades ou pensões — apenas uma sucessão de problemas.

No Brasil, o primeiro desafio é administrar os efeitos contraditórios da alta do petróleo. De um lado, a condição de grande produtor favorece o país, ao elevar a arrecadação de royalties e dos impostos pagos pela Petrobras e pelas demais companhias do setor. De outro, encarece os derivados da com-

modity e amplia as pressões inflacionárias. Desde o início do ano, a gasolina acumula alta de 6%, enquanto o óleo diesel disparou 16%, movimento que torna ainda mais difícil a tarefa do Banco Central de conter os preços. Em evento recente em São Paulo, o presidente da instituição, Gabriel Galípolo, reconheceu que o petróleo caro “é um fator que nos faz manter os juros em nível restritivo”.

Ciente de que a alta dos combustíveis corrói sua popularidade, o presidente Lula prorrogou o subsídio de 44 centavos por litro de gasolina por mais trinta dias. Uma estimativa do Ministério da Fazenda concluiu que a medida custará 1,2 bilhão de reais aos cofres públicos. O gasto adicional, ressalvase, agravará o desequilíbrio fiscal e ajudará a ampliar a distância entre os preços domésticos e as cotações internacionais. Embora seja um grande produtor de petróleo, o Brasil não dispõe de capacidade de refino suficiente para atender ao consumo interno, o que o obriga a importar o combustível. Segundo a Abicom, associação que representa as importadoras, os preços no país estão 45% abaixo das cotações internacionais no caso da gasolina e 58% no do diesel. “Soluções artificiais, como o subsídio, só criam problemas”, diz Pedro Rodrigues, sócio da consultoria CBIE. Para ele, uma resposta mais eficaz passa pela redução da carga tributária sobre os combustíveis, pela ampliação da capacidade de refino e pelo combate à sonegação.

O governo Lula pode transformar a alta do petróleo provocada pela guerra com o Irã em um impulso para fortalecer a



CARGA PESADA

Com as novas tarifas, 42% das exportações brasileiras para os Estados Unidos estão sujeitas a sobretaxas

VALOR DAS EXPORTAÇÕES PARA OS ESTADOS UNIDOS (EM BILHÕES DE DÓLARES)**

- PRODUTOS **ISENTOS** DE SOBRETAXAS*
- PRODUTOS TAXADOS EM **37,5%**
- PRODUTOS TAXADOS EM ATÉ **50%**
- PRODUTOS AMERICANOS REPATRIADOS (ISENTOS)
- PRODUTOS TAXADOS EM **12,5%**
- PRODUTOS TAXADOS EM **25%**



23,4



12,4



4,5



2,4



1,5

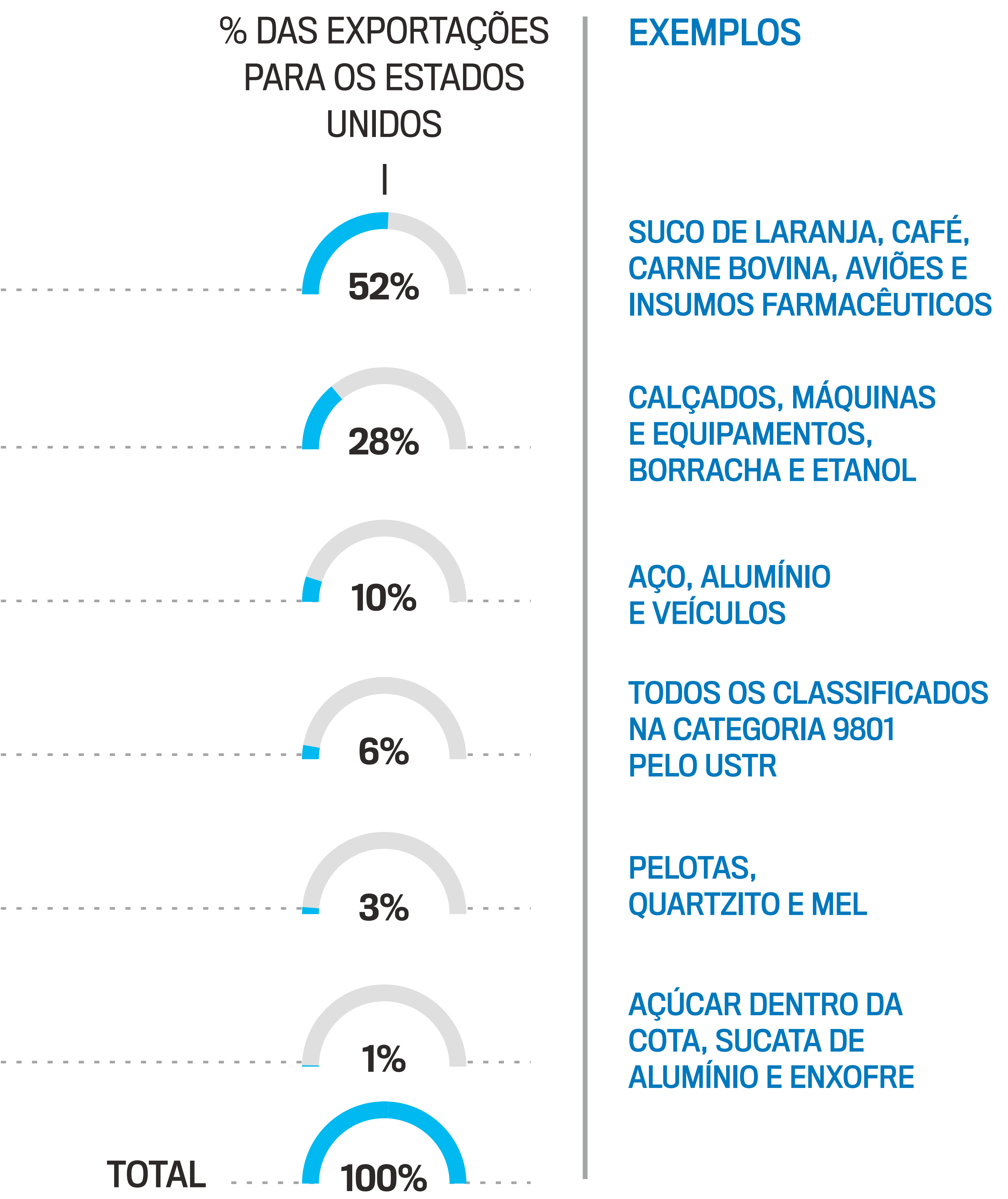


0,4



* Pagam apenas as tarifas normais de importação ou estão isentos sob certas condições

** Com base nos resultados de 2024



Fonte: *MB Associados*

indústria nacional — se tiver disposição para isso. Extrair algum benefício do novo surto protecionista da Casa Branca, porém, é um desafio muito mais complexo. Na penúltima semana de julho, o governo americano impôs uma sobretaxa de 12,5% às importações do Brasil e de outros 59 países, sob a alegação de que eles não fazem o suficiente para combater o trabalho escravo. A tarifa se soma aos 25% cobrados exclusivamente sobre os produtos brasileiros, medida amparada em uma combinação desconexa de argumentos econômicos e políticos, dos supostos prejuízos provocados pelo Pix à prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro. A profusão de pretextos torna a negociação com Washington ainda mais árdua, mas o diálogo é o único caminho para limitar os danos às exportações. “Não se trata apenas de uma questão comercial”, diz Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior. “Trump quer negociar o acesso a minerais críticos, a regulação e a taxação das redes sociais e outros temas complexos que nem sequer dependem do Palácio do Planalto.”

Enquanto o impasse permanece, as empresas brasileiras sofrem as consequências. A pernambucana Ibacem, uma das maiores exportadoras de frutas do país, vive os dois lados dessa história. As mangas, que chegaram a ser taxadas em 50% no ano passado, foram incluídas na lista de isenções e, por isso, a empresa se prepara para despachar 1,8 milhão de caixas do produto para o mercado americano. As uvas, contudo, não foram beneficiadas pela isenção e pagam 37,5% de imposto. Com isso, a Ibacem deixará de embarcar 800 toneladas da



RETROCESSO Porto de Santos: exportações para os Estados Unidos caíram 13% no primeiro semestre

fruta. A opção será vendê-las no Brasil, o que deve derrubar os preços e comprometer as margens. Outro efeito do protecionismo de Trump é a redução dos investimentos. A companhia engavetou os planos de elevar a produção em 25%. “Com isso, deixaremos de gerar 400 empregos diretos”, afirma Nelson Costa, presidente da Ibacem.

A Forbal, fabricante gaúcha de peças e equipamentos agrícolas, também rebaixou as expectativas de negócios com os Estados Unidos. Em abril de 2025, quando Trump anunciou o primeiro tarifaço, a empresa havia acabado de abrir um escritório em Tampa, na Flórida, com o intuito de tornar o país seu principal mercado no exterior, contribuindo com 10% da receita total. Passado pouco mais de um ano, porém, os americanos respondem por apenas 2% do faturamento e a internacionalização foca agora em vizinhos como a Argentina. Em meio a tantos anúncios e revogações de tarifas, as alíquotas estabelecidas neste mês apenas tornam o quadro mais confuso. “Nem os nossos clientes, nem os especialistas que contratamos



IMPASSE Galípolo: disparada do petróleo impede queda acentuada dos juros

nos Estados Unidos sabem quanto temos de pagar”, afirma Giuliano Santos, presidente da Forbal. “Isso aumenta a insegurança dos clientes e é péssimo para os negócios.”

As dificuldades enfrentadas pelas empresas brasileiras são apenas a face local de uma transformação muito mais ampla e que exige atenção permanente. Os muros erguidos por Trump estão reorganizando fluxos de comércio, alianças econômicas e cadeias produtivas, além de restringir o acesso ao maior mercado consumidor do planeta e usar as tarifas como instrumento de coerção política. Nem mesmo parceiros históricos dos Estados Unidos, como União Europeia, Japão e Canadá, esca-

param das maldades de Trump. O tarifação recente, vale lembrar, substitui o modelo anunciado em 2025, cuja legalidade passou a ser contestada na Justiça. Washington sustenta que as medidas protegem a indústria americana de práticas desleais, mas elas reforçam um traço marcante da nova era: a adoção de decisões unilaterais que alteram o equilíbrio internacional e multiplicam os riscos para empresas e governos.

A imprevisibilidade que marca a administração Trump também se projeta sobre a geopolítica americana. Iniciada há cinco meses, a guerra com o Irã permanece sem perspectiva de solução e voltou a se intensificar, com novos ataques de ambos os lados. Os reflexos aparecem imediatamente nos mercados de energia. Em julho, o barril do petróleo acumulou alta de 20%, superando os 90 dólares. Basta surgir algum sinal de retomada das negociações para que as cotações recuem. Quando as ameaças se renovam, voltam a subir. Essa gangorra mantém o setor sob forte volatilidade, dividido entre a esperança de uma saída diplomática e o temor de interrupções no fornecimento. A ausência de uma estratégia clara amplia o temor de que novos focos de tensão surjam. Na quarta-feira 29, a escalada ganhou mais um capítulo, quando Estados Unidos e Arábia Saudita atacaram bases de milícias iraquianas apoiadas por Teerã. Com os novos conflitos, cresceram os temores de que as principais rotas de escoamento de petróleo do Oriente Médio sejam comprometidas. “A incerteza sobre os próximos passos de Trump tem efeito paralisante sobre a economia mundial”, afirma Robert Kahn, diretor da consultoria Eurasia Group.



IMPACTO GLOBAL

O novo tarifaço dos Estados Unidos e o conflito no Oriente Médio reduzirão o crescimento da economia mundial e elevarão a inflação neste ano

CRESCIMENTO DO PIB



RESULTADO DE 2025

PROJEÇÃO PARA 2026

MUNDO

3,5%

3%

PAÍSES DESENVOLVIDOS

1,9%

1,7%

PAÍSES EMERGENTES

4,5%

3,8%



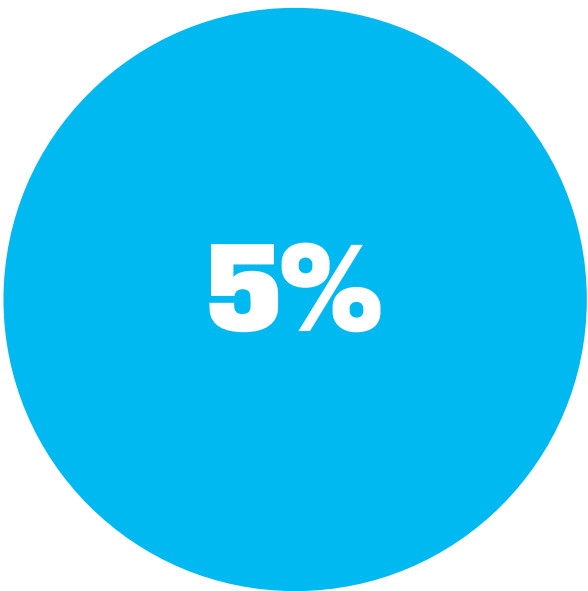
CRESCIMENTO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL*



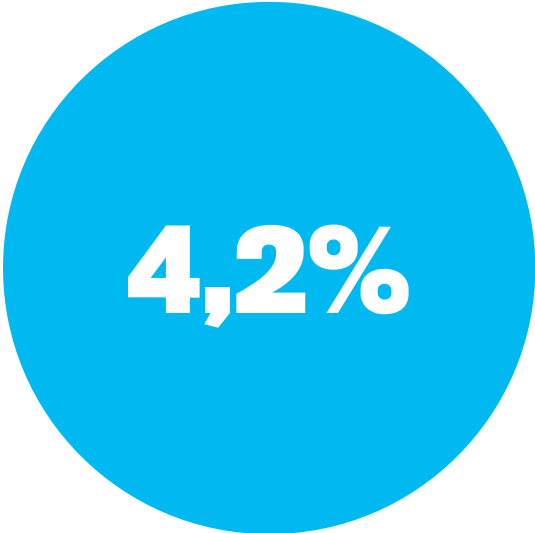
RESULTADO
DE 2025

PROJEÇÃO
PARA 2026

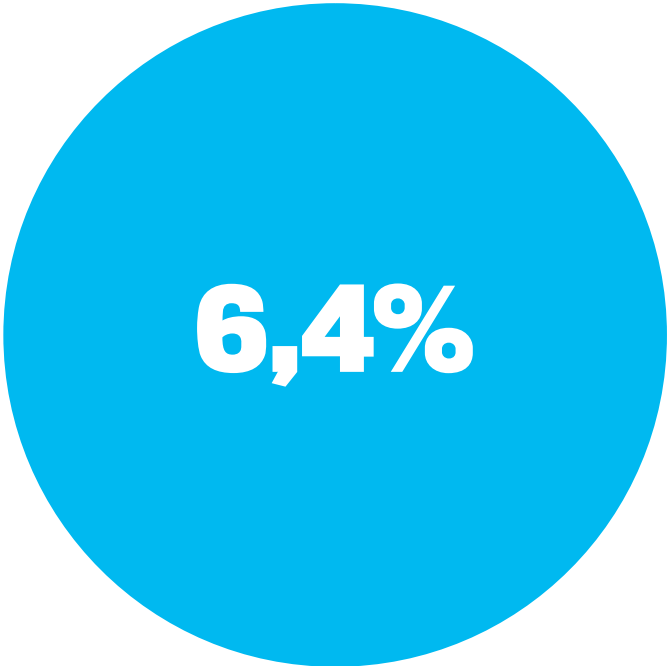
MUNDO



PAÍSES
DESENVOLVIDOS

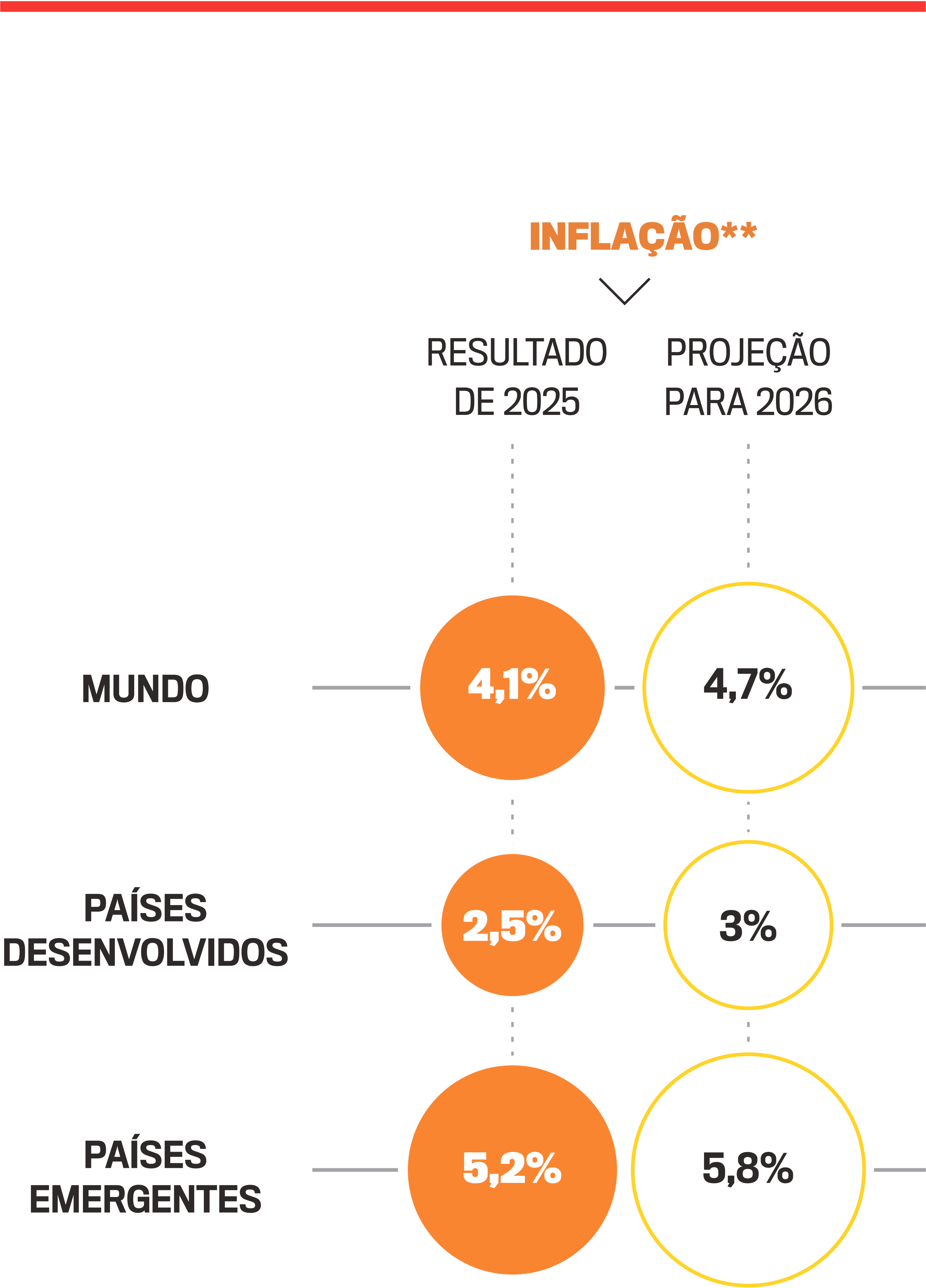


PAÍSES
EMERGENTES



* Corrente comercial de bens e serviços





** Preços ao consumidor

Fonte: *Fundo Monetário Internacional*

A ofensiva protecionista de Trump é hoje a principal fonte de instabilidade da economia global. Mais do que corrigir desequilíbrios comerciais, o objetivo do presidente americano parece ser conter o avanço da China. Sob o argumento de combater o trabalho forçado em cadeias produtivas vinculadas ao país asiático, o governo de Washington passou a punir empresas e nações integradas à rede de comércio de Pequim. As alíquotas tarifárias atingem, assim, países que estreitaram seus laços econômicos com a potência chinesa, entre eles o Brasil. Para especialistas, a nova investida tenta remediar o fracasso da política adotada em 2025, quando os Estados Unidos elevaram a até 145% as tarifas sobre produtos chineses, mas recuaram pouco depois. Nada disso foi suficiente para conter o ímpeto exportador da China. O governo de Xi Jinping driblou as barreiras ao redirecionar os embarques e conquistar novos mercados. Contrariando os planos de Trump, a corrente comercial chinesa cresceu 6% no ano passado e alcançou o recorde de 6,5 trilhões de dólares. “A tentativa de conter a China esbarra no tamanho e na integração da economia do país ao comércio mundial”, afirma Eswar Prasad, professor de economia e política comercial na Universidade Cornell, nos Estados Unidos.

Apresentada por Trump como o caminho para reerguer a economia americana, a guerra comercial produziu efeito contrário. Desde o início do segundo mandato do presidente, o setor manufatureiro do país perdeu 77 000 postos de trabalho. No campo, os resultados são igualmente negativos.

MASOUD MEHRABI/IRANIAN ARMY/AP/IMAGEPLUS



CABO DE GUERRA Estreito de Ormuz: Irã e Estados Unidos disputam o controle da região

Segundo a American Farm Bureau Federation, principal entidade do agronegócio do país, os produtores rurais poderão acumular perdas de 63 bilhões de dólares até 2027 devido às retaliações adotadas pelas nações atingidas pelas tarifas. Atualmente, o cultivo de soja, algodão e trigo já opera no prejuízo. Parte da explicação está do outro lado do planeta. Em resposta a Trump, a China passou a privilegiar fornecedores considerados mais amigáveis, sobretudo Brasil e Argentina. Diante do risco crescente de perder a maioria na Câmara nas eleições de meio de mandato, em novembro, o presidente sinalizou a criação de um pacote emergencial de 12



TIRO NO PÉ

O protecionismo comercial de Trump e a guerra que trava contra o Irã prejudicam seu próprio país

AS SOBRETAXAS CUSTARAM **1 000 DÓLARES** PARA CADA FAMÍLIA AMERICANA EM 2025

AS TARIFAS IMPOSTAS EM JULHO CUSTARÃO MAIS **700 DÓLARES** POR FAMÍLIA EM 2026

254 000 EMPREGOS DEIXARÃO DE SER CRIADOS ATÉ 2035 NOS ESTADOS UNIDOS PELOS SETORES QUE DEPENDEM DE INSUMOS IMPORTADOS

AS RETALIAÇÕES DE OUTROS PAÍSES CONTRA OS AMERICANOS PODEM CUSTAR MAIS **141 000 EMPREGOS**

38% É QUANTO JÁ SUBIU O PREÇO DA GASOLINA NOS POSTOS AMERICANOS COM A GUERRA CONTRA O IRÃ

A INFLAÇÃO PROJETADA PARA ESTE ANO É DE **3,6%, ACIMA DOS 2,9%** REGISTRADOS EM 2025

Fontes: *Tax Foundation, AAA Gas Prices e Federal Reserve*

bilhões de dólares para compensar parte dos danos. “No ano passado, cerca de 15 000 propriedades rurais encerraram suas atividades e o número de falências já cresceu 70% neste ano”, diz William Galston, especialista em governança do think tank americano Brookings Institution.

Os efeitos do ambiente hostil criado por Trump, porém, ultrapassam as fronteiras americanas. Em julho, o Fundo Monetário Internacional reduziu sua projeção para o crescimento mundial, agora de 3%, e apontou a deterioração das relações entre os países como uma das principais causas da desaceleração. Bancos e consultorias internacionais chegaram a conclusões semelhantes. O índice de confiança da Business Roundtable, associação que reúne os dirigentes das maiores companhias dos Estados Unidos, recuou ao menor nível desde 2020, refletindo a piora das expectativas para investimentos, contratações e vendas. Analistas do banco Goldman Sachs afirmam que a instabilidade em torno das tarifas levou empresas a adiar projetos de expansão e decisões de longo prazo, sobretudo no mercado americano. O J.P. Morgan, por sua vez, calcula em 35% o risco de uma recessão nos Estados Unidos e no restante do globo nos próximos doze meses. “Estamos diante de um mundo diferente, cujos contornos não estão claros”, disse Christine Lagarde, presidente do Banco Central Europeu, em discurso recente em Frankfurt, na Alemanha. A questão, portanto, já não é saber quem vencerá a próxima disputa comercial, mas qual ordem econômica emergirá desse embate — e que lugar caberá ao Brasil nela. ■



MAÍLSON DA NÓBREGA

ATÉ O TCU?

A incrível benemerência criada
por quem deveria rejeitá-la

O TRIBUNAL de Contas da União (TCU) decidiu que o salário e a gratificação por desempenho de função de seus servidores, da Câmara e do Senado, sejam separados para calcular o limite de remuneração, que é o subsídio de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), de 46 366,19 reais. O teto se aplicará apenas ao salário, permitindo que a remuneração total supere essa quantia. Não surpreende que o TCU tenha proposto ao Congresso aumentar o valor da gratificação.

No setor público, a remuneração compreende aqueles dois itens, um relacionado à posição do servidor na carreira e outro concernente ao cargo de direção ou assessoramento superior. Nunca se falou que eles fossem financeiramente distintos. São partes constituintes de um todo. De acordo com a Constituição, “a remuneração e o subsídio dos ocupantes de cargos, funções e empregos públicos, percebidos cumulativamente ou não, incluídas as vantagens pessoais ou de qualquer outra natureza, não poderão exceder o subsídio mensal, em espécie, dos ministros do Supremo Tribunal Federal”. Está claríssimo. Não existe a separação enxergada pelo TCU.

O festival de privilégios começou com juízes e procuradores. Aproveitando a autonomia instituída pela Constituição para propor seus próprios orçamentos e, assim, salários e vantagens, tribunais se esmeraram em criar penduricalhos considerados “indenizatórios”, o que, sem justificativa aparente, os isenta do teto e do imposto de renda. No mundo normal, “indenizações” significam o ressarcimento de gastos com despesas de viagem — que no setor público são pagas previamente em valores fixos (diárias) —, ajudas de custo, horas extras e adicionais noturnos. Até mesmo o “peru de Natal”, denominação jocosa dada à gratificação de 10 000 reais, criada pelo Tribunal de Justiça do Mato Grosso em dezembro de 2024, tornou-se verba “indenizatória”. De tão vergonhoso, o mimo foi revogado pelo presidente do tribunal.

Apesar da reação que se observa na opinião pública contra os penduricalhos, que foram limitados pelo STF (em vez de

**“O Tribunal de Contas da
União mandou às favas
a prudência
e instituiu um
novo privilégio”**

eliminados, em obediência à Constituição) a 50% dos honorários dos ministros da corte suprema, o TCU mandou às favas a prudência e instituiu o novo privilégio. A área técnica do tribunal e o relator do processo se haviam pronunciado contra a reivindicação, mas os oito outros ministros decidiram a favor. Não será surpresa se o novo penduricalho for estendido a outros funcionários que sofrem o abatimento destinado a ajustar sua remuneração ao teto constitucional.

A justificativa dada pelo presidente do TCU foi a de que a regra desestimula servidores a assumir funções de chefia, eis que parte da gratificação acaba sendo reduzida pelo teto. É possível que isso aconteça, mas os ministros optaram pela saída fácil e torta, a da instituição de um novo privilégio ao arrepio da lei. Foi um drible à norma que lhe compete fazer cumprir. Típico do país dos privilégios que virou o Brasil. ■

SEM HORIZONTE

Devastação em Gaza: conflito que o israelense (*abaixo*) defende à revelia de Trump



GPO/AFP

ABDEL KAREEM HANA/AP/IMAGEPLUS

MISSÃO: SOBREVIVER

Depois de sair de mãos abanando da Casa Branca, Netanyahu segue em várias frentes de batalha – estratégia para tentar manter o poder nas eleições que se avizinham

CAIO SAAD

A Casa Branca ficou especialmente agitada ao receber em sequência o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e Benjamin Netanyahu, o primeiro-ministro de Israel, na terça-feira 28, ambos enredados em conflitos que se esticam sem horizonte de fim — um xadrez geopolítico que em nada interessa ao anfitrião, Donald Trump. Daí a certa irritação que exalava, desta vez menos com o ucraniano, com quem teve conversa fluida, e mais com seu par israelense, que hoje o exaspera pelos objetivos que divergem dos dele. Muitos tópicos candentes dominaram a pauta, mas o que Netanyahu queria mesmo era convencer o ocupante do Salão Oval da necessidade de seguir com a investida contra o Irã, iniciada pelos dois há cinco meses, e da importância das outras frentes de batalha que seu país trava no explosivo Oriente Médio. Toda a pressão de Trump, porém, tem sido no sentido de abrandar a tensão que lhe cobra alto preço, e Netanyahu foi embora de mãos vazias. Não houve nem um daqueles pronunciamentos à imprensa em que os líderes distribuem sorrisos e celebram acordos e promessas vãs.

Não é um cenário alvissareiro para o premiê, que, com uma eleição no horizonte, está em plena luta pela sobrevivência política, projeto apoiado justamente na estratégia das bombas. Com elas, consegue manter a seu lado a extrema direita, vital para a coalizão que o sustenta, e também uma fatia relevante da população, sobretudo quando agita a bandeira de que está em combate contra “inimigos existenciais”

para Israel. É tática de resultado incerto e que estimula mundo afora uma percepção negativa do país, inclusive entre americanos, atualmente mais simpáticos a palestinos do que a israelenses — uma situação inédita e incômoda. Recentemente, Zohran Mamdani, o prefeito socialista de Nova York, chegou a pedir ao departamento jurídico que achasse uma brecha para prender Netanyahu quando ele pousasse na cidade para a Assembleia Geral da ONU, em setembro, em cumprimento a um mandado de prisão emitido pelo Tribunal Penal Internacional. Não foi possível, mas Mamdani enfatizou o repúdio ao primeiro-ministro, alvo de dura carta assinada por ex-diplomatas israelenses. “Você está destruindo o que construímos em 77 anos de história”, escreveram.

A estratégia de Netanyahu colide de frente com o plano do governo de Washington de baixar a poeira no Oriente Médio, onde um conflito costuma se interligar a outro, sacudindo um tabuleiro instável. Pois os movimentos do premiê, que conhece essa lição de cor, têm justamente esgarçado laços já frágeis. Ao insistir em avançar em Gaza, o enclave palestino onde firmou um fragilíssimo cessar-fogo com o Hamas, o grupo radical no comando, ele frustra um cronograma liderado por Trump de redesenho do estreito território. O mais recente lance ali foi o anúncio de que uma força de paz internacional seria despachada do Egito para dar a largada a uma mudança de poder — ainda sem data, muito porque, para o governo de Israel, o melhor mesmo é deixar tudo como está. O país domina 64% de

Gaza, e a cada dia abocanha mais. Enquanto a situação perdura, aliados dos americanos, como a Arábia Saudita, se recusam a estabelecer elo diplomático com Israel. Os sauditas, aliás, são o sonho maior de Trump, pelo potencial de negócios e também pela demonstração de força que um novo arranjo por lá representaria.

Outro canto da região que Israel vem inflamando é a Cisjordânia, cuja ocupação por colonos israelenses é ilegal aos olhos do direito internacional. Depois dos confrontos com palestinos nos últimos dias, o premiê prometeu acelerar o estabelecimento de novos assentamentos, projeto embalado por um recém-aprovado orçamento de 2,2 bilhões de reais. E o tom subiu com o ultrarradical ministro das Finanças, Bezalel Smotrich. “Esta é a resposta sionista apropriada aos terroristas e ao terrorismo”, bradou. Resultado: o deslocamento forçado dos palestinos se agrava, e Netanyahu adiciona um componente à sua tão desgastada imagem, dentro e fora de Israel. Ao caldeirão soma-se o imbróglio no Líbano, onde seu governo se apossa de mais porções de terra ao Sul, apesar de assim colocar pólvora na contenda contra o Irã. A nação persa já deixou claro que não selará a paz se Netanyahu continuar a esticar a corda por lá — este, aliás, outro ponto de atrito com Trump, cuja desaprovação dispara (chegou esses dias a 62%) à medida que o conflito se estende. “Netanyahu apostou que embarcar em guerras aumentaria suas chances de manter o poder, uma aposta arriscada”, diz Yossi Mekelberg, do think tank Chatham House.

A movimentação de Netanyahu mira a data de 27 de outubro, quando os israelenses irão às urnas. Com um racha em sua base, que encolheu com a saída de um dos partidos que lhe garantia a permanência no posto, o parlamento foi dissolvido. A tirar pelas atuais pesquisas, o primeiro-ministro, que há quase duas décadas está à frente do país, não terá vida fácil para reverter a previsão de derrota. Mas é preciso lembrar que poucos líderes na atual arena da política dominam tão bem os labirintos do poder. Se perder mesmo, ele também enfrentará a Justiça, onde processos aos quais responde por corrupção repousam na gaveta enquanto ele segue no cargo. “Com as guerras em andamento sem desfecho claro, não dá para dizer se a estratégia de Netanyahu será boa ou ruim para ele”, afirma a cientista política Irit Katz, da Universidade de Cambridge. Para o mundo, não há dúvida: o melhor caminho é sempre o da paz. ■

VIROU PALANQUE

Em uma eleição polarizada, candidatos disputam a cadeira de secretário-geral da ONU – e o escolhido terá o duro desafio de fazer o órgão ganhar relevo

FELIPE CARNEIRO E AMANDA PÉCHY



MICHAEL KAPPELER/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

PALCO GLOBAL Assembleia em Nova York: dificuldade para influenciar os rumos da história



COM OITO DÉCADAS de vida, a Organização das Nações Unidas (ONU) já foi mais organizada e, certamente, mais unida. Quando emergiu, em um mundo no qual a ferida aberta pela II Guerra latejava, a ideia era que a instituição que ajudou a fincar no mapa-múndi o conceito de multilateralismo promovesse a paz. E assim foi por muito tempo, até o derretimento da União Soviética e os sacolejos que vieram depois, desembocando em uma lógica cada vez mais unilateral, exacerbada agora pela presença de Donald Trump na Casa Branca. O resultado é a flagrante irrelevância do órgão diante de esticadas batalhas que o *petit comité* permanente do Conselho de Segurança — Estados Unidos, China, Rússia, França e Reino Unido —, sempre em desalinho, não consegue frear. Soma-se ao caldeirão uma crise financeira que levou ao enxugamento do quadro e ao empalidecimento de agências antes vistosas, e o que sobrou foi uma estrutura que exige um profundo ajuste para funcionar sob novos ventos.

É nessa desafiante paisagem que se desenrola o processo para suceder ao diplomata português António Guterres na cadeira de secretário-geral da ONU. Na quinta-feira 23, os candidatos subiram ao palco da Assembleia Geral, em Nova York, para o último grande ato de uma disputa que, transmitida pela TV, tomou contornos de show como nunca se viu. No páreo estão um africano e cinco latino-americanos que travam um debate marcado, também ali, pela polarização. Os protagonistas são a ex-presidente chilena Michelle Bachelet, que já foi alta-comissária de direitos humanos e é apoiada à esquerda por governos como

o de Brasil e México, e o argentino Rafael Grossi, diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), indicado por seu conterrâneo, o presidente Javier Milei, e respaldado por outros à direita. “A ONU foi dominada pelo *wokismo* diplomático. Quero que volte a resolver conflitos”, disse Grossi a VEJA. Já Bachelet defendeu no derradeiro embate que “chegou a hora de uma mulher” ascender pela primeira vez ao topo da instituição.

Finda a etapa dos holofotes, as costuras seguem a toda nas salas à prova de som do Conselho de Segurança, onde os cinco membros permanentes e os dez rotativos jogam um xadrez em que as peças vão sendo eliminadas, até que um aspirante ao cargo sobreviva sem vetos no fim de outubro. E dá-lhe lobby para emplacar o número 1 da instituição que, embora enfraquecida, ainda é um picadeiro que dá visibilidade e influência geopolítica. A seu favor, Grossi conta com a cadeira-maior na AIEA e acesso às rodas do poder. “Sou um dos únicos que fala tanto com Vladimir Putin quanto com Volodymyr Zelensky”, garante ele, no meio das tratativas sobre os rumos do programa nuclear iraniano, ponto central na guerra que se arrasta no Oriente Médio.

FOTOS: OLGA FEDOROVA/EPA/EFE; GETTY IMAGES



É SHOW Michelle Bachelet e Rafael Grossi: disputa transmitida pela TV

Os movimentos atrás das pesadas cortinas dão contornos a uma escolha em que as rachaduras mundo afora vêm à baila. A Rússia teria ficado exasperada ao saber que Grossi tem ligações com a inimiga Europa (é neto de italianos e possui até passaporte), e o Reino Unido quer garantias de que as Malvinas, ilhas sob domínio britânico no alvo de uma queda de braço com a Argentina, não virão à pauta. Do outro lado do ringue, Bachelet sofre aberta resistência de Washington — senadores republicanos já lhe dedicaram palavras nada amáveis (“lunática pró-aborto”, entre elas). Como se não bastasse, ela se indispôs com Pequim nos tempos de alto-comissariado, assinando um relatório sobre crimes contra a minoria islâmica dos uigures que os chineses não esquecem.

Em um cenário pouco provável de nenhum dos postulantes sobreviver à peneira, como já ocorreu, outros podem entrar na corrida — brecha que fez com que Trump lançasse o nome, só para chamar atenção, do cartolão Gianni Infantino, o presidente da Fifa, com quem troca amabilidades. Seja quem for assumir a cadeira em 1º de janeiro de 2027, terá a dura missão de dar ali uma guinada. A grande crítica a Guterres é de que despendeu energia demais com questões de gênero e do clima, enquanto se esquivou dos conflitos armados sem encarar os anacronismos que hoje roubam o palco da instituição. “Se ninguém injetar vitalidade no órgão, as relações internacionais ficarão cada vez mais fragmentadas”, avalia a especialista Suzanne Nossel. Como se vê, o desfecho da eleição será apenas o início do teste para ver se a ONU deixa de ser um relicário de boas intenções e consegue, enfim, virar a página para o século XXI. ■



VILMA GRYZINSKI

O PROTECIONISMO INTELIGENTE

Scott Bessent é o articulador dos pilares defendidos por Trump

OS ESTUDIOSOS do comunismo falam — e escrevem — abundantemente sobre a Nova Política Econômica implantada por Lênin em 1921. Dependendo da tendência ideológica, a NEP é discutida até hoje como um erro conceitual ou um lance de gênio do criador do comunismo na vida real, ao abrir controladamente as comportas da iniciativa econômica para tirar a nascente União Soviética do buraco negro provocado simultaneamente por uma revolução total, uma guerra civil e uma guerra mundial. Em qualquer das interpretações, foi um sucesso apenas temporário, rapidamente revertido para não deixar nenhuma impressão de concessões ao capitalismo. Mas ficou a ideia de grandes planos para conduzir a economia, contrariando em tudo o espírito libertário. Scott Bessent, o homem a quem Donald Trump encarregou de conduzir o que seria uma nova política econômica americana, não tem nada de libertário. Ao contrário, apesar do ânimo capitalista, quer corrigir erros do excesso do liberalismo da era da globalização. Vale a pena conhecer suas propostas, inclusive para

ter uma ideia melhor do espaço onde entra o Brasil. Bessent defende uma espécie de protecionismo inteligente.

Em primeiro lugar na lista, está reassumir as áreas vitais das economias avançadas: os Estados Unidos precisam ter a preponderância em matéria de semicondutores, inteligência artificial, computação quântica, manufatura avançada, minerais críticos e farmacologia — note-se que são todas áreas de extrema competição com a China. “A resistência na cadeia de comando não obriga que todos os componentes sejam domésticos, o que seria irrealista e desnecessário. Mas ela nos obriga a conhecer nossas vulnerabilidades e a reduzi-las antes que as crises se apresentem.” Tradução: nunca mais deixar os Estados Unidos precisando da China até para esparadrapos, como aconteceu durante a pandemia. Outro ponto da NEP de Bessent: reciprocidade comercial. “Os países não devem ter acesso ao nosso mercado sem dar acesso ao mer-

“Uma das ideias é nunca mais deixar os Estados Unidos dependerem da China até para esparadrapos”

cado deles.” O Brasil tem déficit comercial com os Estados Unidos, mas nesse ponto a discussão é como a do lobo e do cordeiro, partimos de uma posição de fraqueza. Não há reciprocidade que mude isso. Entender essa realidade é essencial para não ter ilusões. Contestar a predominância do dólar, que Bessent chama de liderança financeira, outro pilar da política que defende, também não ajuda a conquistar simpatias em Washington.

A coluna final da NEP de Bessent é promover a prosperidade das famílias americanas, a base da economia saudável. Muitos fatores trabalham contra isso no momento, inclusive o aumento da gasolina decorrente da alta instabilidade no Oriente Médio. Negociar redução de tarifas nessas circunstâncias é praticamente um ato de magia. Mas não temos alternativas. O secretário do Tesouro já disse que “ter acesso a produtos baratos não faz parte do sonho americano”. Precisava ser mais claro? Argumentos com base apenas no preço não são mais definitivos.

A famosa frase de Lênin sobre dar um passo atrás para depois avançar dois à frente foi dita sobre o recuo tático para o capitalismo do tempo da NEP. Precisamos calcular bem para onde nossos passos nos levarão, com responsabilidade e sem exibicionismo eleitoral. ■

Com reportagem de Flávio Monteiro,
Giovanna Fraguito e Nara Boechat



VÃO-SE OS ANÉIS, FICAM OS DEDOS

Para quem acha que já viu de tudo no campo do merchandising na televisão brasileira, a trama global das 9, *Quem Ama Cuida*, cravou um ineditismo: a personagem da atriz **MARIANA XIMENES**, 45 anos, foi batizada de Dora em explícita alusão a uma marca de cosméticos que patrocina a novela, o que atiçou as redes e até forçou uma mudança inesperada e às pressas nos rumos do roteiro. A marca em questão não gostou do fato de sua garota-propaganda abrir

mão da estabilidade do casamento para se aventurar em um caso com o jovem sobrinho do marido. Os autores então deram uma mexida no enredo para frear o romance. Sobre o enrosco, a atriz sai pela tangente. “As mulheres têm direito de ter liberdade. Quando existe amor, por que não dar vazão a isso?”, diz. Já a emissora preferiu não se pronunciar. Vão-se os anéis, ficam os dedos.



MANOELLA MELLO/TV GLOBO



DESAFINADA, SIM

Depois de décadas de TV, **OPRAH WINFREY**, 72 anos, resolveu remexer o baú de memórias e trouxe à tona uma passagem que, só de lembrar, até hoje lhe traz vergonha. Ela diz que um dos

maiores deslizes de sua trajetória foi decidir gravar ela mesma a música de abertura de seu talk show, no fim dos anos 1990. “Foi muito ruim. Definitivamente não sei cantar”, admite a apresentadora, que, à época, investiu pesado em aulas e participava até de um coral. Hoje prefere nem assistir à desafinada cantoria. “Aquilo não serviu de nada”, diz Oprah, que segue negando convites para soltar a voz em campanhas publicitárias.



ASTRIDA VALIGORSKY/GETTY IMAGES



RINDO À TOA

Inspirado em histórias vividas por seu pai e pelo melhor amigo dele, **PAULO VIEIRA**, 33 anos, criou *Pablo & Luisão*, série de humor que tem registrado boa audiência na Globo, onde o gênero anda em baixa nos últimos tempos. “A identificação acontece porque esses personagens são muito humanos”, avalia Paulo, que assina o roteiro, atua e dá pitacos na produção. Oscilando no set entre o “controlador e o caprichoso”, segundo define, ele diz que precisou fazer muito lobby em prol do projeto, até emplacar. E garante que tem liberdade total. “Inventei uma cena em que o elenco todo fica fazendo coxinha, uma das que mais me divertiu”, conta o humorista, que já recebeu sinal verde para uma segunda temporada.

UMA QUESTÃO MUSCULAR

A toda hora, uma nova imagem é alvo da mesma dúvida existencial: será verdadeira ou obra da inteligência artificial? Desta vez, a questão envolveu **LARA TRUMP**, 43 anos, mulher de Eric Trump, filho do presidente americano. Ela vem sendo acusada de turbinar os músculos, exibidos nas redes cada vez mais proeminentes, à base de IA. Na mira de impiedosas críticas, a influenciadora não demorou a sair em defesa própria. “A vida inteira priorizei os exercícios”, garante Lara, que ainda rebateu os detratores compartilhando vídeos de treinos. Também tratou de valorizar o esforço que faz para conciliar a malhação com a agenda do marido, a quem, diz, faz de tudo para acompanhar. “Já tive que malhar às 3h45 da manhã, antes de pegar um voo”, conta, entre uma e outra flexão.

INSTAGRAM @LARATRUMPCOLLECTION





VALMIR MORATELLI

SEM TOGA

Fazendo retratos em série de ministros do STF para um futuro livro, **BOB WOLFENSON**, 71 anos, foi à Flip, Festa Literária Internacional de Paraty, para clicar **CÁRMEN LÚCIA**, 72, às voltas com o lançamento de um livro. “Ela é ótima, passa segurança no olhar, não tem mistério”, elogiou Bob, após a sessão de fotos acompanhada por VEJA. Mas o que a magistrada diz preferir mesmo quando está longe da toga é o dia a dia sem holofotes em Belo Horizonte, onde mora. De tão discreta, uma mulher a abordou no meio da rua achando estar diante de uma sócia da “dona Cármem”. “Ela chegou a me dizer que ia enganar todo mundo falando que tinha me encontrado”, diverte-se a ministra, que aproveita, à paisana e com elegância, os dias de recesso na alta Corte. ■

REVOLUÇÃO ALÉM DO PESO

Depois de conquistarem o mundo como tratamento para diabetes e obesidade, as canetas de aplicação semanal são testadas para múltiplos fins, inclusive contra vícios, dores e até mesmo o câncer

DIOGO SPONCHIATO



UMA PICADA, VÁRIOS ALVOS Indicações:
proteção cardíaca e apneia do sono estão na lista oficial



No panteão da mitologia grega, que reflete as atemporais aspirações da humanidade, Asclépio, o deus da medicina, dividia espaço com sua filha, Panaceia, a deidade responsável por todas as curas. Seu nome perdeu a inicial maiúscula e virou verbete e esperança ao longo dos séculos como sinônimo de um remédio, encontrado na natureza ou criado pelo homem, capaz de erradicar qualquer doença. Até que foi perdendo o verniz de adoração e ganhando uma aura negativa pelas mãos de inúmeros curandeiros e charlatões que prometiam, com uma única erva ou unguento, sanar todos os males — uma prática que não caiu em desuso, só obteve outra roupagem e vocabulário no comércio digital.

Era natural, portanto, que as canetas emagrecedoras, a classe de medicamentos mais popular e lucrativa de nosso tempo, comesçassem a ser tratadas como panaceia na esteira de seus novos benefícios apontados por estudos, ainda que eles demandem uma boa dose de ponderação e escrutínio científico. O fato é que os resultados das cuidadosas investigações são animadores — à margem, claro, dos espertalhões que vendem falsificações no mercado informal. Muito além do peso, esses produtos têm potencial para ajudar a tratar um amplo espectro de condições — daquelas entranhadas no cérebro a outras que se manifestam à flor da pele e das articulações.

A bem da verdade, a revolução das canetas não começou com a mira na obesidade. Os primeiros análogos de

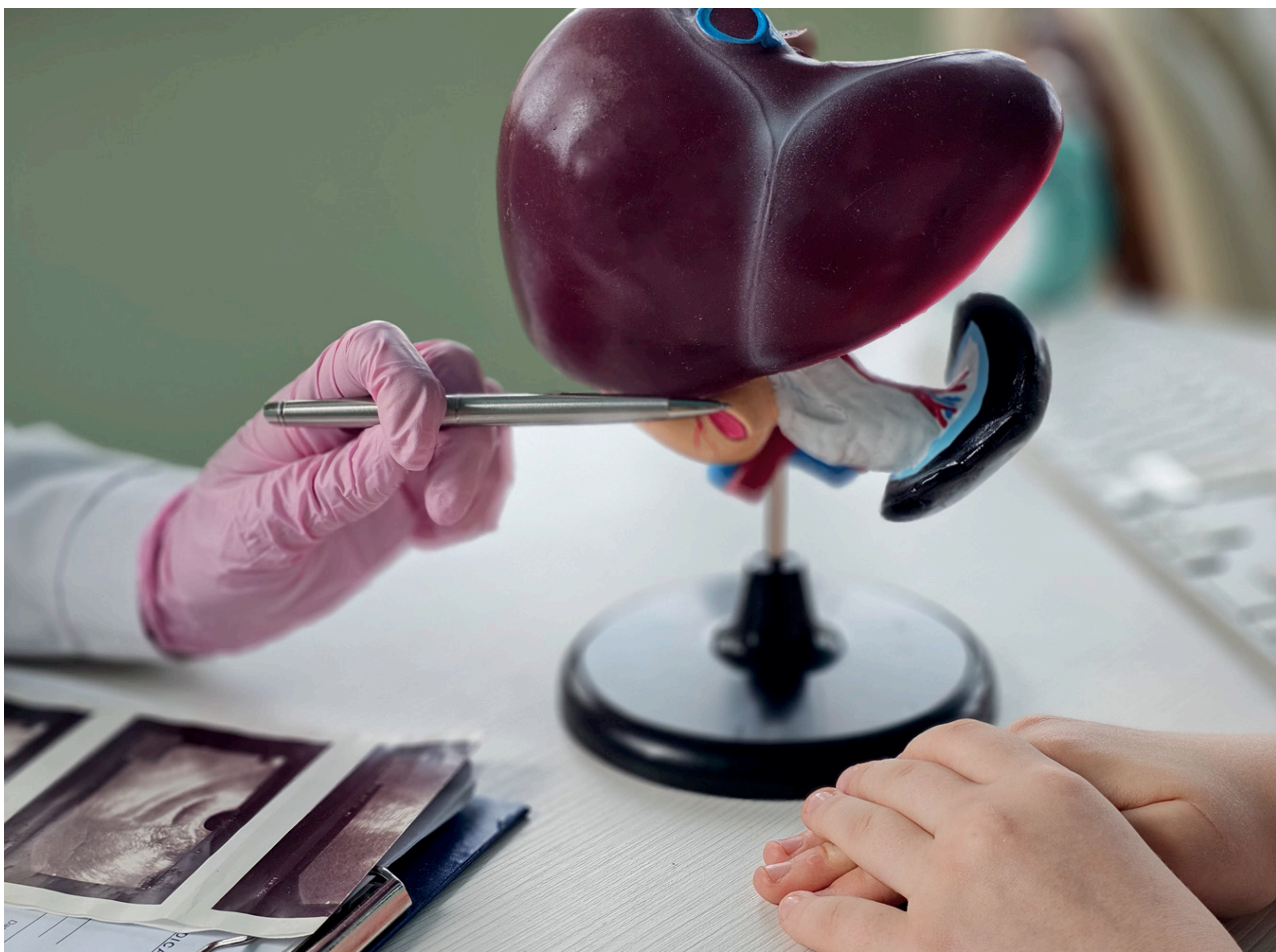


DEPENDÊNCIA Menos vontade de beber: semaglutida pode frear alcoolismo

GLP-1, produtos que imitam um hormônio que atua no controle da saciedade e dos níveis de glicose no sangue, foram formulados para domar o diabetes. O efeito sobre a perda de peso logo chamou atenção e pediu passagem. Hoje, a semaglutida, do Ozempic e do Wegovy, e a tirzepatida, do Mounjaro protagonizam um mercado formal que movimentava mais de 14 bilhões de reais só no Brasil — as vendas da categoria cresceram 110% entre os meses de abril de 2025 e 2026. Embora o apelo estético venha alimentando tais números, esses fármacos já contam com um currículo de evidências a favor de suas vantagens metabólicas, algo que a balança e os exames de glicemia costumam

mam comprovar. Mas eles podem fazer mais pelo corpo.

Na verdade, já fazem. E, por vezes, a fama de eliminar as gordurinhas até ofusca esses efeitos demonstrados em estudos robustos. A semaglutida, por exemplo, é aprovada pela Anvisa para mitigar um problema que chega a afetar cerca de um terço da população e outro por trás da principal causa de mortes no país. “Além de tratar o sobrepeso e a obesidade, as canetas de Wegovy têm indicações para o tratamento da gordura no fígado com inflamação e fibrose e para a proteção cardiovascular em indivíduos acima do peso, reduzindo o risco de eventos graves como infarto e acidente vascular cerebral (AVC)”, diz Priscilla Mattar, vice-presidente médica da farmacêutica Novo Nordisk no Brasil. Enquanto isso, o Ozempic, a formulação voltada a quem tem diabetes, também recebeu aval para a prevenção da doença renal crônica, uma das complicações do desequilíbrio do açúcar no sangue. Já o Mounjaro, do laboratório Eli Lilly, ganhou a chancela para atacar a apneia do sono, distúrbio marcado por roncos e interrupções temporárias na respiração durante a noite e bastante ligado aos quilos extras. Essa expansão de aplicações tem a ver com uma noção cada vez mais realçada pelos praticantes da medicina séria. “Precisamos fugir da ideia de pesocentrismo, porque o mais decisivo não é atingir um peso ideal, mas controlar ou reverter comorbidades ligadas ao excesso de gordura”, afirma o endocrinologista Bruno Geloneze, professor da Unicamp.



ALIADA Gordura no fígado: caneta é um dos poucos tratamentos aprovados

Sob essa ótica, uma série de estudos está em curso para verificar outras indicações e “efeitos colaterais” positivos do uso das canetas. Efeitos, diga-se, que podem ter ou não a ver com o emagrecimento em si. Um exemplo: pessoas que tomam as injeções semanais relatam aos médicos menos vontade de fumar ou beber, mesmo que não estejam tentando parar. Qual a lógica? “Essas medicações atuam numa região do cérebro ligada à sensação de recompensa e parecem diminuir a liberação de dopamina provocada por álcool, nicotina e até drogas opióides”, diz o endocrinologista Carlos Eduardo Barra Couri, pesquisador da USP de

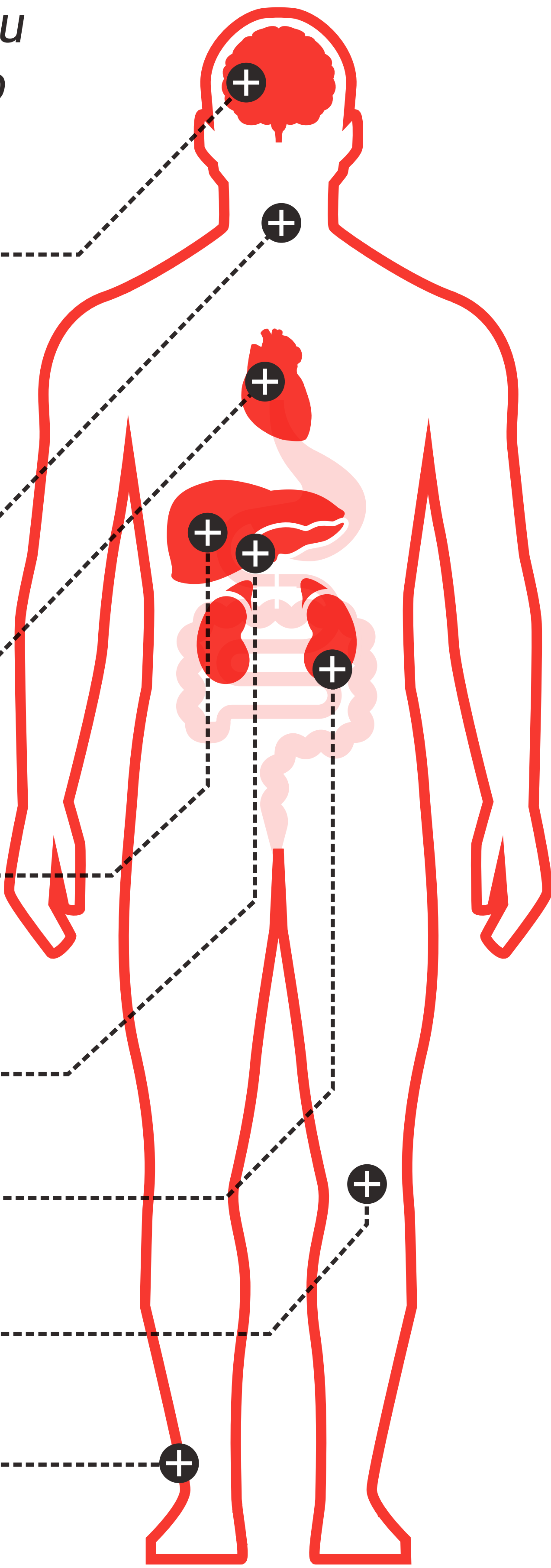
Ribeirão Preto. Uma análise com dados reais de milhares de usuários de GLP-1 revela que as intoxicações alcoólicas caíram por volta de 50% depois do início do tratamento. Já uma pesquisa dinamarquesa, desenhada para testar de forma controlada a semaglutida nesse contexto, mostrou que a ingestão de álcool desabou 1,5 grama em um mês, diante de 1 grama de redução entre pessoas que utilizaram a caneta sem princípio ativo (o placebo) — na prática, a diferença representa 33 latas de cerveja a menos nesse período. Outra intervenção, feita nos Estados Unidos, apontou que, apesar de as pessoas não pararem totalmente de beber, o volume de consumo diminuiu, bem como a fissura. São achados que, se confirmados em larga escala, poderão ampliar o arsenal terapêutico da dependência química.

Outra área de atuação inusitada é a das dores crônicas. Trabalhos recentes mostram que pessoas acima do peso com osteoartrite nos joelhos — a famigerada artrose provocada pelo desgaste das juntas — reportam menos incômodos e dificuldades para se movimentar depois de começar a injetar as canetas. Faz sentido: com menos quilos, diminui a sobrecarga mecânica sobre a articulação. Mas o mecanismo de ação parece não se limitar a isso: já se especula que as propriedades anti-inflamatórias dos análogos de GLP-1 entram em cena, jogando água sobre o incêndio nos joelhos e minimizando a degradação da cartilagem local. Experimentos mais embrionários, por sua vez, vislumbram atingir outros tipos de dor. Esses medicamentos es-

NOVAS FRONTEIRAS

As aplicações, aprovadas ou em pesquisa, que vão muito além da balança

- CÉREBRO**
DEPENDÊNCIA QUÍMICA,
TRANSTORNOS DE
HUMOR E DÉFICIT
COGNITIVO
- PESCOÇO**
APNEIA DO SONO
- CORAÇÃO**
PROBLEMAS
CARDIOVASCULARES
- FÍGADO**
GORDURA E
INFLAMAÇÃO NO ÓRGÃO
- PÂNCREAS**
DIABETES TIPO 2
- RINS**
DOENÇA RENAL CRÔNICA
- JOELHO**
OSTEOARTRITE
- PELE**
PSORÍASE





ISTOCK/GETTY IMAGES

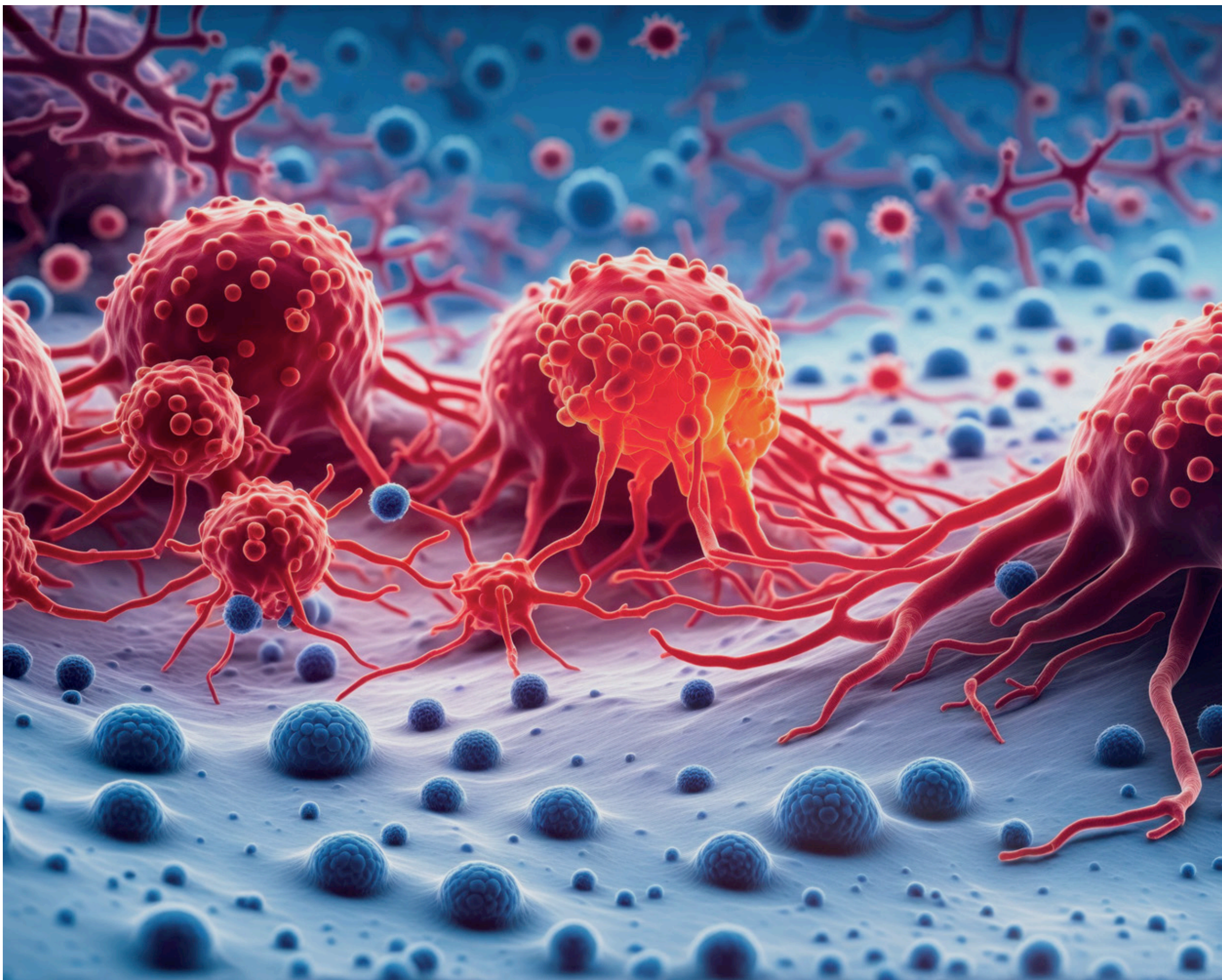
EFEITO NA DOR Artrose de joelho: análogos de GLP-1 podem ajudar pacientes acima do peso

tão sendo avaliados diante da neuropatia diabética, uma sequela do descontrole dos níveis de glicose que danifica nervos dos membros, gerando insensibilidade ou fortes desconfortos, e até mesmo contra crises de enxaqueca. É esperar para ver os desfechos.

No campo das promessas, outra aplicação fora da caixa se dá na pele. Isso mesmo. A Lilly tem financiado ensaios clínicos para analisar o impacto da tirzepatida em indivíduos com psoríase, uma doença por trás de placas e lesões avermelhadas no tecido cutâneo. No caso, ela se somaria ao tratamento tradicional, sobretudo entre pessoas com

sobrepeso, para abrandar o desequilíbrio imunológico que repercute na pele e, em alguns casos, até nas articulações. De novo, o segredo parece estar no poder anti-inflamatório dessa classe de drogas. Essa, na verdade, é uma das principais hipóteses a guiar a miríade de indicações, que vão da pele ao coração, passando pelo fígado e os rins. Mais do que um petardo contra a obesidade, a ciência está assinando embaixo do papel das canetas (e comprimidos) que emulam GLP-1 e outros hormônios em uma complexa rede de interações fisiológicas reunidas sob o pomposo nome de cardiometabolismo. “Temos estudos demonstrando resultados positivos em pacientes com diabetes e doença cardiovascular estabelecida, assim como em pessoas acima do peso com insuficiência cardíaca”, diz Luiz André Magno, diretor médico da Lilly no Brasil. “E, olhando para o futuro, uma das áreas mais promissoras de pesquisa envolve a saúde renal e hepática.”

Partindo dessa premissa de que tudo está conectado e a desregulação metabólica e a inflamação semeiam estragos pelo corpo, uma das ideias mais ousadas envolvendo essa nova geração de medicamentos é tentar atingir a doença de Alzheimer. E, aí, o estado atual das evidências científicas talvez venha à tona para nos alertar de que não, não existem realmente panaceias. Embora análises observacionais tenham levantado a perspectiva de que os análogos de GLP-1 pudessem cortar as asas do declínio cognitivo, um estudo montado com essa finalidade, protagonizado pela semaglu-



CÂNCER NA MIRA Sob investigação: pesquisas buscam decifrar repercussões

tida, frustrou as expectativas e não demonstrou impactos dignos de nota. Não significa que a confiança na classe ruiu. Outras investigações, inclusive com moléculas diferentes (algumas nem lançadas ainda), seguem em frente para checar se interferir nessa via do organismo poderia proteger o cérebro. Há plausibilidade biológica: obesidade, diabetes e outras doenças crônicas são consideradas hoje fatores de risco para demências, e cada vez mais se defende o argumento de que a inflamação estaria na raiz do problema cerebral anos ou até décadas antes de os sintomas aparecerem.

Rompendo fronteiras, mais recentemente os pesquisadores começaram a olhar para o possível efeito dos remédios baseados em GLP-1 contra um dos maiores inimigos da saúde pública, o câncer. A história ganhou força após um estudo apresentado na maior conferência de oncologia do planeta revelar que esses fármacos estavam associados a uma redução expressiva na disseminação de tumores — esse risco caiu pela metade entre pessoas com câncer de pulmão que haviam utilizado as canetas. Como os dados são retrospectivos, é preciso uma camada extra de cautela antes de confirmar o benefício. Outro trabalho, focado em tumores de mama, apontou menores taxas de mortalidade e maior tempo de vida livre da doença entre usuárias das medicações com obesidade ou diabetes. Numa área em ebulição, mais um estudo, amparado em prontuários de 43 000 pacientes que empregaram ou não as canetas, encontrou uma incidência de câncer 17% menor entre os adeptos do GLP-1. Porém, contrariando a tendência geral, o risco de câncer colorretal foi 38% maior. Em poucas palavras, os dados ainda são nebulosos. “Sabemos que o excesso de peso aumenta a propensão a pelo menos treze tipos de tumor, mas precisamos ter rigor ao examinar as informações atuais pois faltam muitas peças no quebra-cabeça”, diz Couri. A ciência, ainda bem, desconfia de mágicas. Mas, picada após picada, também continua renovando nossas esperanças. ■

GERAÇÃO MIMADA

O salutar movimento que deu voz às crianças em casa resvala para a falta de limites – o que, segundo especialistas, prejudica pais e filhos

DUDA MONTEIRO DE BARROS E RICARDO FERRAZ



CADÊ A BÚSSOLA? Ataque de birra: o debate sobre como frear impulsos de tal natureza faz ferver o caldo da polarização

VIOLETA STOIMENOVA/GETTY IMAGES

QUEM TEM FILHO já sabe: os primeiros anos de vida reservam ataques de birra e muito choro. A fúria infantil costuma explodir em público, ao largo dos manuais de bons modos e irrompendo em momentos os mais inoportunos, ora no meio de um passeio, ora em cima do laço de um compromisso dos adultos. Se não há nada de inédito nesse comportamento próprio do desenvolvimento humano, o mesmo não se pode dizer das opiniões sobre a abordagem de pais e mães diante desse tão delicado quanto desafiante batente. Nas redes sociais, onde discordâncias logo viram batalha, não faltam acalorados debates sobre os métodos mais eficazes de criar a prole — fenômeno que não é novo, mas que agora vem revestido pelas incontornáveis tintas da polarização.

Em campos opostos do que se converteu em ringue estão, de um lado, os defensores da antiga cartilha baseada em regras rígidas e afirmação de autoridade; e, do outro, os seguidores da chamada educação positiva, ancorada no acolhimento e no exercício do diálogo. Entre os dois polos, há um pelotão de pais tomados pelo sentimento de que fazem tudo errado, divididos entre impor limites e tolher as asas de quem tanto amam, sem conseguir achar o desejável e saudável caminho do meio — o do equilíbrio.

Em poucas arenas mundo afora esta queda de braço de matizes filosóficos se revela tão intensa quanto na França, país outrora orgulhoso de uma criançada menos afeita à manha, fruto de um cotidiano de maior rigor. Pois também



ARQUIVO PESSOAL

SEM PERDER A TERNURA

A fotógrafa **Eduarda Almeida**, 26 anos, e o marido, **André Santos**, 32, fazem questão de explicar suas decisões do dia a dia para o filho, **Henrique**, de 2: “Acolho os sentimentos dele e tento manter a calma quando faz manha, mas isso exige tempo e muita paciência”, reconhece ela.

lá os ventos contemporâneos sacudiram o terreno conhecido, deixando progenitores perdidos em relação à dose certa na educação dos rebentos — questão que vem ganhando holofotes por meio de Caroline Goldman, expoente pop da psicologia, cujas posições firmes em tema tão sujeito a polêmicas vêm reverberando nas redes e em um podcast, onde fala a centenas de milhares de pessoas. Autora de best-sellers como *Já para o Quarto!*, ela se tornou uma das mais influentes vozes ao não poupar críticas à permissividade que diz ter tomado conta do cotidiano familiar, formando uma garotada que cresce sem encarar frustrações. “Estamos criando uma geração de crianças mimadas”, diz ela, enfatizando que não dá para colocar o miúdo ser em pé de igualdade com gente grande. “Estão confundindo o bom hábito de escutar os filhos com transferência de autoridade, o que só os deixa inseguros e angustiados. Não dá para ser tudo 100% horizontal”, enfatiza.

A reportagem de VEJA ouviu depoimentos de pais e mães cuja rotina é cercada de aflições e sentimentos contraditórios. Muitos entendem ter havido um movimento salutar rumo a uma educação menos engessada, em que a conversa substitui punições não raro excessivas, mas ao mesmo tempo se veem lançados ao outro extremo, com os pequenos exercendo um protagonismo sem freios. Negociações intermináveis sobre hora do banho, prato de comida e escolha de roupa acabam sendo assuntos nos consultórios, tamanho o tormento que causam. “Os adultos estão

CADA UM NO SEU QUADRADO

Desde que nasceu **Joaquim**, hoje com 2 anos, **Nátally Silveira**, 28, estabelece horários para o banho e a comida, e não permite que o filho dite o ritmo da casa. “Evitar frustração por medo de causar traumas gera insegurança para a criança e para a família”, acredita.

ARQUIVO PESSOAL



explicando tudo demais à criança, quando nem sempre é o caso”, afirma a psicóloga Ana Cristina Marzolla. Boa parte deles está em busca do tal ponto de equilíbrio. Mãe de Joaquim, de 2 anos, a biomédica Nátally Silveira, 28 anos, estipula horários, cultiva o rito da família à mesa e já ensina ao filho como pode contribuir em casa. “Tem gente que me acha rígida, mas o esforço é para prepará-lo para atuar com autonomia e respeito em sociedade”, diz.

Como esperado em um departamento da vida que de ciência exata não tem nada, a prática frequentemente se descola da teoria, por trazer inesperadas asperezas. Uma pesquisa da Quaest encomendada pelo instituto Infnis mostra um pendor dos pais para fazer uso da razão mesmo

em situações de aperto — 91% acreditam que explicar o erro é a forma ideal de agir quando o filho comete algum ato merecedor de repreensão, mesma fatia que repudia ofensas e xingamentos à criança. Na aplicação de tudo isso, porém, a coisa ganha complexidade. Quando instados a falar sobre as próprias atitudes, quase dois terços admitem que elevam o tom de voz com certa assiduidade e 49% reconhecem já ter batido nos filhos. “Muitos reproduzem a experiência que tiveram na infância, mas é importante ser crítico ao modelo de criação do passado e refletir sobre o que deu certo ou não”, afirma a psicanalista Silvia Lobo.

Um ponto de discórdia entre os pensadores sérios da educação gira em torno de um castigo usual — deixar a criança por um tempo no quarto para dar aquela pensada. Depois de setenta países terem aprovado leis que aboliram a palmada, o Brasil na lista, o tópico passou a dominar a discussão sobre violência contra a criança, que nesse caso, para alguns, seria de cunho psicológico. Defensora da medida, Goldman recomenda que seja incorporada ao dia a dia desde 1 ano de idade, por breves períodos que vão gradativamente aumentando. Aplicado com cuidado e afinco, o método, ela garante, ajudaria a moldar crianças que obedecem às regras e têm um mais harmonioso convívio com os colegas. E dá-lhe polarização aí: aos ouvidos de alguns dos mais reputados educadores, que já acusaram a colega de pregar uma “pedagogia repressiva”, isso soa como hereesia. Depois de se manifestarem contra Goldman e a pro-



O MELHOR POSSÍVEL

Pai de **Hugo**, 5 anos (à esq.), e de **Augusto**, 7, o ator **Tadeu França**, 38, se esmera para impor limites sem precisar dizer aos rebentos que serão punidos se cometerem erros. Admite, porém, que não está imune a falhas. “Tento dar o exemplo, mas é preciso fazer autocrítica o tempo todo. Não sou perfeito”, diz.

cessarem por difamá-los (ela os chamou de “delirantes” e questionou suas credenciais acadêmicas), seus detratores franceses emplacaram uma norma com força de lei para banir do mapa do país o tempo sozinho, recluso entre quatro paredes, o chamado *time out*. Esse debate já entrou no lar dos brasileiros — 47% são favoráveis a pôr o filho no canto, segundo o levantamento da Quaest.

Pesos-pesados nos estudos do desenvolvimento infantil, como o suíço Jean Piaget (1896-1980) e o britânico Donald Winnicott (1896-1971), trataram de reforçar a importância de se pronunciar com todas as letras a palavra “não” às crianças. Segundo essa turma, só assim, quando são repreendidas e não têm seus anseios de todo atendidos, elas criam a própria identidade. É justo o avesso do que acredita a educação positiva, que bebe da fonte do psicólogo britânico John Bowlby (1907-1990) e da neurociência, contrária a castigos de qualquer tipo. “A única lição que a criança aprende com eles é que o desconforto é criado por seus cuidadores, o que pode levar à sensação de abandono”, diz a neuropedagoga Maya Eigenmann. Apesar das discordâncias conceituais, ambas as correntes reconhecem o quão necessário é demarcar limites, tarefa das mais árduas. É por meio de exaustiva conversa com o filho de 2 anos que a fotógrafa Eduarda Almeida, 26, exerce a maternidade. “Requer mais paciência e pode ser mais cansativo, mas vale muito a pena”, admite.

Essas questões acabam desaguando na escola, onde desejos individuais precisam coexistir com regras coletivas. Os alunos aprendem ali a esperar a vez, dividir a atenção do adulto e respeitar diferenças. Não tem sido missão trivial para os educadores, que relatam a VEJA uma crescente dificuldade da garotada de assimilar o “não” em uma sala de aula arejada por novos valores e há tempos avessa à rigidez de castigos como a palmatória. “Brincamos di-



PÁGINA VIRADA Sala de aula nos anos 1950: rigidez do passado deu lugar a um protagonismo excessivo

zendo que eles são hoje príncipes e princesas, acostumados com atenção exclusiva em casa, quando na escola precisam lidar com o outro, aprendendo ética e civilidade”, observa André Marques, coordenador do Colégio São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro. Outro enrosco tem a ver com os próprios pais: se antes depositavam confiança na instituição em seu papel de guiar comportamentos, atualmente é comum que questionem decisões pedagógicas e

esperem que o colégio reproduza a dinâmica adotada em casa. “Diante de um conflito, é fundamental que a família referende o trabalho dos professores”, afirma Daniel Hele-
ne, diretor pedagógico do Vera Cruz, em São Paulo.

Na lida diária dos pais para que a prole não sofra dissabores e seja estimulada ao máximo, o cansaço vira estresse, podendo desembocar em um preocupante fenômeno que já ganhou nome: burnout parental. De acordo com Goldman e a ala da psicanálise que abraça sua linha, o figurino não precisa ser assim tão perfeito. Recorrer de vez em quando a babás eletrônicas, como TV e celular, de modo a proporcionar descanso aos tão exigidos progenitores, não é problema — desde que os limites de tela sejam demarcados, levando-se em consideração a faixa etária. “Não existe a parentalidade ideal, mas a possível, é preciso ter jogo de cintura para tudo fluir”, diz o ator Tadeu França, 38 anos, pai de Augusto, 7, e Hugo, 5. Orientações de bons especialistas são sempre bem-vindas — afinal, filho não vem com manual de uso. Mas o caminho a seguir será sempre uma escolha de cada pai e cada mãe que, ao embarcar na aventura de criar um ser humano, terão de decidir, à base de altas doses de sensatez, o que é melhor para todos. ■

GINÁSTICA CEREBRAL

A receita para melhorar a memória e afastar o Alzheimer passa por mudanças na alimentação e no estilo de vida. E agora a ciência detalha os ingredientes para chegar lá **DIOGO SPONCHIATO**



SIMPLEIMAGES/GETTY IMAGESV

TREINAMENTO Atenção e raciocínio exercitados: jogos eletrônicos podem ajudar a afiar os neurônios de idosos



UM PROGRAMA de dieta e treinos para a mente e o corpo capaz de aprimorar em 55% a cognição. Quem deparar com a afirmação nas redes sociais poderá suspeitar estar diante de mais uma falsa promessa de protocolos lucrativos para revitalizar o cérebro. Nesse caso, porém, não se trata de um serviço à venda nem de propaganda enganosa, mas de um experimento científico real. Pesquisadores testaram um conjunto de intervenções na rotina com o objetivo de turbinar e resguardar a massa cinzenta e as capacidades cognitivas de pessoas com maior risco de desenvolver demência. E o resultado foi altamente satisfatório, contrariando, ainda, o senso comum de que, com o envelhecimento, a memória, a atenção e o raciocínio rápido tendem a ruir. O trabalho, que envolveu voluntários brasileiros, foi um dos destaques da recente Conferência Internacional da Associação de Alzheimer, em Londres, e uma prova de que é possível empoderar as pessoas a fim de mitigar ou evitar o declínio dos neurônios.

Batizado de LatAm-FINGERS, o estudo recrutou 1 700 pacientes de 60 a 77 anos, um dos maiores do gênero já feitos na América Latina. Realizado, antes, em países como Finlândia, Japão e Estados Unidos, ele buscou avaliar a implementação de um protocolo de intervenções padronizadas e guiadas por profissionais de saúde entre indivíduos mais propensos a evoluir para um quadro de comprometimento intelectual e demência — idosos com desempenho mental abaixo do esperado, segun-



NUTRIÇÃO Consumo de frutas vermelhas: um dos destaques da dieta testada

do exames e fatores de risco para doença cardiovascular, mas sem sintomas de uma doença neurológica. O projeto dividiu os participantes em dois grupos, acompanhados por dois anos. O primeiro se engajou em um programa de autocuidado intensivo, com encontros presenciais, ligações telefônicas e monitoramento constante dos médicos. O segundo foi orientado a aderir a mudanças de hábito e a outras prescrições, mas seguiu esses passos por conta própria.



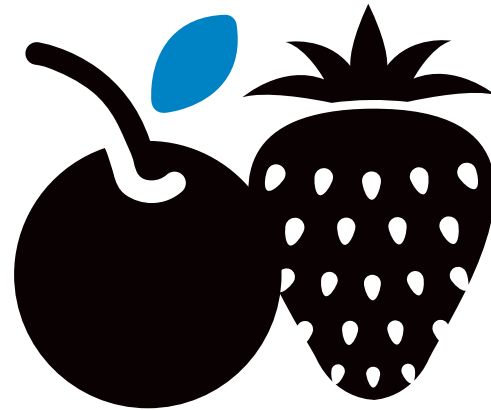
MOVIMENTO Atividade física: hábito fundamental para manter a cognição

A intervenção se estruturava em quatro pilares: adoção da dieta Mind, criada para fortalecer a cabeça por meio da junção do menu mediterrâneo e de um plano alimentar para conter a hipertensão; exercícios de condicionamento físico e força muscular ao longo da semana; treinamentos cognitivos por meio de jogos de computador; e controle de problemas crônicos que ameaçam o coração, mas também o cérebro, caso de pressão arterial, glicemia e colesterol elevados (*veja o quadro ao lado*). Ao final, o resultado, pu-

OS QUATRO PILARES

Análise revelou hábitos que resguardam as capacidades cognitivas

ALIMENTAÇÃO



Dieta Mind, que mistura a mediterrânea com um cardápio para controlar a hipertensão, com foco no cérebro. Ela privilegia:

- ▶ **FRUTAS (COM DESTAQUE PARA AS VERMELHAS)**
- ▶ **HORTALIÇAS**
- ▶ **GRÃOS INTEGRAIS**
- ▶ **LATICÍNIOS MAGROS**

EXERCÍCIOS



Atividade física realizada quatro vezes por semana sob supervisão, no início leve e com aumento gradual da intensidade:

- ▶ **35 MINUTOS DE EXERCÍCIOS AERÓBICOS, COMO CAMINHADA RÁPIDA, DUAS VEZES POR SEMANA**
- ▶ **15 MINUTOS DE MUSCULAÇÃO DUAS VEZES POR SEMANA**
- ▶ **15 MINUTOS DE TREINO PARA COORDENAÇÃO MOTORA E EQUILÍBRIO EM DOIS DIAS SEMANAIS**

CUIDADOS CARDIOVASCULARES



Realização de exames e tratamentos para evitar condições que acarretam o entupimento dos vasos sanguíneos, estopim para infarto e AVC, mas também para danos ao cérebro que evoluem para demência. Isso envolve o monitoramento de:

- ▶ **COLESTEROL ALTO**
- ▶ **PRESSÃO ARTERIAL ELEVADA**
- ▶ **NÍVEIS DE GLICOSE NO SANGUE**
- ▶ **PESO CORPORAL E CIRCUNFERÊNCIA DA CINTURA**

ATIVIDADE CEREBRAL



Um treinamento cognitivo foi conduzido de forma digital por meio de jogos de computador da plataforma BrainHQ (alguns deles podem ser acessados gratuitamente). Os exercícios para os neurônios trabalham:

- ▶ **MEMÓRIA**
- ▶ **ATENÇÃO**
- ▶ **VELOCIDADE DE RACIOCÍNIO**
- ▶ **TOMADA DE DECISÕES**

blicado na prestigiada revista científica *The Lancet*, chamou atenção: na ala que seguiu o “intensivão”, houve melhora de mais de 50% na cognição global, conceito que reflete as habilidades de evocar memórias, manter a atenção, responder a demandas de forma ágil e estar apto a tomadas de decisão.

O que poderia estar por trás de efeitos tão impactantes? “Na América Latina, temos um maior percentual de população sedentária e com fatores de risco como hipertensão, diabetes e colesterol alto descontrolados”, diz o neurologista Wyllians Borelli, do Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. “Por isso uma intervenção capaz de modificar essas situações tende a ser tão benéfica.” O curioso, segundo o especialista que esteve em Londres, é que o mesmíssimo plano de ação teve resultados bem mais modestos em nações ricas, como a Finlândia. Ou seja, para o bem ou para o mal, ainda há muito a ser feito em prol do cérebro no Brasil e na vizinhança. “O maior desafio na prática é manter os pacientes em uma rotina ativa e de cuidados fora do ambiente ideal de um estudo”, afirma a geriatra Mariana Sepulvida, do Hospital São Luiz de São Caetano do Sul, na Grande São Paulo. É aí que um país todo, com o devido suporte do Estado, precisa acordar e fazer sua parte — e não só da boca para fora. ■

INSTAGRAM @TAYLORSWIFT



LATIDOS DE AMOR Travis Kelce e Taylor Swift:
quando o marido parece um fã

O AMIGO FIEL DELAS

Maridos de celebridades põem em foco um novo padrão masculino: o chamado homem “golden retriever”, que leva devoção e lealdade ao extremo **LORENZO SOUZA**



É UMA coreografia que se repete em quase todo tapete vermelho, do último baile do Met Gala às sessões de divulgação do sucesso dos cinemas *A Odisseia*. Tom Holland chega de mãos dadas com a esposa, Zendaya, posa para alguns cliques e, antes que os fotógrafos peçam, sai discretamente do enquadramento. “É o momento dela”, justifica o galã. Nas redes sociais, esses pequenos gestos ajudaram a transformá-lo num dos exemplos de um novo fenômeno nas relações amorosas:

a ascensão do namorado (ou marido) “golden retriever”. Surgida nos posts e memes de fãs de celebridades na internet, e logo transformada em foco de problematização por psicólogos e terapeutas de casais, a expressão designa o homem que demonstra afeto sem medo de parecer vulnerável e que se exhibe genuinamente feliz se a mulher poderosa a seu lado ocupa o centro da cena. Assim como os cães da raça em questão, com seu comportamento fofo ape-

INSPIRAÇÃO

O cão da raça que batizou a tendência: fofura que os “boys” de hoje invejam

GLOBALP/GETTY IMAGES

sar do tamanho, trata-se de parceiros que, em suma, unem o charme masculino a certos traços desejáveis: são leais, carinhosos e estão sempre a postos para abanar o rabo — ou melhor, aplaudir — quando suas amadas brilham.

Além dos atores Tom Holland e Zendaya, que se conheceram no set do filme *Homem-Aranha: De Volta ao Lar* (2017) e atuam juntos na nova aventura do herói nos cinemas (*confira a reportagem “Teia de sucessos”*), outros casais comprovam que o coração das famosas empoderadas hoje bate mais forte pelos parceiros golden retrievers. Um caso notório é o romance da cantora Taylor Swift com o esportista Travis Kelce. Do primeiro flerte até a cerimônia sem flashes que recentemente os uniu em matrimônio, o grandalhão de 1,96 metro deu demonstrações de sua fidelidade canina a Taylor — em certos momentos, com tanto entusiasmo que mais parecia um fã. Kelce fazia questão de usar suas curtas folgas na liga de futebol americano para prestigiar os shows da turnê *The Eras Tour*. Chegou a subir ao palco na posição de só mais um figurante em torno da “deusa” Taylor. No casório reservado, há relatos de que o noivo era a figura mais emocionada e não se cansava de enaltecer a esposa popstar.

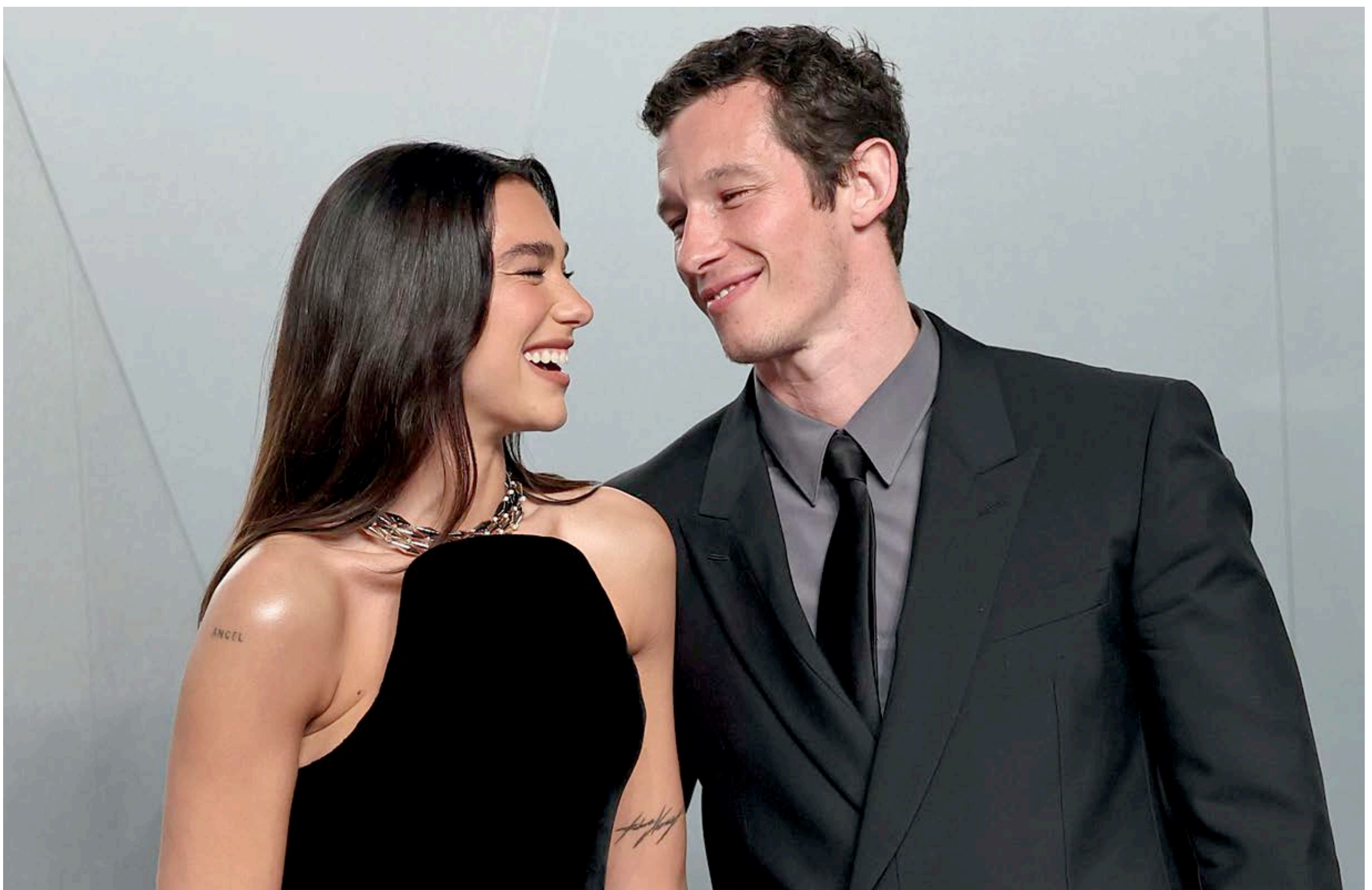
Outro casamento recente de celebridade — este, devidamente alardeado e instagramado — reforçou o maior diferencial no pedigree de um golden retriever: a capacidade de se tornar invisível para que a mulher ganhe todos os holofotes. Foi assim na festança em que a cantora Dua Lipa se uniu ao ator inglês Callum Turner. Muito se disse sobre a ousadia

MARCEL KOCH/BSF AGENCY/GETTY IMAGES



PAPEL DE APOIO O casal Tom Holland e Zendaya (*acima*) e os recém-casados Dua Lipa e Callum Turner: eles não hesitam em sair de cena para elas brilharem

JAMIE MCCARTHY/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

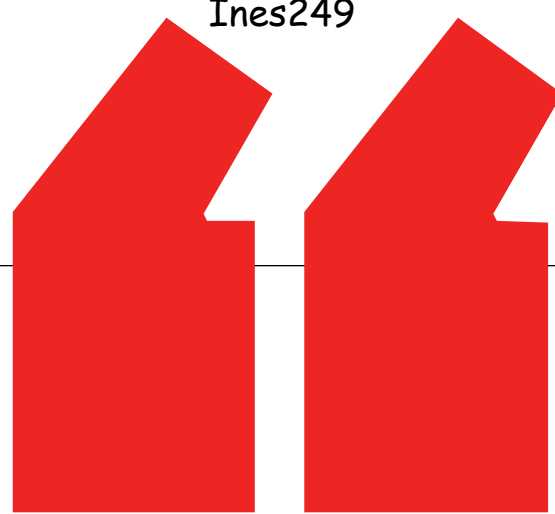


do vestido da noiva ou o barulho que ela causou na Sicília — mas dele pouco se falou. É como se o bem-apessoado e bonachão Turner fosse só mais um admirador embevecido da magnética Dua Lipa ali presente.

Em linhas gerais, psicólogos e terapeutas apontam que esse tipo de conduta masculina representa uma evolução nos relacionamentos (e isso vale para famosos ou mortais). Com sua tolerância, cumplicidade e respeito, parceiros assim são a antítese do velho e condenável padrão clássico de um casamento machista, em que o homem pode tudo e a esposa é obrigada — não raro de modo abusivo — a se apagar e sair de cena para que ele ganhe todos os louros. Para a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, o desejo por esse novo tipo de homem pode significar uma mudança de mentalidade. “Não vejo nada de negativo em um parceiro que seja gentil, carinhoso, brincalhão e esteja sempre por perto”, analisa ela.

Ainda que isso seja um progresso incontestável, pode haver questões periclitantes nas relações entre mulheres fortes e eles. A principal delas poderia ser descrita como uma tendência ao, bem, adestramento excessivo. As qualidades que fazem um namorado ou cônjuge ser visto como golden retriever são exatamente as que podem gerar desgaste se levadas ao extremo. Se ele é prestativo demais, pode perder limites e virar inconveniente; quando se torna afetuoso em demasia, pode parecer carente; a devoção sem freios pode levar o casal a evitar falar de problemas, até que aquilo se transforme em uma bola de neve. Até a amizade fiel tem limites. ■





O QUE MAIS QUERO NA VIDA É QUE O CÂNCER NÃO VOLTE

Com apenas 28 anos, a influenciadora Laura Beatriz enfrentou um tumor no pulmão após se render aos vapes



COSTUMAVA dizer para mim mesma que só pararia de fumar quando completasse 30 anos. Mas tive câncer de pulmão aos 26. Nunca acreditamos que essas coisas vão acontecer com a gente, até que aconteçam. A primeira vez que coloquei um cigarro na boca foi aos 14. Estava fazendo um trabalho de escola na casa de uma amiga quando ela e outras meninas insistiram para que eu experimentasse. No início, fumar era algo esporádico. Aos 18, virou dependência. Foi nessa época que conheci o vape, durante um intercâmbio na Nova Zelândia. De volta ao Brasil, passei alguns anos fumando cigarro convencional, até que, em 2020, migrei de vez para os eletrônicos. O que parecia uma alternativa só aumentou meu consumo: se antes fumava algumas vezes por semana, passei a fumar todo dia.

Mesmo formada em publicidade e propaganda, caí na armadilha criada pela indústria do tabaco para conquistar uma nova geração de consumidores. Diziam que o cigarro eletrônico era menos nocivo e que poderia até ajudar quem queria abandonar o tabagismo. Mentira: passei a fumar dez vezes por dia. Como o vape não deixa o cheiro característico do cigarro, comecei a usá-lo em lugares onde jamais fumaria um cigarro convencional: dentro de casa, no meu quarto, onde minha mãe tinha me proibido de fumar, enquanto passeava com a minha cadela, nos intervalos do trabalho, diante de qualquer situação de estresse. O pod estava sempre no meu bolso.

Até o dia 19 de dezembro de 2024. Foi nessa data que fui para o hospital achando que estava com pneumonia. Eu tinha bebido e fumado muito em uma festa no fim de semana, como tantas outras vezes. A segunda-feira começou com tosse e cansaço, mas esperei para procurar ajuda até quinta, quando passei a sentir pontadas nas costas. No pronto-socorro, uma tomografia detectou um nódulo no meu pulmão direito. Fui internada no mesmo dia. Recebi o diagnóstico de um tumor, um tumor maligno. Foi um choque de realidade. Estamos acostumados a ver pessoas tendo essa doença lá pelos 60. Só entendi a gravidade da situação depois da cirurgia que removeu metade do meu pulmão direito. Hoje, toda vez que sinto vontade de fumar, me lembro do dreno que comprimiu meu pulmão por três dias após o procedimento. A dor era infernal.

Os vídeos que gravei durante a recuperação no hospital viralizaram nas redes sociais, e continuo produzindo conteúdo sobre esse assunto justamente para alertar as pessoas de que os vapes não

têm nada de inocentes. Acho que muita gente começa a fumar na adolescência, movida pela curiosidade, mas essa curiosidade pode custar caro. Tem gente que associa cigarro a socialização, mas digo que, se você só será aceito por um grupo porque fuma, essas pessoas não são amigas de verdade. Existem atitudes muito mais saudáveis para cultivarmos nessa fase da vida. Hoje, pratico atividade física sete vezes por semana e passei a cuidar melhor da alimentação. Pela primeira vez, estou pensando no futuro. Antes, era só o aqui e o agora. Entendi que os hábitos que tenho hoje vão moldar meu amanhã.

Não vou dizer que foi fácil largar o pod. Passei três meses dentro de casa, após a cirurgia, me recuperando e evitando contato com pessoas que fumavam e bebiam. Na primeira vez que saí, acabei bebendo. Fui embora do aniversário chorando, porque a vontade de fumar voltou com força. Pensei: “Ainda não posso voltar a beber, porque a bebida é um gatilho”. E tudo o que eu não quero é sentir, mais uma vez, aquela fissura incontável. Muitos amigos evitavam fumar perto de mim nos primeiros meses, mas agora, dois anos depois, entendi que preciso conviver com a fumaça alheia. Ao mesmo tempo, vi pessoas próximas abandonarem o cigarro: minha noiva, meus pais, três amigos. Se a fissura pelo cigarro reaparecer, volto para casa, porque nem considero a possibilidade de uma recaída. Já coloquei na cabeça que nunca mais vou dar um trago, porque a coisa que mais quero na vida é que o câncer não volte. ■

Depoimento a Camila Mazzotto

BALNEÁRIO DO BARULHO

A Albânia foi de um dos países mais isolados do mundo a destino de praias badaladas na Europa – mas um imbróglio que envolve o nome Trump ameaça a paz do paraíso **LORENZO SOUZA**



MAR CHEIO Banhistas em Ksamil: cidades albanesas que já foram tranquilas hoje estão superlotadas e com preços em alta

POR QUASE cinquenta anos, a Albânia notabilizou-se como um dos regimes comunistas mais fechados do mundo. Governado na base do porrete por um ditador com paranoia de perseguição, Enver Hoxha (1908-1985), o país encravado na Península dos Bálcãs encheu seu pequeno litoral de bunkers e fortalezas, à espera de um ataque militar estrangeiro que nunca ocorreu. Mais de três décadas após a queda do comunismo, que se deu em 1991, a Albânia agora vive ironicamente uma invasão de fato. Só que não por navios de guerra, mas pelas hordas de turistas ávidos por um lugar ao sol naquelas mesmas praias, de beleza indizível, mas que hoje exibem os esqueletos de concreto das construções da era Hoxha.

Com localização privilegiada, a chamada Riviera albanesa era tida até pouco tempo atrás como “o último segredo do Mediterrâneo”. Não à toa: suas praias de águas translúcidas e azuladas surgem em meio a um relevo formado por baías, ilhas e penínsulas ladeadas por montanhas rochosas graciosas. Com ar despojado e cidades tranquilas, elas foram descobertas por mochileiros, depois passaram a atrair turistas em busca de menos agitação e preços mais em conta que os de destinos estrelados (e superlotados) como Mykonos ou Dubrovnik, nas vizinhas Grécia e Croácia.

O calor do verão albanês, contudo, já dá sinais de que está passando do ponto. E não se está falando aqui do clima inclemente que vem causando incêndios e outros transtornos, sobretudo na Espanha e França. Convertidas subitamente em nova sensação do Mar Adriático, as praias da Albânia passa-



TEMPO QUENTE A Revolução dos Flamingos: protestos já ameaçam governo

ram a enfrentar os mesmos problemas de excesso de turistas e preços galopantes de outros lugares famosos. Só em 2025, o país recebeu 12 milhões de visitantes, mais que o dobro de 2021. O turismo hoje representa 20% do PIB albanês, que fica na casa dos 30 bilhões de dólares anuais.

O boom trazido por tamanha badalação é positivo, sem dúvida, para a economia de uma nação diminuta e portanto tempo isolada do mundo. Mas o crescimento veio acompanhado de problemas que ameaçam a paz da Albânia — e até a sobrevivência do governo de plantão. A infraestrutura precária transformou balneários concorridos como Ksamil e Dhërmi em formigueiros humanos. Há,

ainda, muitas críticas e polêmicas em relação à corrida desenfreada de empreendimentos que se propõem a ocupar trechos pouco explorados do litoral.

O principal deles veio com um agravante de origem: por trás de um complexo de resorts de 1,4 bilhão de dólares, que pretende se estender por uma ilha e outro trecho intocado do litoral albanês, estão dois estrangeiros com ligações familiares tão abrasadoras quanto o sol mediterrâneo — o casal Jared Kushner e Ivanka Trump, genro e filha mais velha do presidente americano, Donald Trump. A tentativa deles de lucrar com o turismo nas praias albanesas vem incendiando o país. Há dois meses, protestos com milhares de pessoas carregando cartazes contra Kushner e Ivanka se sucedem na capital, Tirana. O movimento foi batizado de Revolução dos Flamíngos, em alusão à belíssima ave de penas avermelhadas que tem o litoral do país como um de seus habitats.

A revolta tem lá sua razão de ser. O local em que se planeja construir o empreendimento bilionário do casal é reconhecido pela importância ecológica. Além da ilha de Sazan, a região contém a área de preservação Vjosa-Narte, casa dos flamíngos e de diversas outras espécies. Os trabalhos na área estão em andamento e, de acordo com Aleksander Trajce, diretor do grupo Proteção e Preservação do Meio Ambiente na Albânia (PPNEA), o estrago já foi feito. Com isso, o governo albanês entrou na mira da população. Em 2022, legislações ambientais foram afrouxadas para a construção de um aeroporto na área protegida. Mais adiante, foram liberadas novas

INSTAGRAM @JAREDCKUSHNER



INSTAGRAM @JAREDCKUSHNER



SHOW DO BILHÃO O complexo (*acima*) de Jared e Ivanka: resort de luxo e chalés arrojados

edificações na região. Tais medidas são denunciadas como um suposto apoio silencioso ao projeto bilionário dos Trump — e o fato de o primeiro-ministro Edi Rama ser amigo de Kushner só piora as desconfianças.

A postura do genro e da filha do presidente americano piorou o imbróglio todo. Há dois anos, Kushner indignou os albaneses ao divulgar nas redes sociais representações nababescas de seu projeto, incluindo uma península tomada por construções e montanhas cobertas de chalés de luxo. A revolta pegou fogo de vez há poucos meses, após Ivanka narrar num podcast como ela e o marido teriam “descoberto” a ilha de Sazan, ex-forte militar abandonado, durante passeio de iate na região. Pelo visto, o ex-balneário comunista do Mediterrâneo ainda vai fazer muito barulho. ■

PASSADO LEVADO A SÉRIO

Como criar algo inovador é cada vez mais caro e arriscado, a indústria dos games aposta pesado em remakes de clássicos consagrados **ALESSANDRO GIANNINI**



RECORDE *Assassin's Creed: Black Flag Resynced*: 3,5 milhões de cópias em catorze dias

NO MUNDO de alto risco dos videogames contemporâneos, a fronteira mais lucrativa não é o futuro — é o passado. Desde as ruas enevoadas do reformatado *Silent Hill 2* até a histórica reestreia de *Halo: Campaign Evolved*, o setor de jogos eletrônicos está passando por uma profunda transição. O legado histórico não é mais apenas uma lembrança: o acervo agora é tratado como um ativo essencial para atrair tanto jogadores veteranos quanto públicos no-



LEGADO *God of War Trilogy Remake:*
saga de Kratos ganha outra roupagem

vos e mais jovens. Diante de custos de desenvolvimento astronômicos, que hoje podem variar entre 80 e 300 milhões de dólares para um título de categoria AAA, como são chamados os blockbusters da indústria de games, asadoras estão revitalizando franquias clássicas por meio de remakes de alta fidelidade.

Essa estratégia de apostar na nostalgia modernizada oferece uma rede de segurança financeira, reduzindo os riscos associados à produção de novos títulos. “É sempre mais difícil criar um produto novo e fazer com que ele seja bem recebido pelo público”, diz Reinaldo Ramos, vice-coordenador do curso de jogos digitais da PUC-SP. “É mais fácil reciclar alguma coisa que tem bastante mérito e que ainda tem lenha para queimar do que criar algo inédito.”

A tendência é impulsionada também por mudanças demográficas, já que a geração que cresceu com esses clássicos agora tem poder aquisitivo para comprar produtos por conta própria. Além disso, o reaproveitamento técnico reduz as barreiras de desenvolvimento: ao utilizar mecânicas de jogo já consagradas, os estúdios realizam um “retrofit” que economiza muito o tempo de produção.

Os dividendos financeiros dessa estratégia são enormes: segundo a empresa de consultoria britânica Ampere Analysis, jogadores ao redor do mundo gastaram 1,4 bilhão de dólares em remasterizações e remakes no Xbox, PlayStation e Steam entre janeiro de 2024 e setembro de 2025. Vale notar que a indústria trata remaster e remake como categorias dis-



PIONEIRISMO

The Legend of Zelda:

Ocarina of Time:

clássico que introduziu
o 3D volta para Switch 2

tintas: o primeiro é uma atualização visual e de desempenho, mais barata de produzir; e o segundo, uma reconstrução total a partir do zero que, em média, gera um faturamento 2,2 vezes maior. Essa diferença de retorno ajuda a explicar por que tantas publicadoras têm apostado nos remakes de grande escala. Um estudo recente da empresa de consultoria MTM reforça o tamanho do fenômeno: 90% dos jogadores de console e PC jogaram um remake ou remasterização no último ano, e a maioria nunca havia experimentado os títulos originais — prova de que esses relançamentos estão conquistando uma nova geração de fãs.

As grandes publicadoras abraçaram totalmente essa abordagem, adotando filosofias distintas para alavancar seu passado. A Ubisoft provou recentemente a viabilidade

comercial imediata do modelo quando *Assassin's Creed: Black Flag Resynced*, atualizado com novos recursos visuais, superou suas metas anuais em apenas catorze dias, ao vender 3,5 milhões de cópias do jogo. A Sony adotou uma estratégia de reconstrução histórica, preservando seu legado ao anunciar *God of War Trilogy Remake*, para trazer de volta o combate visceral de Kratos aos modernos padrões visuais do PlayStation 5. Enquanto isso, a Nintendo se destaca na recontextualização, preparando um remake de *The Legend of Zelda: Ocarina of Time* para o Switch 2 que adapta o mundo 3D pioneiro a uma iluminação e uma escala modernas.

Talvez o exemplo mais emblemático dessa era seja *Halo: Campaign Evolved*, reconstruído do zero em uma ferramenta moderna pela Halo Studios. Lançado recentemente, o jogo chega com três novas missões, que antecedem à trama do game original, e áudio inteiramente regravado. Mas o que realmente marca época no lançamento é outro item: pela primeira vez, o icônico Master Chief, personagem-símbolo da Microsoft, desembarca também no console PlayStation 5.

Apesar dos êxitos, a era de ouro dos remakes não é isenta de atritos. Parte dos consumidores resiste a pagar em média 70 dólares, cerca de 350 reais, por conceitos antigos e vê nisso um sinal de que a indústria, assim como acontece nas ondas de refilmagens dos estúdios de cinema de Hollywood, está trocando a inovação por apostas seguras. Em resumo: um sacrifício da criatividade em nome dos ne-



FRONTEIRA *Halo: Campaign Evolved*: reconstruído do zero, game agora roda no PlayStation

gócios. Casos como o de *Warcraft III: Reforged*, criticado por remover recursos do jogo original, mostram que paciência tem limites: quando a atualização sai mal-acabada, o público não perdoa.

Ainda assim, enquanto os clássicos modernizados continuarem no topo das vendas, é improvável que a tendência perca força: o remake de *Silent Hill 2* já ultrapassou a marca de 6 milhões de jogadores, e *Metal Gear Solid Delta* caminha para os 2 milhões de cópias vendidas — números que confirmam o valor do passado. O próximo passo, para o professor Ramos, da PUC-SP, deve vir da integração com a inteligência artificial. Por ora, porém, a indústria dos games já encontrou seu código secreto mais confiável para garantir estabilidade financeira: apertar o botão de retroceder. ■

NA ONDA DA SIMPLICIDADE

Ao apostar no surfe, grifes renomadas nos lembram que o maior luxo atual não cabe em vitrines ou passarelas: é a possibilidade de viver uma vida descomplicada **VALÉRIA FRANÇA**



DESPOJADO E CHIQUE O desfile da Louis Vuitton em Paris: chinelões, bermudas e camisas largas voltaram com tudo

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

COM SEU LOGOTIPO reconhecido em qualquer canto do planeta como atestado inquestionável de luxo, a francesa Louis Vuitton acaba de carimbar sua marca em um item inesperado: as pranchas de surfe. Recentemente, durante o desfile na Semana de Moda de Paris, a grife montou numa área ao ar livre da capital francesa um expressivo cenário com dunas e imenso painel que remetia a uma onda de 8 metros de altura por 37 de largura — do alto do qual jorrava água de verdade. Nessa praia estilizada, modelos de cabelos longos surgiam de camisas estampadas com coqueiros e carregando pranchas debaixo dos braços — devidamente ornadas com o famoso logo.

A Louis Vuitton não é a única no mercado do luxo a apostar na estética do surfe. Da italiana Miu Miu à americana Willy Chavarria, o visual desconstruído e confortável marcou, de inúmeras formas, os desfiles da temporada. A tendência, já batizada de *boardshort summer* (bermudões de surfista para o verão), é a evolução de uma vertente que a indústria da moda vem explorando nos últimos anos. Desde a pandemia, quando o conforto passou a ser prioridade no modo de se vestir, estilistas buscam referências no mundo do esporte. “A inspiração já veio do golfe, da vela e do tênis”, diz a consultora de moda Gloria Kalil. Chegou a vez do surfe — uma prática menos elitista e que transmite a ideia de comunhão libertária com a natureza.

No caso específico do surfe, o flerte com a alta-costura não chega a ser novidade. Pelo contrário: ao longo das déca-

WILLY CHAVARRIA



BULGARI



ESTILO Jordan Clarkson (à esq.) e Pedro Scooby: um refinamento descontraído

das, as grandes maisons volta e meia buscaram no estilo de vida praiano uma forma de renovar a força de suas criações junto às novas gerações. Ele foi símbolo de juventude nos anos 1990, quando Karl Lagerfeld incorporou pranchas, neoprene e estampas tropicais em coleções da Chanel. Nos anos 2000, o surfe voltou à tona num contexto de valorização dos esportes radicais e do streetwear.



IDÍLICO O clássico *A Onda dos Sonhos*:
anseios que transcendem gerações

A onda atual aposta assumidamente na nostalgia daqueles anos do início do século XXI, quando essa estética jovem viveu seu auge, no embalo do sucesso de marcas típicas do nicho surfista, como Rip Curl, Billabong e Quiksilver. O resgate do momento inclui as calças cargo e bermudas largas, além das camisas e camisetas descontraídas e, claro, com estampas praianas.

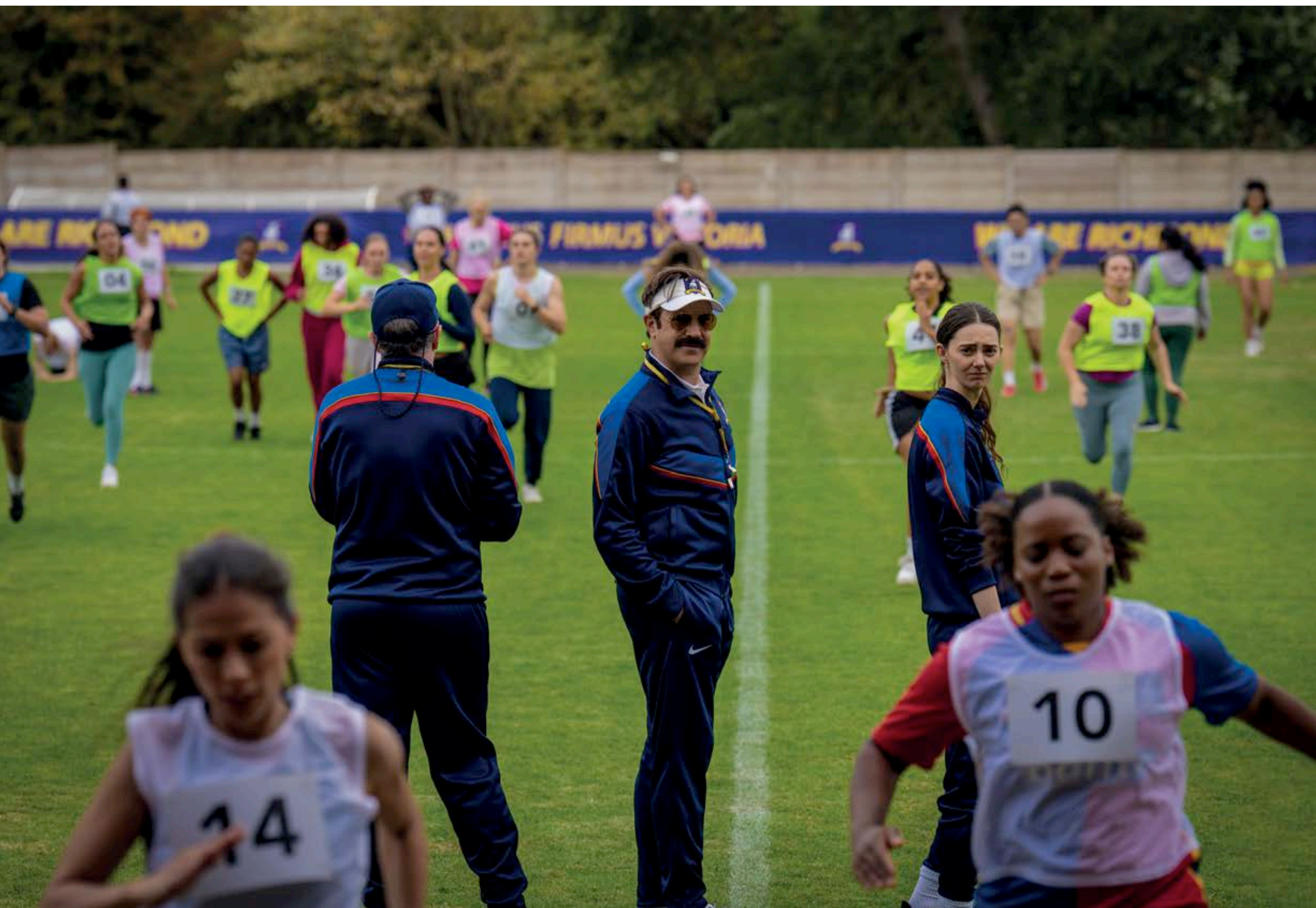
Nas vitrines, esse novo surfwear pode temperar looks despojados com refinamento. Basta olhar para o novo visual do brasileiro Pedro Scooby, surfista conhecido por encarar as ondas gigantes de Nazaré. Escolhido pela marca italiana Bulgari para participar de campanhas e eventos sociais, ele costuma aparecer de terno claro, confeccionado com tecidos maleáveis — uma despretensão chique. Já as roupas da Miu Miu combinam o *boardshort summer* com blazer de alfaiataria e camisa social. Nos pés, sandálias sofisticadas e sapatos formais. O estilista americano Willy Chavarria apresentou proposta semelhante ao vestir o astro da NBA Jordan Clarkson com bermudão, meia branca social, sapato e pasta de trabalho.

Mas o apelo idílico do surfe dialoga com anseios que ganharam força no mundo da profusão de telas e da existência fragmentada e veloz. Traduz a busca da geração Z por um estilo de vida simples, que traga reconexão com a natureza e uma providencial redução no ritmo. Um ideal celebrado em filmes como *Alegria de Verão* (1966) — que virou tema da campanha da Miu Miu para o verão —, em que dois surfistas viajam atrás da onda perfeita, ou *A Onda dos Sonhos* (2002), sobre praticantes femininas do esporte no Havaí. Ao abraçar o surfe, grifes como Louis Vuitton nos lembram que o maior de todos os luxos contemporâneos não pode ser ostentado em vitrines ou passarelas: é a possibilidade de viver uma vida livre e descomplicada. ■

O FUTEBOL É FEMININO

Comédia mais bem-sucedida do Apple TV, a série *Ted Lasso* retorna para uma quarta temporada com novos desafios: agora, um time de mulheres atrai os holofotes do mundo machista

KELLY MIYASHIRO, de Los Angeles



OTIMISTA Ted (Jason Sudeikis, *no centro*): treinador americano está de volta aos gramados ingleses

Se o apelo da série *Ted Lasso* ainda lhe escapa, aqui estão palavras de ninguém menos que Tim Cook, CEO da Apple. “É uma trama sobre a força do otimismo, de acreditar em si mesmo e no trabalho em equipe. São lições que todos nós podemos aprender”, disse a VEJA, em Los Angeles, durante o evento de lançamento da quarta temporada da produção, que chega ao Apple TV na quarta-feira 5. Cook tem uma razão extra para ser fã do seriado: ele venceu treze prêmios Emmy e foi o primeiro a romper a bolha de poucos assinantes do canal e alcançar o grande público, abrindo a porta para que outros títulos da casa também ganhassem projeção.

As qualidades que garantiram o sucesso do programa são muitas, mas, para além do roteiro afiado e de personagens cativantes, *Ted Lasso* encontrou um público sedento por alívio escapista ao estreiar, em 2020, em meio às dores do confinamento da pandemia de covid-19. Na trama, o personagem-título, um caipira assumido e treinador de futebol americano vivido por Jason Sudeikis, é contratado para liderar um time de futebol (o de verdade, com os pés, que já foi nosso) na Inglaterra. Lasso não entende nada das regras do esporte, está completamente perdido, mas sabe como motivar um time. Entre trapalhadas cômicas e tiradas emotivas, ele conquista os tipos mais durões em cena — enquanto seduz o público no sofá de casa, diante da televisão ou do computador. A série deveria chegar ao fim na terceira temporada, mas, por demanda popular, brotou uma quarta fase,



AMIZADE Higgins (à esq.), Rebecca e Keeley com o protagonista: entrosados

ainda mais interessante. Sai de campo a macholândia do time fictício Richmond e entra uma equipe de mulheres, apelidada de Lady Greyhounds. As atletas carregam a velha desconfiança de torcedores e acionistas — além de dramas típicos do mundo feminino, como o romance entre colegas e a maternidade.

As implicações desse universo, é sempre bom lembrar, extrapolam a ficção. O interesse pela modalidade vem crescendo, mas ainda está longe de rivalizar com o masculino. Segundo pesquisa da Nielsen, a base global de fãs da vertente feminina deve crescer 38% até 2030, passando de 500 milhões para 800 milhões — enquanto a ala masculina soma es-

tonteantes 4 bilhões de admiradores no mundo. Sudeikis almeja dar um empurrãozinho nas estatísticas, para ambos os gêneros. “Nos Estados Unidos, o futebol era o quarto esporte mais popular antes da série. Agora é o terceiro, atrás apenas do futebol americano e do basquete”, disse, orgulhoso, o protagonista e cocriador da trama (*leia a entrevista do quadro “Nos sugeriram escalar a Marta”*). Não por acaso, Sudeikis participou da cerimônia de encerramento da Copa do Mundo deste ano, com o figurino e o bigodinho de Ted Lasso.

A busca por mais espaço e respeito para as mulheres, reafirme-se, será o pontapé dessa nova fase. Ted e seu fiel braço direito, o treinador Beard, papel de Brendan Hunt, ganham o reforço da experiente e ranzinza Alice Chilton (Tanya Reynolds), ex-jogadora cansada de ver mulheres desvalorizadas no esporte. Justiça seja feita: embora minoria, as personagens femininas já eram peças fundamentais do seriado. A começar pela dona do clube, Rebecca (Hannah Waddingham), uma espécie de Leila Pereira, presidente do Palmeiras, da ficção. Originalmente, Rebecca briga para ficar com o time no divórcio — e planeja afundá-lo para se vingar do ex-marido, fanático por futebol. Por isso a contratação de Ted Lasso. Em vez de ser o último prego no caixão, o treinador injeta ânimo na equipe e, no processo, torna-se o melhor amigo da empresária. Agora, inspirada pelo fato de ser a única mulher no clube do Bolinha, Rebecca decide investir ainda mais. A escolha desperta questionamentos morais, entre eles o de pôr justamente um homem na liderança da



COLIN HUTTON/APPLE TV+

SUBSTITUIÇÃO O fictício time Richmond: saem eles, entram elas em campo

equipe. “Foi interessante vê-la refletir sobre isso”, disse Hannah sobre o recente ímpeto feminista da personagem, que durante anos viveu à sombra do marido, o vilão da comédia.

Outro destaque é a adorável Keeley (Juno Temple), que começou como uma WAG — gíria para esposas (*wife*) e namoradas (*girlfriends*) de jogadores, ou uma “maria-chu-teira”, termo politicamente incorreto, hoje em desuso — e se tornou dona de uma empresa de marketing que assessorou o clube, com a ajuda de Higgins (Jeremy Swift), o hilário assistente de Rebecca. Com dez episódios lançados semanalmente, a quarta temporada será um esquentar oportuno para a Copa feminina do ano que vem, que será disputada no Brasil. O gramado também é delas. ■



SEBASTIAN WIDMANN/FIFA/GETTY IMAGES

POPULAR Sudeikis: personagem participou da final da Copa 2026

“NOS SUGERIRAM ESCALAR A MARTA”

Cocriador e protagonista de *Ted Lasso*, Jason Sudeikis falou a VEJA sobre os desafios da nova fase da série do Apple TV.

Sentiu pressão dos fãs para voltar? Um pouco. Várias pessoas gentis me paravam na rua e perguntavam: “Ei, você vai

fazer mais? Teremos mais episódios? Sentimos falta da série”. E eu pensava: “Também estou com saudade”.

O final da terceira temporada parecia ser definitivo. O que o motivou a querer criar esta nova fase da série? Muitas das vozes dos personagens continuavam falando na minha cabeça. E essa não é uma forma muito fácil de conseguir dormir (*risos*). Decidi então pôr essas vozes todas no papel – para entregá-lo a pessoas muito mais talentosas do que eu. Assim, eles organizaram essas palavras de volta para mim.

Espera que *Ted Lasso* ajude a dar mais visibilidade à modalidade feminina do esporte? Isso acabou acontecendo até mesmo com o futebol masculino – que a gente pensava não precisar de ajuda. No entanto, aqui nos Estados Unidos, ele era o quarto esporte mais popular no país antes de começarmos a série e agora é o terceiro. O futebol feminino é incrível, e as mulheres jogam há muitos anos, dando um show em campo. Então, não é uma missão planejada, mas seria um “acidente muito feliz”, por assim dizer, se isso acabar acontecendo com um empurrão da série.

Podemos esperar uma personagem ou jogadora brasileira na série algum dia? Essa é uma ótima ideia. Inclusive, já nos sugeriram escalar a Marta.

BRASILIDADE MÁGICA

Com mais de meio milhão de livros vendidos e adaptações cinematográficas em andamento, Socorro Acioli é um admirável fenômeno do mercado editorial



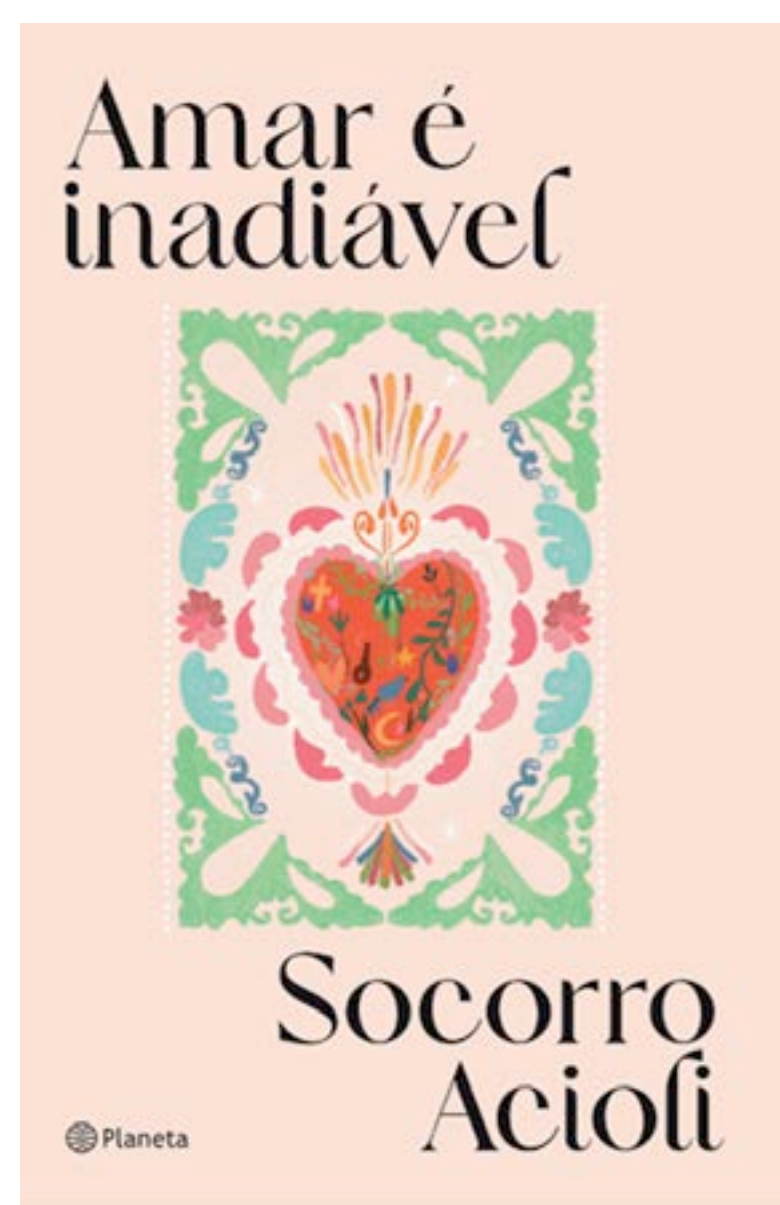
IGOR DE MELO

INSPIRAÇÕES A autora: nova obra reúne crônicas de viagens pelo Nordeste



ENTRE 2015 E 2022, a escritora cearense Socorro Acioli rodou o Nordeste reunindo inspirações para o romance *Oração para Desaparecer*. Enquanto trabalhava na obra ficcional, publicada em 2023, registrou seu dia a dia em crônicas semanais nos jornais de seu estado, *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Parte desse material está reunida em *Amar É Inadiável*, que acaba de ser lançado pela Editora Planeta. “Não queria que isso se perdesse. É um registro de anos da minha vida, dos lugares onde eu andei e das minhas percepções”, disse a autora de 51 anos a VEJA. Embora não tenha textos inéditos, a coletânea provocou entusiasmo: o volume foi o mais vendido durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano — era comum encontrar, nas charmosas e lotadas ruas da cidade fluminense, pessoas usando camisetas com o nome da obra estampada no peito. O encantamento tem razão de ser.

Dona de um texto que recorre à religiosidade e ao misticismo popular para retratar o Brasil com humor e delicadeza, a autora já passou da marca de 500 000 livros vendidos. Seus dois romances viraram fenômenos: *A Cabeça do Santo*, de 2014, e *Oração para Desaparecer* — ambos, aliás, vão virar filme, e o primeiro tomará a Sapucaí em 2027



**AMAR É
INADIÁVEL,**
de Socorro Acioli
(Planeta, 224
págs., R\$ 64,90
e R\$ 49,90
em e-book)

como enredo da Unidos da Tijuca. “O flerte com o cinema é uma história antiga, mas o Carnaval foi uma das maiores surpresas da minha vida”, diz. As muitas novidades não abrandaram as expectativas sobre seu próximo livro, *Delírio San Pedro*, previsto para 2027. A obra tratará de um hospital psiquiátrico — tema caro a ela, que perdeu os pais para doenças mentais. “Ser filha deles me ajudou a entender a dor do outro”, afirma. Socorro, contudo, faz questão de se distanciar de uma onda literária atualíssima, a chamada autoficção. “Da minha realidade estou cheia”, ri.

Criada pela avó materna, Socorro publicou sua primeira história aos 8 anos, depois de ser flagrada pelo diretor da escola escrevendo as redações dos colegas em troca de chocolate. Dedicou-se ao jornalismo e à docência antes de retornar à vocação. Os frutos vieram com a bênção de Gabriel García Márquez (*leia mais na reportagem “Universo particular”*), de quem foi aluna em 2006. “Eu enviei o parágrafo de uma história. Ele gostou e me convidou para uma oficina. Dali nasceu *A Cabeça do Santo*”, diz ela, que, além dos dois romances, assina diversos livros infantis. Comparada ao colombiano e descrita como representante do realismo mágico no Brasil, ela não se incomoda com o rótulo, mas aponta que o termo é impreciso, já que está intrinsecamente ligado à literatura latina do século XX. “Falta um nome para o que a gente faz hoje aqui. Temos o nosso estilo.” Que tal algo como “brasilidade mágica”? ■

Amanda Capuano

A dynamic action scene from the Spider-Man movie. Spider-Man, in his iconic blue and red suit, is shown in mid-air, leaping towards the left. He is surrounded by several enemies dressed in red suits with black masks and capes, who are also in mid-air, appearing to be in a fight. The background shows a dense urban skyline with various skyscrapers under a hazy sky. The scene is set on a rooftop with some industrial equipment visible.

DESAFIO O personagem: o filme o instala contra diversos algozes, de ninjas a um vilão secreto

TEIA DE SUCESSOS

Mais longevo Homem-Aranha do cinema, Tom Holland estrela seu quarto filme solo no papel e põe o apelo do personagem à prova em meio à fadiga dos super-heróis **THIAGO GELLI**

QUANDO foi apresentado ao mundo, no filme *Guerra Civil*, de 2016, o Homem-Aranha de Tom Holland dispensou apresentações. Conhecido de outros carnavais, o herói aracnídeo já chegou fazendo acrobacias entre os Vingadores e logo se tornou pupilo de Tony Stark, o Homem de Ferro. Depois de três filmes solo e outros dois ao lado dos Vingadores, ele encara um estranho recomeço. Em *Homem-Aranha: Um Novo Dia* (*Spider-Man: Brand New Day*, Estados Unidos, 2026), em cartaz nos cinemas, Peter Parker está em luto após a morte de sua tia May (Marisa Tomei) e passa por transformações físicas inesperadas

— a começar pela novidade de que seu corpo agora produz teias sozinho, sem a ajuda do dispositivo mecânico que atrelava ao punho. Em um dramático rito de passagem para a vida adulta, Peter terá de encarar sozinho as dores do crescimento.

Curiosamente, ao ser escolhido para o papel, o ator inglês, então aos 19 anos, mas com carinha de 15 (*leia mais na reportagem “O amigo fiel delas”*), chegou para rejuvenescer o personagem — que já havia sido interpretado por Tobey Maguire e Andrew Garfield. Somados os oito filmes protagonizados pelo trio mais as duas bem-sucedidas animações recentes da franquia *Aranhaverso*, a franquia já arrecadou 11 bilhões de dólares em bilheteria global — marco que faz dele o super-herói mais rentável da história do cinema. Em tempos de crise no filão — em que nem mesmo a promessa de outro épico dos Vingadores anima o público como outrora —, recai sobre os ombros de Holland a missão de salvar os superpoderosos do ostracismo. Por sorte, a história está a seu lado.

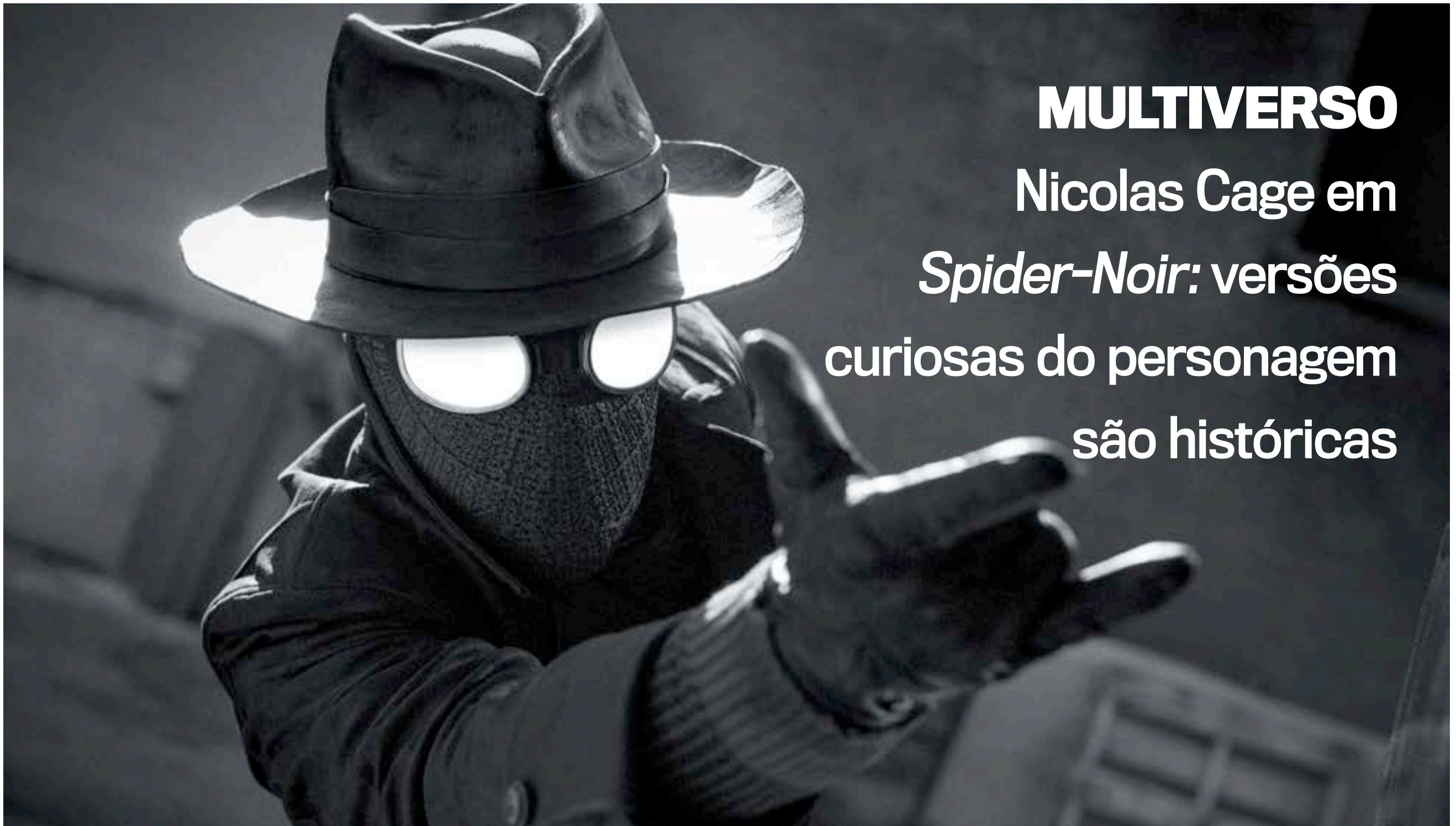
O apelo do aracnídeo se sustenta desde que foi criado em 1962 pelo escritor Stan Lee junto ao desenhista Steve Ditko. Diferente de grande parte dos heróis da época, como os inabaláveis Superman e Capitão América, Parker era um adolescente que, entre vilões malvados, tinha ainda de lidar com acne, provas e decepções amorosas. Dar poderes a um rapaz comum foi revolucionário — tanto que a Marvel, quando ainda era apenas uma editora de quadrinhos, ia mal das pernas e só se recuperou graças ao sucesso de vendas das revistas com o jovem saltitante. Logo vieram as primeiras adaptações audiovisuais: de uma



TRIO INFALÍVEL Garfield (à esq.), Holland e Maguire:
os atores somam bilhões de dólares em bilheteria

série de TV americana a uma curiosa versão japonesa, que o imaginava como um motoqueiro vingativo — um prenúncio da versatilidade do personagem, que ganharia releituras diversas, como a recente série *Spider-Noir*, com Nicolas Cage como o herói em um mundo violento e em preto e branco.

Em Hollywood, demorou para Peter Parker achar seu lugar. Entre múltiplas intrigas de direitos autorais, diferentes cineastas chegaram a idealizar suas adaptações. O mestre do terror Tobe Hooper, de *O Massacre da Serra Elétrica*, queria que ele se transformasse em uma aranha de verdade. Já James Cameron exigiu um orçamento tão exorbitante que sua versão ficou só no papel. Em 2002, o Homem-Aranha, enfim, ganhou um filme à sua altura com a direção revigorante de Sam Raimi e Maguire no uniforme. Era o início da febre dos super-heróis no cinema.



Nas duas décadas seguintes, a vertente lucrativa passou de mina de ouro a aposta de risco para os estúdios, por seus orçamentos altíssimos e retorno imprevisível. Para não deixar a peteca cair, *Um Novo Dia* tem suas armas secretas.

Feita com 225 milhões de dólares, a produção redobra a aposta em ótimas cenas de ação, mas sem esquecer da força que vem do material humano. Estão no elenco Mark Ruffalo, que volta ao papel de Hulk, e a atriz Sadie Sink estreando nesse universo como a mutante Jean Grey, dos X-Men. Sob os holofotes, de fato, estão Holland e Zendaya, que interpreta a namorada do herói, MJ. Os pombinhos se apaixonaram nos bastidores da franquia e agora estão casados. No roteiro, ela e todo o restante da humanidade esqueceram quem é Peter Parker graças a um feitiço do Doutor Estranho no filme anterior. O garoto, então, terá de reconquistar seu grande amor. Toda queda é a chance de um fascinante recomeço para o Homem-Aranha. ■

UNIVERSO PARTICULAR

Com a segunda parte de *Cem Anos de Solidão*, a Netflix aposta em cuidadosas produções regionais com jeito internacional **RAQUEL CARNEIRO**



RIGOR Claudio Cataño na pele do coronel Aureliano Buendía: obra-prima da literatura



EM SEU DISCURSO de agradecimento pelo Nobel de Literatura, em 1982, Gabriel García Márquez teceu uma explicação poética sobre as particularidades da América Latina aos europeus da Academia Sueca, responsáveis pela honraria. Da instabilidade política à força obstinada do povo, até passagens de criatividade perversa — como o episódio em que o ditador mexicano López de Santa Anna fez um funeral para sua perna direita —, esse “reino sem limites” e “repleto de tristeza e beleza”, nas palavras do colombiano, era fácil ser confundido com lendas exóticas pelo olhar caricato estrangeiro. “Nosso problema tem sido a falta de meios convencionais para tornar nossas vidas verossímeis”, disse. Por isso mesmo, Gabo era avesso à ideia de adaptações cinematográficas de sua obra — que passariam inevitavelmente pelo filtro hollywoodiano, sendo descharacterizadas no processo. Esse cenário, ainda bem, mudou.

Com a internacionalização do audiovisual, impulsionada pelo streaming, narrativas locais se tornaram um terreno fértil a ser explorado não mais pela mão estrangeira, mas pela visão de diretores, roteiristas e produtores do país de origem de cada história. A receita foi essencial para a criação da belíssima série *Cem Anos de Solidão*, que lança sua segunda e última parte, na Netflix, na quarta-feira 5. Adaptando com rigor literário e visual a obra-prima de García Márquez, a produção foi negociada com muito jeitinho por Francisco Ramos, vice-presidente de conteúdo da Netflix para a América Latina, com a família do escritor. “Concordamos que deveria ser uma série em espanhol e, principalmente, com talentos colombianos”, disse o

executivo mexicano a VEJA (*leia a entrevista no quadro “Exportar ideias é poderoso”*). “Era fundamental ter na equipe pessoas que entendiam o valor e a moral da história do livro.” E que livro: o monumental *Cem Anos de Solidão* parte de uma vila, a fictícia Macondo, para narrar as idiossincrasias, dores e alegrias da Colômbia e, também, do nosso continente.

Destrinchar essa cultura é, ainda, um filão lucrativo — especialmente no que diz respeito ao Brasil, um dos mercados mais relevantes para a Netflix. Nos últimos doze meses, o tempo que os brasileiros passaram assistindo a produções da plataforma cresceu 39%, o maior aumento de audiência na América Latina. Em contrapartida, o que é feito por aqui também tem apelo global: a minissérie *Emergência Radioativa* entrou para o ranking das séries mais vistas da empresa no primeiro semestre deste ano, assim como o documentário sobre o jogador Ronaldinho Gaúcho. Ambas as produções refletem as falas de Gabo em seu discurso do Nobel: como traduzir uma tragédia na qual catadores de sucata espalham, inocentemente, o perigoso cézio-137 pela cidade de Goiânia? E como explicar aos estrangeiros as aventuras aleatórias do craque de futebol e rei dos memes?



MARCELO MARAGNI/NETFLIX

JORNADA Massaro e Santoro: bastidores de *O Diário de um Mago*



TRAGÉDIA *Emergência Radioativa*: alta audiência em retrato do caso do cézio-137

Outra trama peculiar nacional — e grande aposta da plataforma a ser lançada neste ano — é o filme *O Diário de um Mago*, baseado no livro de Paulo Coelho, com direção de Vicente Amorim. Johnny Massaro dará vida ao escritor, e Rodrigo Santoro será o guia misterioso Petrus. A produção foi rodada ao longo do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, cenário essencial da história — os dois atores fizeram o trajeto antes, na preparação para o longa. Durante a Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, a Netflix — uma das patrocinadoras do evento — divulgou a adaptação de um pequeno grande clássico, *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, autor de *Ainda Estou Aqui*, no qual narra a virada sofrida após um acidente deixá-lo tetraplégico. Há muita história a ser contada abaixo da linha do Equador — um fascinante universo particular. ■

“EXPORTAR IDEIAS É PODEROSO”



DIVULGAÇÃO

DESAFIOS Ramos: “O Brasil é um de nossos maiores mercados”

Francisco Ramos, vice-presidente de conteúdo da Netflix na América Latina, fala a VEJA sobre adaptações.

***Cem Anos de Solidão* era considerado inadaptável. Como mudaram isso?** Trabalhamos de perto com a família. Concordamos que deveria ser em espanhol e com talentos colombianos. Era importante ter na equipe pessoas que entendiam o valor e a moral da história. Essa segunda parte ficou melhor que a primeira, pois estávamos mergulhados em Macondo.

Qual o maior desafio no processo? Que fosse realista e mágico, sem parecer uma fantasia à la Disney. E também transformar uma prosa poética em diálogos – que são poucos no livro.

É comum ver adaptações de obras europeias e americanas em Hollywood. Como tem sido criar com textos latinos? A literatura local, especialmente a do boom latino-americano, é uma fonte seminal sobre nosso passado. Adaptar o que é escrito aqui é importantíssimo para nossa sociedade.

E o Brasil nesse cenário? É um de nossos maiores mercados, tanto de assinantes quanto de produtores. Exportar ideias e cultura é poderoso.

**AFETO TERAPÊUTICO**

Hans (à esq.) e Maarten:
exemplo comovente de
dinâmica familiar

DENNIS WIELAERT/AUTORAL FILMES

CINEMA

CHAMPAGNE – UMA VIAGEM DE PAI E FILHO

(*Champagne*, Países Baixos, 2026. Estreia na quinta-feira 6)

Essa “dramédia” encantadora acompanha a saga de Maarten (Leo Alkemade), que organiza uma viagem para se aventurar ao lado do pai, Hans (Huub Stapel), recém-diagnosticado com câncer terminal. Na linha do aconchegante sucesso francês *Intocáveis* (2011), a trama põe os dois em múltiplas enrascadas cômicas que gradualmente os aproximam, conforme ambos bebem mais taças e se apaixonam pelas paisagens bucólicas dos vinhedos franceses. Para o ator e comediante holandês Alkemade, o projeto ainda tem teor terapêutico: ele sonhava em fazer a mesma viagem com seu pai, mas não teve tempo antes de perdê-lo. Como forma de processar o luto, escreveu o roteiro e decidiu também estrelar o longa — uma carga emocional que fica clara em cena.

TELEVISÃO

FÚRIA (disponível na Netflix)

Gerente de uma escola de MMA à beira da falência, Toni (Fabio Lago) complementa a renda trabalhando como catador de recicláveis. Em um lixão, ele encontra Marcelo (Vinícius Neri) baleado. Sem memória, mas cheio de traumas, o rapaz pede abrigo na academia de Toni — e lá descobre que sabe lutar muito bem, tornando-se a grande esperança do treinador de, enfim, vencer competições para salvar o negócio. Os fantasmas do passado do rapaz desmemoriado, contudo, voltam para atormentá-lo nesta série provocativa sobre violência, poder e ganância — além de contar com atuações envolventes de Claudia Raia e Du Moscovis no elenco.



NETFLIX

FORTALEZA Neri na série: rapaz perde a memória, mas lembra que sabe lutar



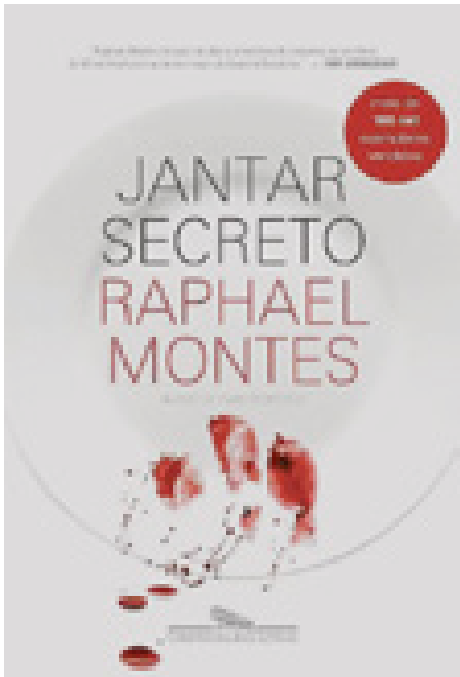
DISCO

REALITY AWAITS,

The Strokes (disponível nas plataformas digitais)

Encerrando um hiato de seis anos desde o premiado *The New Abnormal*, o novo disco do quinteto nova-iorquino é fortemente influenciado pelas experimentações do vocalista Julian Casablancas em seu projeto paralelo, The Voidz — no qual intervenções eletrônicas se aliam a um clima sombrio nas letras e nos ritmos. Produzido por Rick Rubin, o álbum abre com a atmosférica faixa *Psycho Shit*, que emenda na saborosa *Dine N'Dash*. Efeitos sintéticos e distorções rompem com o som convencional do grupo de forma envolvente. ■

FICÇÃO



1	JANTAR SECRETO Raphael Montes [0 37#] Companhia das Letras
2	A CABEÇA DO SANTO Socorro Acioli [5 54#] Companhia das Letras
3	O MASSACRE DA FAMÍLIA HOPE Riley Sager [1 21#] Intrínseca
4	NOITES BRANCAS Fiódor Dostoiévski [2 31#] Várias editoras
5	VERITY Colleen Hoover [4 215#] Galera Record
6	ODISSEIA Homero [0 1] Várias editoras
7	A HIPÓTESE DO AMOR Ali Hazelwood [3 62#] Arqueiro
8	JANTAR SINISTRO Freida McFadden [0 1] Record
9	A HORA DA ESTRELA Clarice Lispector [8 74#] Rocco
10	ORAÇÃO PARA DESAPARECER Socorro Acioli [9 7#] Companhia das Letras

NÃO FICÇÃO



1

BOM DIA, INVERNO

Tamara Klink [1 | 12] Companhia das Letras

2

AOS PÉS DA LETRA

Gregorio Duvivier [3 | 12] Companhia das Letras

3

1177 A.C. – O ANO EM QUE A CIVILIZAÇÃO ENTROU EM COLAPSO

Eric H. Cline [0 | 1] Avis Rara

4

MEDITAÇÕES

Marco Aurélio [7 | 63#] Várias editoras

5

SOCIEDADE DO CANSAÇO

Byung-Chul Han [4 | 126#] Vozes

6

O PRÍNCIPE

Nicolau Maquiavel [2 | 136#] Várias editoras

7

RÁPIDO E DEVAGAR

Daniel Kahneman [9 | 213#] Objetiva

8

COISA DE RICO

Michel Alcoforado [10 | 45#] Todavia

9

A OLIGARQUIA DOS PODERES E A CRISE DA DEMOCRACIA

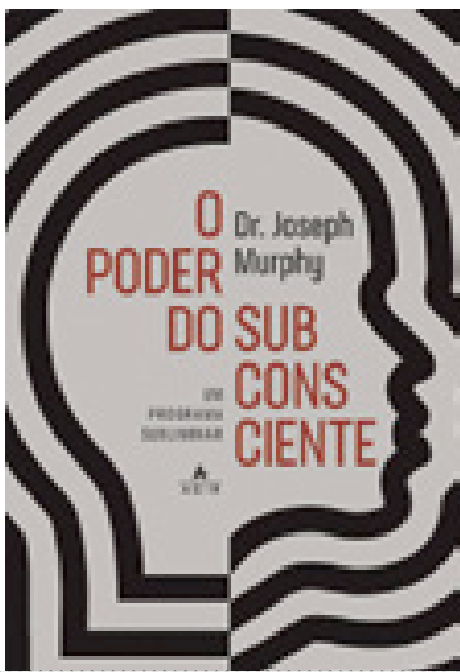
Joaquim Falcão [0 | 1] História Real

10

COLEÇÃO SABERES

Vários autores [0 | 3#] Astral Cultural

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1

O PODER DO SUBCONSCIENTE

Joseph Murphy [5 | 34#] BestSeller

2

HÁBITOS ATÔMICOS

James Clear [2 | 140#] Alta Life

3

CARREIRA É AÇÃO

Vários autores [0 | 1] Gente Autoridade

4

A CORAGEM DE NÃO AGRADAR

Ichiro Kishimi e Fumitake Koga [0 | 17#] Sextante

5

A PSICOLOGIA FINANCEIRA

Morgan Housel [4 | 144#] Harper Business

6

COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS

Dale Carnegie [7 | 206#] Sextante

7

A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER

Ana Claudia Quintana [0 | 48#] Sextante

8

VERTIGEM

Lela Brandão [0 | 3#] Sextante

9

MAIS ESPERTO QUE O DIABO

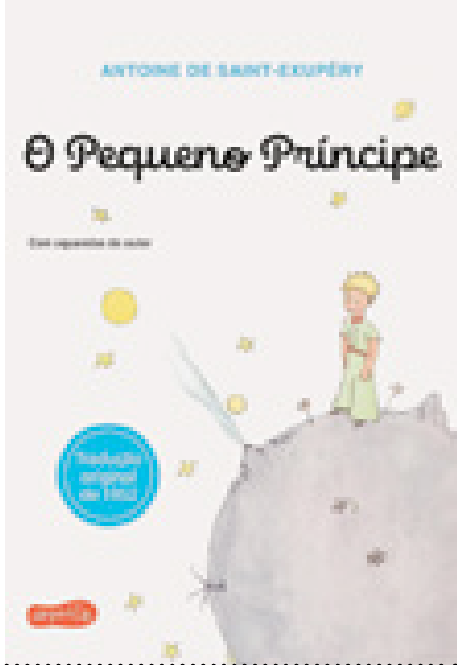
Napoleon Hill [0 | 182#] Citadel

10

CONFISSÕES

Santo Agostinho [0 | 17#] Várias editoras

INFANTOJUVENIL



- 1

O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry [1 | 523#] Várias editoras
- 2

O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA 4

Maidy Lacerda [3 | 10] Outro Planeta
- 3

MELHOR DO QUE NOS FILMES

Lynn Painter [2 | 102#] Intrínseca
- 4

O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

José Mauro de Vasconcelos [7 | 40#] Melhoramentos
- 5

HEARTSTOPPER: PARA SEMPRE

Alice Oseman [4 | 3] Seguinte
- 6

O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA

Maidy Lacerda [5 | 83#] Outro Planeta
- 7

NÃO É COMO NOS FILMES

Lynn Painter [6 | 41#] Intrínseca
- 8

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

J.K. Rowling [10 | 506#] Rocco
- 9

O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA 2

Maidy Lacerda [0 | 22#] Outro Planeta
- 10

DIÁRIO DE UM BANANA

Jeff Kinney [0 | 78#] VR

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas
o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Ananindeua:** Leitura, **Aparecida:** Paulus, **Aracaju:** Escariz, Leitura, Paulus, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Barueri:** Travessa, **Belém:** Leitura, Travessia, **Belo Horizonte:** Boa Viagem E-commerce, Contraponto, Disal, Domus, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, Tamoios Distribuidora, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Boa Vista:** Paulus, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, Platô Passagem Literária, Saraiva, Travessa, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, Paulus, **Campinas:** Candeeiro, Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Paulus, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, Paulus, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Cássia:** Livraria da Praça, **Caxias do Sul:** Leitura, Paulus, Santos, Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Paulus, **Criciúma:** Curitiba, Santos, **Cuiabá:** Janina, Leitura, Paulus, Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Domus, Livraria da Vila, Paulus, Telaranha, Vozes, **Embu das Artes:** Livra Livros, **Florianópolis:** Curitiba, Leitura, Livrarias Catarinense, Paulus, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia:** Livraria da Vila, Leitura, Paulus, Saraiva, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** Paulus, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ilhabela:** Canoa, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, S.A Books, **João Pessoa:** Leitura, Paulus, Saraiva, **Joinville:** Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes, **Jundiaí:** Livraria da Vila, Leitura, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, Olga – A Livraria da Cidade, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Paulus, **Manaus:** Leitura, Paulus, Valer, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, Paulus, **Niterói:** Leitura, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Gato Preto, Leitura, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Santos, Saraiva, Sinopsys, Travessa, Viva Livro, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Jaqueira, Leitura, Paulus, Saraiva, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Magazine Luiza, Paulus, Saraiva, **Rio das Ostras:** Tarrafa, **Rio de Janeiro:** Argumento, Disal, Leitura, Leonardo da Vinci, Paulus, Saraiva, Travessa, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, Saraiva, **Santa Maria:** Santos, **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Curitiba, Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, Livraria da Cidade, **São José dos Pinhais:** Curitiba, Magazine Luiza, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus, **São Paulo:** A Página, Aigo Livros, Americanas, Athenas Livros, Authentic E-commerce, Bandolim, B307 Livraria e Saúde, Círculo, Cultura, Curitiba, Disal, Emó, Entretempo, Essência, Jefte Livros, Keru Livros, Leitura, Livraria da Alma, Livraria da Vila, Livraria das Perdizes, Loyola, Magazine Luiza, Movimento Literário, Paisagem, Paulus, Provérbios, Santuário, Saraiva, Selecta Livros, Simples, Travessa, Unesp, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Paulus, Saraiva, **Taboão da Serra:** Books2u, Leitura, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, Paulus, **Uberaba:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, Paulus, **Umuarama:** A Página, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** Leitura, Paulus, **internet:** Amazon, Americanas, Cultura, Curitiba, Leitura, Saraiva, Submarino, Vanguarda



JOSÉ CASADO

JOGO ABERTO

“**OLHEM** para a pesquisa espontânea”, recomendou a principal executiva do Datafolha em reunião com empresários na semana passada, em São Paulo. O grupo à mesa de almoço se mostrava curioso sobre tendências do eleitorado nesta etapa de definição dos candidatos à Presidência da República. Luciana Chong surpreendeu ao sugerir mais atenção ao menos óbvio retrato estatístico, o do movimento instintivo dos eleitores.

“O que é que mede a intenção de voto espontânea?” — provocou. “Ela mede a cristalização do voto, né? É a primeira pergunta que o pesquisador faz para o entrevistado. Muitas vezes se tem um destaque maior para as intenções de voto no primeiro ou segundo turno, mas é muito importante ver o resultado da espontânea. Ele mostra o quanto as pessoas já estão mobilizadas com a eleição, o quanto a eleição já faz parte da vida de cada um.”

O resultado é um tanto surpreendente: a nove semanas da primeira rodada nas urnas, quase quatro em cada dez eleitores ainda tratam as eleições com evidente apatia. São donos de 37% dos votos disponíveis e não conseguem mencionar, de forma natural, o nome de um candi-



dato a presidente em quem possam votar.

Chong encontrou uma palavra para resumir o quadro eleitoral: desmobilização. E é maior do que havia a essa altura no inverno da temporada eleitoral de 2022. Exemplifica: “25% não tinham candidato na pesquisa espontânea, em 2022, e hoje são 37%. Isso comparando o mesmo período final de julho, tá?”.

É preciso vasculhar os mapas estatísticos para saber quem seriam esses eleitores desmobilizados, apáticos, indecisos ou simplesmente resignados com as ofertas eleitorais que estão aí. Dados coletados pelo Datafolha indicam que são, principalmente, as mulheres. Elas estão “desmobilizadas” numa proporção muito maior (45%) que os homens (28%). Completam o quadro os jovens, residentes nos estados do Sul e, na maioria, não alinhados a agrupamentos políticos tradicionais — classificados como independentes em várias pesquisas.

Espera-se que essa fatia expressiva do eleitorado comece a se mobilizar para definir seus interesses a partir da próxima semana. Por isso, acredita Felipe Nunes, da Quaest, a etapa da campanha dominada pela propaganda e debates terá peso decisivo.

Hoje, apenas dois meses antes da votação, a disputa presidencial permanece um jogo aberto com a indecisão de quase quarenta em cada 100 eleitores. “Parece ser uma eleição muito difícil de cravar”, comentou Nunes para o grupo de empresários, acrescentando: “Lula começa com

“Indecisão de 37 em cada 100 eleitores amplia incertezas a nove semanas da votação”

uma condição de favoritismo maior do que seus concorrentes, isso já está demonstrado. No entanto, se os ‘fundamentos’ do processo eleitoral favorecem o presidente, a agenda de preocupações dos eleitores favorece a oposição”.

Violência e corrupção se destacam entre as maiores preocupações dos brasileiros, praticamente, em todas as pesquisas. São temas que fomentam “desejos de mudança e costumam favorecer candidatos da oposição, especialmente os mais fortes da direita”, observou o executivo da Quaest. Tem sido uma tendência em eleições na América Latina. O governo Donald Trump, por exemplo, passou a apoiar partidos e candidatos com um modelo de segurança pública para campanhas em países onde a economia do crime organizado se tornou muito relevante.

O desenho prevê uma nova abordagem militarista, legitimada na aplicação das leis antiterrorismo e antimáfia às redes latinas do narcotráfico. Foi usado no palanque por Abelardo de la Espriella, expoente da extrema direita que

na semana que vem assume a Presidência da Colômbia. Está sendo copiado por Flávio Bolsonaro, do Partido Liberal, que se esforça para ser reconhecido como representante de Trump na disputa pela Presidência do Brasil.

Em tese, a oposição tem uma vereda eleitoral aberta em questões essenciais para o eleitorado, como violência urbana e corrupção. O problema do candidato hoje na liderança do voto oposicionista é que ficou difícil para ele fazer campanha anticorrupção, comentou Andrei Roman, da AtlasIntel, lembrando a corrosão na candidatura de Flávio Bolsonaro provocada por transações obscuras com o antigo dono do Banco Master, preso por fraudes bilionárias: “O desgaste dele deve continuar e, então, talvez possa existir a possibilidade de emergência de uma terceira via”.

Os empresários saíram do almoço com os pesquisadores convencidos de que, por enquanto, a única certeza possível sobre a disputa presidencial é a incerteza. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA



PRÊMIO • VOCÊRH • 2026

RH DO ANO

O SEU TRABALHO
TRANSFORMA A CULTURA
E OS RESULTADOS DA
EMPRESA? É HORA DE
SER RECONHECIDO.

Em sua 2ª edição, o Prêmio RH do Ano — realizado pela VOCÊ RH em parceria com GPTW e EXEC — celebra os líderes que estão moldando o futuro da gestão de pessoas no Brasil.

CORREALIZAÇÃO



EXEC

PATROCÍNIO



CADASTRE SEU
CASE ATÉ 01/09



CURSO

JORNADA DE IA PARA RH

Junte-se a VOCÊ RH, Alura e FIAP em uma formação exclusiva para RH



AULAS AO VIVO



MÓDULOS PRÁTICOS



CERTIFICADO

CONVIDADOS



PAULO EXEL

Fundador e sócio-gerente da Rooby RH e colunista da Você RH



CONRADO SCHLOCHAUER

Autor do best-seller "Aprendizado Incidental" e fundador e membro da nôvi



TAUANA LEIS

CVO da Team Upp e especialista em gamificação



ISIS BERGE SANGIOVANI

Sócia-diretora na Assigna e colunista da Você RH



CLARA CECCHINI

Colunista na VC S/A e criadora do CBDA



BRUNO JUNQUEIRA

Chief Human Resources Officer na Petlove



LARISSA SANTANA

Fundadora da CALOR CALOR e colunista da Você RH



JANINE GOULART

Head of People, Performance and Culture na KPMG



GARANTA SUA VAGA!

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e saiba mais.

alura + FIAP
PARA EMPRESAS

VOCÊRH